

# ACERVO LITERÁRIO

Um guia sobre escritores  
de Imperatriz






ALEILTON SANTOS | LEILIANE DE ARAÚJO

# ACERVO LITERÁRIO

Um guia sobre escritores  
de Imperatriz



© 2017 by *Aleilton dos Santos Silva & Leiliane de Araújo dos Santos*

Todos os direitos reservados aos autores  
de acordo com a Lei nº 9.610/98

**Revisão**

Aleilton Silva  
Leiliane Santos  
Lígia Regina Guimarães Clemente

**Ilustração**

Paulo Roberto de Jesus Costa

**Designer editorial e capa**

Leonan Alves de Sousa Moraes

**Impressão**

Estampa editora

*Aliar o jornalismo e a literatura é antes de  
tudo saber ouvir para melhor relatar histórias humanas.*

*Leiliane de Araújo & Aleilton Santos*



# SUMÁRIO

Prefácio .....	9
Apresentação.....	11

## **Adalberto Franklin**

Perfil   História, idealismo e abnegação .....	15
Resenha   Ofício das letras.....	20

## **Agostinho Noleto**

Perfil   A fama não faz o homem .....	25
Resenha   Kelbilim: o caçador de enganos .....	30

## **Edelvira Marques**

Perfil   O legado de uma pioneira .....	33
Resenha   Eu, Imperatriz .....	39

## **Edmilson Sanches**

Perfil   Ilustre Caxiense .....	44
Resenha   Contos orfãos .....	48

## **Gilmar Pereira**

Perfil   Sobre infância e a introversão .....	51
Resenha   O menino e a lagosta e outras peripécias .....	56

## **Ita Portugal**

Perfil   Ita Portugal, uma escritora em crise .....	58
Resenha   Homens, mulheres, amores.....	65

## **Lília Diniz**

Perfil   Mulher das palavras versadas .....	68
Resenha   Sertanejares .....	72

## **Livaldo Fregona**

Perfil   A pragmática do sonhador.....	75
Resenha   Abismos .....	81

## **Marcos Fábio**

Perfil   Um homem desconstruído .....	85
Resenha   Cotidiano cinza .....	90

## **Zeca Tocantins**

Perfil   Zeca, paixões, frustrações e inquietude às margens do Tocantins	93
Resenha   Curandeiras .....	99

**Conheça outros escritores/Miniperfis.....102**

Adriana Moulin.....	103	José Herênio.....	134
André Wallyson .....	104	José Queiroz .....	135
Antônio Coutinho .....	105	José Ribeiro.....	136
Ariston de França.....	106	Jucelino Pereira.....	137
Arlene Azevedo.....	107	Jurivê de Macêdo.....	138
Arnaldo Monteiro.....	108	Kaline Cunha.....	139
Aureliano Neto.....	109	Leonildo Alves.....	140
Carlos Ociran.....	110	Liratelma Cerqueira.....	141
Carlota Carvalho.....	111	Lourival Serejo.....	142
Cássius Chai.....	112	Luiz Carlos Porto.....	143
Cícero Marcelino.....	113	Magno Urbano.....	144
Conceição Formiga.....	114	Márlon Reis.....	145
Dom Affonso.....	115	Miguel Daladier.....	146
Domingos Cezar.....	116	Natália Mendes.....	147
Edmilson Franco.....	117	Nayane Brito.....	148
Edna Ventura.....	118	Neneca Motta.....	149
Elson Araújo.....	119	Pastor Wilson Filho.....	150
Fernando Cunha.....	120	Phelippe Duarte.....	151
Francisco Aldebaran.....	121	Ribamar Fiquene.....	152
Francisco Itaerço.....	122	Ribamar Silva.....	153
Francisco Lima.....	123	Sálvio Dino.....	154
Helena Ventura.....	124	Tasso Assunção.....	155
Hyana Reis.....	125	Tereza Bom-fim.....	156
Itamar Fernandes.....	126	Thays Assunção.....	157
Ivan Lima.....	127	Trajano Neto.....	158
James Pimentel.....	128	Ulisses Braga.....	159
João Paulo Maciel.....	129	Vito Milesi.....	160
João Rênor.....	130	Waldemar Pereira.....	161
Joaquim Haickel.....	131	Waldir Braga.....	162
José Breves.....	132	Weliton Carvalho.....	163
José Geraldo da Costa.....	133		



# PREFÁCIO

## Nas trilhas da literaruta imperatrizense

É sempre motivo de muita alegria quando vemos nascer um livro. E, quando este livro é sobre a arte de escrever, de expressar em palavras os mais distintos sentimentos do mundo, de publicar em poesia e prosa, então, essa alegria é multiplicada por mil. Dito isso, cumpre-me informar e abrir alas para ele: está saindo do forno a obra ***Acervo literário: um guia sobre escritores de Imperatriz***.

Trata-se de um esforço de dois estudantes do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFMA de Imperatriz: Aleilton e Leiliane, que mapearam e se propuseram a contar as histórias de 71 autores e autoras que teimam em escrever por essas bandas. Conseguiram.

A obra, que foge muito daqueles formatos pachorrentos e cartesianos dos guias de que se tem notícia, é um mapeamento literário, composto por 10 grandes perfis e 61 perfis menores. Cada perfil grande também traz uma resenha de um dos livros dos autores e autoras homenagead@s com sua minibiografia, escrita no mais limpo estilo de jornalismo literário – um texto recheado de personalismos, de oralidades, de dedos de prosa, de impressões sensoriais de entrevistador, entrevistadora e entrevistad@s.

Há um cuidado perceptível na obra, como um todo. Tanto nos seus textos quanto na escolha dos trechos a destacar, como janelas dos perfis e das resenhas, passando pelos próprios livros resenhados e pelas imagens que completam a diagramação. Tudo harmonioso, tudo dando uma leveza ao conteúdo.

Dentro da tradição de formulação de produtos midiáticos

que marca os Trabalhos de Conclusão de Curso (os famosos TCCs) no Curso de Jornalismo, este livro vem se somar a alguns outros belos trabalhos que já vieram a lume por lá, sendo uma pequena quantidade já, inclusive, publicada na forma de livro impresso. Professores, professoras, alunos e alunas estão sempre buscando oferecer à cidade, com essas produções, um registro da memória local, a quente, de hoje, viva e pulsando pelas ruas, praças, logradouros ou em pessoas mesmo, como as que estão com suas vidas contadas aqui. Registre-se que o trabalho tem a assinatura de orientação da professora doutora Thaisa Bueno e, lendo-o, é preciso reconhecer a marca do seu cuidado na supervisão.

Como projeto e produto de jornalismo, o trabalho não só tem a intenção de servir para a finalização de uma etapa da formação do autor e da autora, mas ser, futuramente, um produto lançado no mercado, que contribua, efetivamente, para enriquecer o panorama literário-cultural imperatrizense.

Não posso me furtar em registrar, enfim, a felicidade de ver um trabalho literário-acadêmico voltado para o resgate da vida, obra e fazer literário de tantas pessoas que se dedicam à arte de burilar as palavras, de entregar, para muitas ou poucas pessoas, em papel ou em pixels, o melhor dos seus valores, o melhor do que desejam ao mundo. E, dentro desse escopo, pontuar o destaque para os confrades e congreiras da Academia Imperatrizense de Letras, que foram agraciados com tão belo presente.

A literatura agradece este presente. E a cidade, com sua história, sua memória e sua identidade cultural, também.

Marcos Fábio Belo Matos

APRESENTAÇÃO

Imperatriz é considerada por muitos dos autores, como o historiador já falecido e ex-proprietário da única editora ativa em Imperatriz, a editora Ética, Adalberto Franklin, como o município que mais produz livros no Maranhão, com o lançamento de aproximadamente 50 obras de cunho regional por ano. Diante deste cenário a proposta desta publicação foi organizar, em formato jornalístico, um guia dos principais autores e obras que compõem a cena literária de Imperatriz.

Este trabalho se constituiu, dessa forma, num compilado de perfis dos escritores mais conhecidos da cidade, a partir de um levantamento com públicos pré-definidos e selecionados, cada um na sua especificidade, pela aproximação com literatura. Além disso, apresenta, também, uma resenha crítica-descritiva da principal obra de cada um dos autores perfilados. Para além desses autores de maior destaque, o produto aqui descrito retrata também um breve perfil dos 61 outros autores citados na sondagem. Desta forma, o préstimo proposto neste trabalho vai além de uma orientação de consumo da literatura local, pois se torna um estudo de grande importância para a memória literária da cidade, pois mais do que informar o guia de escritores tem como objetivo documentar uma parte essencial para o desenvolvimento cultural de Imperatriz.

O guia intitulado ***Acervo Literário: um guia sobre escritores de Imperatriz***, contém 71 autores, destes, 10 são destacados com perfis de maior profundidade e com dez resenhas da principal obra do perfilado. Os demais, 61, aparecem na obra com pequenos perfis sobre a carreira e suas publicações. A seleção dos autores partiu de um levantamento quantitativo realizado durante quatro meses na forma de questionário com cinco públicos-chave: Alunos de Jornalismo e de Letras; membros do Clube do Livro; leitores da Internet; Jornalistas e professores do curso de Jornalismo e integrantes da Academia Imperatrizense de Letras. Além disso, o trabalho tem como base entrevistas abertas que foram adotadas para a elaboração dos perfis e para o resgate da memória sobre a

história da literatura local.

A obra foi dividida em duas partes, na primeira são apresentados os dez autores mais populares, com um amplo perfil da sua carreira e biografia, bem como a resenha de sua principal obra; já a segunda parte descreve brevemente quem são e o que produziram os demais autores citados pelos entrevistados.

A proposta de um livro que organiza e documenta a produção literária da cidade, bem como resgata um pouco da história daqueles que fazem parte deste cenário, é um serviço na medida em que essa organização é um trabalho inédito e que busca orientar o leitor sobre o que se produz de literatura na cidade, ou seja, em última análise ajuda este potencial leitor na escolha do tipo de livro que poderá consumir por aqui.

Ao ler o guia, desnude-se de qualquer pré-definições a cerca da literatura imperatrizense e mergulhe na vida e obra daqueles que também contam histórias.



# HISTÓRIA, IDEALISMO E ABNEGAÇÃO

(ADALBERTO FRANKLIN)

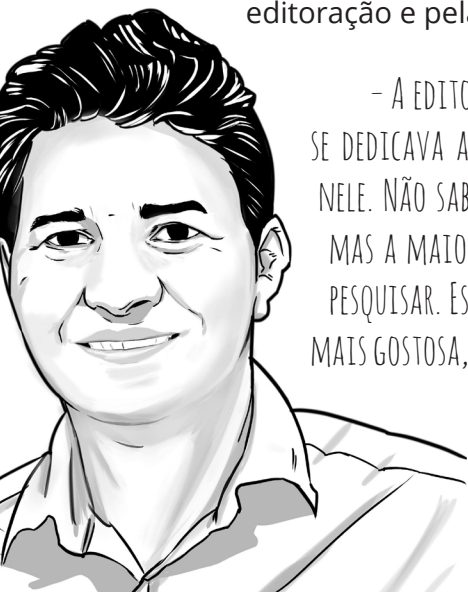
IB E P t

t f IB i v g o A e g F j

Por onde o homem passa, ele deixa rastros, vestígios e informações que posteriormente tornam-se fontes históricas de pesquisa. Essa percepção sobre o que é história foi fundamental na formação do jornalista, escritor e historiador Adalberto Franklin Pereira de Castro, 54 anos, autor de uma das obras mais famosas e importantes sobre a historicidade do município de Imperatriz, *Breve História de Imperatriz*, de 2005.

Adalberto foi sinônimo da produção literária na cidade, sendo o maior incentivador de publicações da região Tocantina por meio da editora Ética, da qual foi sócio e editor. Como autor, escreveu poucos livros: além de *Breve História de Imperatriz*, publicou *Ofício das Letras* (crônicas, 1995), *Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz* (pesquisa histórica, 2008); *Como evitar plágios em monografias* (2009), *Fé e riqueza* (2011), *Manoel Conceição: sobrevivente do Brasil* (2014) e *Repressão e resistência em Imperatriz* (2016). Mas a ausência de assinatura em outras publicações não o impediu de se tornar uma referência na literatura do estado por conta do seu entusiasmo pela editoração e pela pesquisa.

- A EDITORAÇÃO FOI A MAIOR PAIXÃO DO MEU PAI. ELE SE DEDICAVA AO MÁXIMO. É O QUE MAIS SE EVIDENCIAVA NELE. NÃO SABERIA DIZER EM QUAL FOI MAIS COMPETENTE, MAS A MAIOR PAIXÃO FOI EDITAR LIVROS, COMO TAMBÉM PESQUISAR. ESSE PROCESSO DA PESQUISA PARECIA SER A ETAPA MAIS GOSTOSA, DE SE EMPOLGAR, DE A GENTE VER O BRILHO NOS OLHOS DELE. (EDUARDO FRANKLIN, FILHO).





O autor vem de uma típica família do interior do Piauí. Pessoas simples do campo, uma família que sempre o incentivou a percorrer seus objetivos. Seu pai, Martinho Alves de Castro, e a mãe, Iracema Pereira de Castro, foram os principais responsáveis pela paixão de Adalberto pela editoração e pela forma humilde com que buscou alcançar seus objetivos, dando-lhe a oportunidade para conhecer mundo além de sua realidade, por meio dos livros.

Chegou a Imperatriz quando ainda era criança de colo e aos 11 anos já trabalhava como tipógrafo na Tipografia Castro Alves, que pertencia ao seu pai. Adalberto teve uma infância inteiramente ligada aos livros dos mais diversos estilos: de História, Antropologia, Sociologia, Religião, Língua e Jornalismo.

Por trás do famoso historiador, existia um idealista que buscava alcançar muitos sonhos. Segundo familiares, Adalberto não fez tudo que podia, pois para alguém como ele seria quase que impossível realizar tudo. A velocidade com que o autor idealizava projetos era mais rápida do que ele poderia executar.

– ELE ERA UMA PESSOA MUITA INQUIETA E SE ELE DEIXASSE DE SER, NÃO SERIA MAIS O ADALBERTO PORQUE ELE FOI UMA PESSOA INCONFORMADA. ELE TENTOU DESPERTAR ISSO EM TODO MUNDO, ESSA INQUIETAÇÃO (MARIANA CASTRO, FILHA).

A contribuição do autor para Imperatriz rendeu-lhe por duas vezes o prêmio Literário da Academia Imperatrizense de Letras, maior honraria para escritores locais, nos anos 2005 e 2009. Como reconhecimento pelos serviços prestados à cidade de Imperatriz recebeu em 2012 o título de Cidadão Imperatrizense e, em 2014, a Comenda Frei Manoel Procópio, maior honraria concedida pelo Município.

Apesar de o reconhecimento fazer parte do cotidiano do autor, ele sempre tratou todos como iguais. Exemplo disso está no relato da filha Mariana Castro, que pondera que seu pai era ávido por “ouvir histórias de pessoas, seja quem fosse, e quando a história tinha um desfecho além do esperado, ele já incentivava a pessoa a registrar”, assim como fez durante toda a sua vida.

Seu profissionalismo se estendeu a cargos importantes na cidade e região. Adalberto foi o primeiro presidente da Fundação Cultural de Imperatriz, um dos membros fundadores da Academia Imperatrizense de Letras (AIL), da qual ocupava a 19ª cadeira. Em 2012 tornou-se membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM), foi secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico e Gestão Pública de Imperatriz, secretário de Comunicação Social da Prefeitura de Açailândia, além de ter grande participação em movimentos da Igreja Católica. Concorreu também ao cargo de prefeito de Imperatriz em 2012, não obtendo um resultado positivo.

Enquanto jornalista, Adalberto foi redator e editor do jornal O Progresso, de 1986 a 1988, além de ter trabalhado como redator da TV Imperatriz, hoje TV Mirante, afiliada da Rede Globo. Entre outras ocupações foi secretário-executivo da Associação dos Municípios da Região Tocantina e coordenador do Movimento de Cursilhos de Cristandade do Brasil na diocese de Imperatriz.

Os escritos do autor não partiam de inspiração, eram mais uma maneira de formalizar as pesquisas realizadas e a cada descoberta era um encantamento. Adalberto foi daqueles homens abnegados, que facilmente se encantava por histórias e que, principalmente, acreditava no ser humano.

Adalberto Franklin faleceu em março de 2017 após sofrer um acidente vascular cerebral (AVC), ele estava em recuperação de uma cirurgia cardíaca feita em 2016. Sua

morte comoveu a cidade, levando inúmeras pessoas a se despedirem daquele que tanto lutou para manter vivo o espírito literário nos locais por onde passava.

Fica na lembrança de quem o conheceu os registros de um homem altruísta que lutava para desenvolver a cidade, que tanto admirava e valorizava os literatos locais, incentivando-os à publicação, ainda que isso lhe rendesse a falência, pois para ele a editoração e o incentivo tratava-se mais de uma necessidade existencial. Como registrou no seu site pessoal:

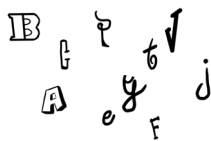
- A ÉTICA VEM RESISTINDO, NÃO PORQUE ESSE OFÍCIO TEM RENDIDO DIVIDENDOS FINANCEIROS. AO CONTRÁRIO. PARA MANTÊ-LA, CONTRAÍ AO LONGO DESSE TEMPO TRÊS FALÊNCIAS. NUMA DELAS, INCLUSIVE, TIVE QUE PARALISAR AS ATIVIDADES EDITORIAIS POR TRÊS ANOS, ATÉ CONSEGUIR RETOMÁ-LAS. É, SEGUNDO O DIAGNÓSTICO DE ALGUNS AMIGOS, UM CASO PATOLÓGICO. PARA MIM, NÃO, TRATA-SE DE UMA NECESSIDADE EXISTENCIAL ([HTTP://ADALBERTOFRANKLIN.POR.COM.BR/](http://adalbertofranklin.por.com.br/)).

De todas as heranças deixadas pelo jornalista, escritor e historiador, a paixão pelo livro e pela leitura, talvez seja a que mais salta aos olhos de quem o conheceu e conviveu com ele, que protagonizou a história de um grande literato imperatrizense.

**Principais obras:** *Breve História de Imperatriz* (2005); *Ofício das Letras* (crônicas) (1995); *Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz* (pesquisa histórica), (2008); *Como evitar plágios em monografias* (2009); *Fé e riqueza* (2011); *Manoel Conceição: sobrevivente do Brasil* (2014) e *Repressão e resistência em Imperatriz* (2016).

## OFÍCIO DAS LETRAS, 1995

Ética editora, 80 páginas.



O livro *Ofício das letras*, 1995, do escritor Adalberto Franklin, é uma coletânea de textos, entre artigos e crônicas, de cunho político, social e histórico, que abordam assuntos sobre a cidade de Imperatriz e algumas menções a acontecimentos de interesse nacional, como é o caso da carência na educação no Brasil, encontrada em *Desesperança e apatia*, e críticas aos atos políticos contra a liberdade da imprensa no texto *Verberações falconídeas*.

*“Aí entra o descontentamento de um certo Cleto Falcão, deputado de um duvidoso PRN, que, nesta semana, sapecou verbosidades contra a liberdade e a lei de Imprensa.” p.53*

Parece um daqueles livros despretensiosos que lemos sem esperar algo demais deles, muito por sua capa pouco atrativa, com apenas o nome do autor e o título sobre uma antiga folha de jornal numa cor neutra e por não ser de um conteúdo inédito, uma vez que seus textos são uma reunião de crônicas realizadas pelo autor enquanto jornalista dos jornais *O Progresso*, *Folha de Imperatriz* e *Jornal da ACII*, publicados entre 1989 e 1993.

Ainda assim, a obra surpreende, pois carrega o conhecimento e a opinião do autor, aparentemente longe de qual-

quer fator que possa ir contra sua liberdade de expressão.

Com um olhar crítico expõe, principalmente, aspectos da sociedade ligados às regras gramaticais da língua portuguesa em diversas situações cotidianas, por isso a escolha do título do livro. E é exatamente sobre isso que tratam os primeiros textos: de sinais de pontuação a palavras usadas em cartas-circulares, do manual do jornal *Folha de S. Paulo* à escrita de números em cheques, como em *O cheque recusado*.

*Estarrecedor é ver que esses mesmos zelosos bancários consideram aceitáveis aberrações ortográficas que diariamente aparecem em cheques, como “treis”, “deis”, “secenta”. p.18*

No período retratado na obra, o Brasil passava por diversas mudanças nos seus campos sociais: na política era o início da democracia com o primeiro presidente eleito por voto popular, Fernando Collor de Mello, em 1989; na tecnologia, com a internet que timidamente começava a se desenvolver no país, e as mudanças na educação. Tais temas não foram abordados em vão: Adalberto Franklin contextualiza o cenário nacional com o de Imperatriz, citando inclusive, com crítica, o analfabetismo do povo nordestino.

*“E em se falando de Imperatriz, há uma acentuada crise de desesperança e agudo grau de desestímulo de professores, pais e alunos em relação às escolas públicas, que não apenas são deficientes, mas anômalas, defeituosas mesmo.” p.47*

Sem usar palavras que amenizem a repercussão dos acontecimentos na sociedade, o autor expõe em cada linha uma opinião com conhecimento de causa e permite entender o contexto regional a partir de um recorte mais amplo, em relação ao resto do país.

O livro é composto por textos corridos, sem ilustração ou qualquer tipo de recurso que o deixe menos denso, assim

como eram os jornais da época, além disso, o autor não indica quando e em quais jornais foram publicados originalmente.

Os títulos sugestivos aos textos convidam o leitor a mergulhar nas ideias ali encontradas. Dos jornais onde o autor os publicava, dois ainda existem: *O Progresso*, um dos jornais impressos que ainda resistem desde sua criação e que está em circulação na cidade, tendo contribuído para disseminação de textos de vários literatos imperatrizenses, e o *Jornal da ACII*, jornal empresarial que visa entender a importância do associativismo e do comércio local.

É movido por este pensamento de criar um livro para se auto-agradar que Adalberto Franklin desenvolveu um ótimo exemplar para quem pretende conhecer mais sobre o dia a dia de Imperatriz, suas conquistas e estagnações, personagens ilustres e desconhecidos.

As 22 crônicas apresentadas no livro não seguem uma ordem cronológica dos acontecimentos, mas são reunidas de acordo com o tema. O tom opinativo com que o autor inicia seus textos demonstra a criticidade que ele pretende passar para seus leitores, como na crônica *Do que vi, li e ouvi*:

*“A mania muito brasileira de dar palpites sobre o conhecido e o desconhecido frequentemente invade a gramática. Uma reclamaçãozinha daqui, outra dacolá, umas e outras ironias em construções nem sempre bem estruturadas.” p.13*

Por assim dizer, Adalberto ressalta situações cotidianas de duas décadas passadas que demonstram como a tecnologia se desenvolve de maneira rápida, ora assustando as pessoas que precisam se adaptar, ora reavivando um cenário de disputas para quem melhor usa os novos procedimentos idealizados pelo homem. Um exemplo desse aspecto do livro se dá no texto *Uma nova linguagem*, no qual o autor destaca as dificuldades, principalmente da região e seus moradores,

em se adaptarem à máquina de escrever.

*“Ainda é grande o número de pessoas que não tem prática ou mesmo não sabem escrever à máquina. Em nossa região, principalmente. Não é difícil ver pessoas de boa qualificação profissional fazerem trabalhos à mão porque ainda não se acostumaram com as teclas.” p.23*

Embora o autor tenha ressaltado na apresentação da obra que os textos podem não ter algum tipo de valor histórico, ao folhear cada página do livro percebe-se que os relatos se constroem — muito pela própria característica da crônica de minuciosas descrições — a partir de cenários históricos, que para quem não vivenciou remetem àquela época, assim como aponta o trecho de *Retrato de um tempo*:

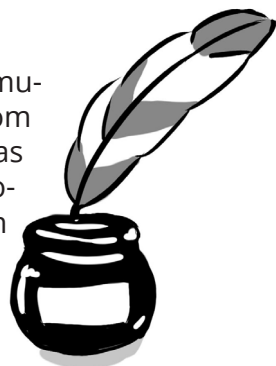
*“Já se vão vinte anos daquele 1972 em que cheguei com minha família à Imperatriz. Este '92 traz-me à constatação do quanto avançamos no tempo e a cidade mudou sua fisionomia. A Imperatriz de duas décadas antes vivia em efervescência. Crescia abruptamente com a chegada diária de famílias de tantos lugares diferente e longínquos e começava a despontar como grande pólo regional.” p.61*

Tanto a capa quanto a disposição dos textos devem conversar com o fato de terem sido trazidos dos jornais, não considerado um mistério, mas uma escolha do autor para apresentar a obra.

A multifacetada vida do autor, que acumulava as funções de historiador e jornalista, com certeza é ponto crucial nas escolhas dos temas apresentados. Chama-se atenção para momentos do livro que sugerem reflexões, assim como segue o trecho:

*“Fiquei pensando comigo o que poderá fazer um*

A e g d  
e f



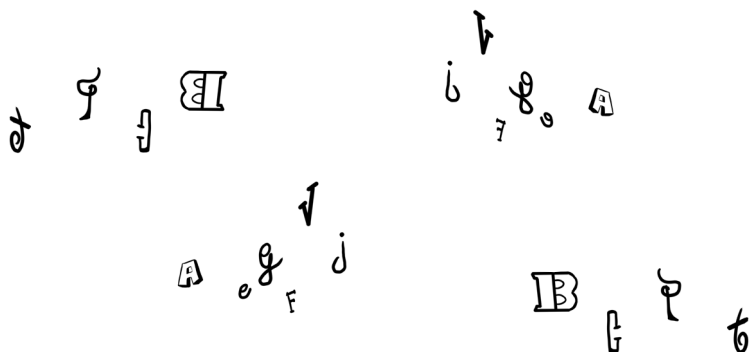
*menino de quinze anos sem saber ler e escrever em meio a esta sociedade tão exigente e indócil. Minha conclusão, é claro, não poderia dizer-lhe. Preferi calar-me a desmotivar tão nobre e frágil propósito.” p.69*

O trecho parte do relato sobre a vida de um adolescente engraxate que pretende mudar de emprego sem nenhum conhecimento é, de longe, um dos mais simples do livro, mas que melhor resume as reflexões que podem ser tiradas sobre a obra, que ainda discute com muita precisão outros aspectos políticos e sociais.



O livro mesmo sendo uma obra com poucas páginas, exatas 80, cumpre seu papel de expressar a responsabilidade do jornalista com a sociedade, expondo de forma clara e objetiva os relatos vividos ou observados pelo seu narrador. Adalberto Franklin fez um trabalho primoroso na exposição de seu conhecimento e muito provavelmente não agrada apenas a si, mas aos leitores que se debruçam em seus escritos.

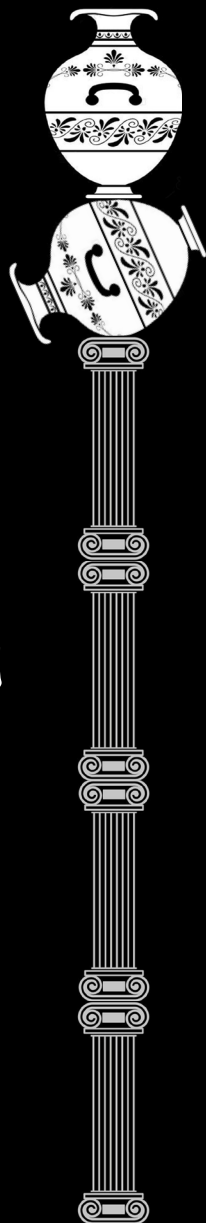
**Onde encontrar:** Academia Imperatrizense de Letras.





# A FAMA NÃO FAZ O HOMEM

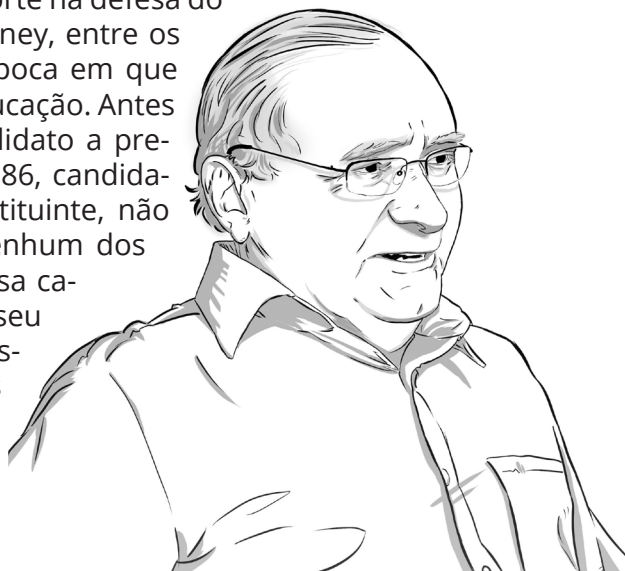
(AGOSTINHO NOLETO)



Quando chegou a Imperatriz, em 1968, Agostinho Noletto Soares era ainda o único jovem formado em advocacia que se tinha notícia na cidade. O propósito de sua vinda ao município era cuidar de um caso específico: regularizar as terras devolutas da região da pré-amazônia maranhense, as quais ocupavam 36% do território do Estado.

— PRECISAVA RESOLVER A QUESTÃO FUNDIÁRIA: TODA OCUPAÇÃO ESPONTÂNEA DESSA REGIÃO DA PRÉ-AMAZÔNIA MARANHENSE. E TINHA A GRILAGEM QUE COMEÇAVA A SE DIFUNDIR POR AQUI, ENTÃO BOTARAM UM ADVOGADOZINHO DE 26 ANOS PARA RESOLVER PROBLEMAS QUE SE ACUMULARAM HÁ MUITOS ANOS, QUE ERAM VOLUMOSÍSSIMOS.

Missão dada e o então advogado formado pela Universidade do Estado da Guanabara, atual UERJ, em 1967, o mais antigo profissional de advocacia de Imperatriz foi construindo uma história regada de experiências diversas, bem além da literatura. Caminhou na Política, da qual herdou a fama de ter uma personalidade forte na defesa do governo de Roseana Sarney, entre os anos de 2009 e 2014, época em que foi gestor regional de educação. Antes disso, em 1976, foi candidato a prefeito da cidade e, em 1986, candidatou-se a deputado constituinte, não tendo sido eleito em nenhum dos cargos pretendidos. Dessa caminhada Agostinho fez seu conhecimento virar história, tornando-se mais



tarde um literato.

Natural de Carolina (MA) e “abraçado” por Imperatriz, como ele diz, o advogado, professor, político e escritor maranhense, considerando esta ordem de formação, comenta que os experimentos em diversos campos do saber abriram o caminho para a escrita.

— ADVOGADO SEMPRE TEM UMA TENDÊNCIA PARA A LITERATURA, ENTÃO DECIDI ESCREVER MINHA EXPERIÊNCIA COMO SECRETÁRIO DE SEGURANÇA PÚBLICA. EM 1991 SAÍU O LIVRO “VIOLÊNCIA E JUSTIÇA EM CONTRAPONTO”. DEPOIS EU TOMEI GOSTO E LÁ SE FORAM SEIS LIVROS PUBLICADOS.

Há 20 anos o autor é membro da Academia Imperatrizense de Letras, ocupante da cadeira 25, instituição na qual também ocupou o cargo de presidente, o terceiro eleito pelos imortais, exercendo o cargo de 1999 a 2001. Inclusive, foi na biblioteca da AIL, rodeados pelos mais de cinco mil exemplares de escritores de diversas regiões do país, que nos encontramos para conhecer um pouco mais de sua história. Com simpatia e um sorriso estampado no rosto ele relatou que o título que ganhou de seu tempo na política não condiz com sua personalidade, mas que seu nome carrega uma força que vai além da fama.

— MEU NOME PRECEDE A FIGURA, VAI À FRENTE. AONDE EU CHEGO DIZEM: AH, SÓ TE CONHECIA PELA TELEVISÃO. MAS EU SOU UMA FIGURA DA CIDADE, UMA PESSOA MUITO SIMPLES, SERTANEJO AQUI DE CAROLINA, MAS O NOME ME PRECEDE, ÀS VEZES NÃO FAZ JUS À MINHA PERSONALIDADE, MEU CARÁTER. FAZER O QUÊ? COISAS DA PUBLICIDADE NÃO DESEJADA POR MIM, MAS ACONTECE.

Aos 74 anos, Agostinho é um romancista declarado. Dos

seis livros escritos, dois estão disponíveis e têm alcance mundial pelo site Amazon, são eles: *“O portal da Amazônia: crônicas de terra e gente”*, publicado pela Ética editora em 2008, e *“O velho Jaborandy”*, da editora Athalaia, em 2003. Mas apesar do sucesso, foi depois da publicação de *“Kelbilim: o caçador de enganos”*, publicado pela Ética editora em 2009, um romance inspirado na vida de um filósofo que cometeu vários enganos e com o qual recebeu o Prêmio Literário da Academia Imperatrizense de Letras em 2010, concedido pela Prefeitura de Imperatriz, que ele se viu de fato como escritor.

— KELBILIM É O RETRATO DESSE HOMEM SANTO, E DOS LIVROS DE ROMANCE QUE EU FIZ O PRIMEIRO DELES QUE ME DEU O MAIOR NOME COMO ESCRITOR FOI ELE, SÓ ENTÃO EU ME CONSIDEREI ESCRITOR.

Antes de *“Kelbilim: o caçador de enganos”*, Agostinho recebeu em 1993, o Prêmio Literário AIL pela obra *“Guerrilheiro sem rosto”*, de 1995, publicado pela Ética editora. O autor ainda recebeu, em 2014, a medalha de mérito legislativo da Câmara Municipal de Imperatriz pelas colaborações com o desenvolvimento municipal.

Na função de professor lecionou em diversos colégios e criou a Fundação Cultural e Profissional Ebenézer, uma associação privada em Imperatriz, e a Escola Parsondas de Carvalho, em Montes Altos, onde também exerceu o cargo de diretor.

Da visão crítica sobre um cenário de desvalorização da escrita local o escritor, que durante o exercício do cargo de presidente da AIL buscou incentivo para a realização do Salão do Livro de Imperatriz (Salimp), evento organizado pela instituição, defende que a leitura é uma engrenagem importante para o desenvolvimento da sociedade.

— É A RAZÃO DE SER DA ACADEMIA. A GENTE QUER QUE ISSO ACONTEÇA, POR ISSO ESSA NOSSA PREOCUPAÇÃO COM A LEITURA NA CIDADE, NINGUÉM CONSTRÓI UMA CIDADE, UMA NAÇÃO SEM LIVROS, SEM A CULTURA. A CULTURA É QUE DÁ EQUILÍBRIO AO DESENVOLVIMENTO, É QUE DÁ CONSISTÊNCIA, INCLUINDO A EDUCAÇÃO.

Diferentemente de quem se inspira em outros escritores, ele não destaca uma pessoa como fonte de criação, mas diz que a leitura o conduziu por este meio.

Há quase meio século morando em Imperatriz, o quarto de cinco filhos de dona Adelaide Noleto Soares e do senhor Marcelino Ferreira Soares, orgulha-se de aqui ter se instalado e constituído família.

— AQUI FIZ UMA FAMÍLIA, O MEU PRIMEIRO PATRIMÔNIO, E A MINHA VIDA LITERÁRIA, SOCIAL E POLÍTICA QUE ME DÃO ESSA SEGURANÇA PARA DIZER QUE EU SOU UM CIDADÃO DE IMPERATRIZ. AJUDEI A CONSTRUI-LA E ELA ME CONSTRUIU.

A fama não faz o homem, mas o caráter tem essa função, por isso Agostinho Noleto pode ser definido como um escritor “pé no chão”, convicto de suas decisões. Um romancista muito ligado à realidade. Um autor cuja característica é comprometimento com as causas às quais defende, autodefinido como um rebelde, um livre pensador.

**Principais obras:** *O portal da Amazônia: crônicas de terra e gente* (2008); *Violência e Justiça em contraponto* (1991); *Guerilheiro sem rosto* (1995); *O velho Jaborandy* (2003); *Kelbilim: o caçador de enganos* (2009); *Diário de viagem* (2014), e *Dois estranhos no caminho* (2017).

## KELBILIM: O CAÇADOR DE ENGANOS, 2009

Editora Ética, 212 páginas.



São comuns nos romances narrativas mais densas, com personagens complexos que se desenvolvem a partir de descrições longas sobre seus sentimentos. E são exatamente estes elementos que podem ser encontrados em *Kelbilim: o caçador de enganos*, romance do escritor Agostinho Noleto, lançado em 2009. Obra inspirada na vida de Santo Agostinho.

O ponto de partida da narrativa é o ano de 410. Os fatos retratados apresentam um dos períodos mais longos da história: a Idade Média, que foi do século V ao XV. Nessa época, os bárbaros já tinham tomado quase todo o território da Roma Antiga, menos Hipona, última das cidades da Numídia que ainda resistia. Os ataques eram comandados pelo próprio rei bárbaro Genserico. No meio desse confronto estava Kelbilim, filósofo que tentava defender seu lar por meio de seu conhecimento, articulando as melhores táticas de defesa. No andar da história, o romance mostra o personagem já no seu leito de morte, quando não mais conseguia pôr em prática seus pensamentos, só lhe restando repensar a vida. E é justamente nesse momento que o romance se desenvolve.

A sabedoria e o engano são dois conceitos basilares na história e que guiam toda a narrativa: conhecimento porque é o que move as decisões do personagem principal e leva o leitor a repensar suas próprias escolhas; e enganos, já que a

partir dos erros o personagem propõe uma reflexão sobre a existência humana e permite ao leitor amenizar seus próprios deslizes. Afinal, como o livro tenta sustentar, errar é parte da formação daquilo que somos.

Nas três fases da sua trajetória, Kelbilim sempre buscou toda forma de sabedoria possível. Na infância era apaixonado por aprendizados diversos, mas causava descontentamento dos pais que esperavam que ele seguisse o ofício da família para o comércio.

*“Para desgosto de todos, não me sentia comerciante nem fazia esforço algum para corresponder às expectativas de meu pai. O que eu gostava mesmo era de frequentar a escola municipal, onde revelei, desde os primeiros momentos, pendor muito especial para o estudo”. p.37*

E foi nesse período que o filósofo cometeu o primeiro dos seus muitos enganos. Para cada engano de sua vida, Kelbilim acreditava que justificavam sua existência. Foi na maioridade e velhice que se tornou um pensador e o amor foi um dos grandes fios condutores de todos os erros e acertos na vida do filósofo.

Por amar tanto uma mulher, descobriu o erótico como uma dádiva dos deuses. Apaixonado por duas, sua prima Fátima e a concubina Kāhina, com quem mais tarde teve um filho. E não conseguia ter muito discernimento.

*“Kāhina lembrava Fátima.  
Bebi da mesma fonte.  
Dois amores em um só.  
[...] Malogrado entendimento  
Liberdade de escolha  
Engano duplicado  
Prolongou por toda a vida  
Da luxúria fui escravo.” p.105*



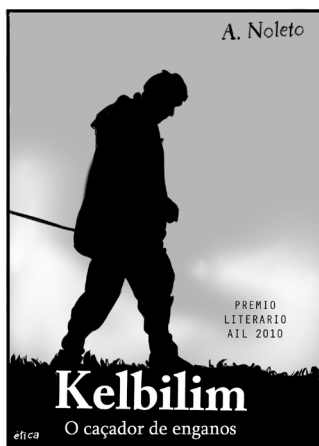
Dividido entre os dois amores, não abandonou sua liberdade, o que lhe acarretou muitos outros enganos.

Kelbilim seguia os ensinamentos de Platão e acreditava que o conhecimento já existia dentro de cada pessoa, que precisava apenas rememorá-lo. Para ele, o conhecimento funcionava como lembranças que eram usadas ou não. De toda a influência do platonismo, Kelbilim viveu uma vida cheia de aprendizado e a maior de suas conquistas foi seu encontro com a própria alma, quando pôde refletir de fato sobre cada atitude da sua história, a influência do tempo, de Deus e de conhecer a si próprio. Assuntos tipicamente filosóficos e que embasam toda a narração.

O livro que discorre em alguns aspectos sobre a filosofia não se restringe a uma historiôla didática sobre esse conhecimento, *Kelbilim: o caçador de enganos* traz uma fábula sobre um ser humano que procurou seu melhor de todas as maneiras e, como todo o ser humano cometeu erros. O que de alguma forma o diferencia dos demais é a capacidade de admitir e entender que os enganos cometidos existiam por algum propósito. Será?

Nas 212 páginas você será levado a várias reflexões que não se perdem em nenhuma época. O autor conseguiu criar um texto atemporal sobre discussões filosóficas do comportamento humano.

Esteja preparado para uma leitura gradual, de forma lenta, mas de muito aprendizado e questionamentos sobre as atitudes que tomamos. *Kelbilim: o caçador de enganos* poderia ser a história de qualquer um de nós.



**Onde encontrar:** Academia Imperatriz de Letras, Estampa livraria.



# O LEGADO DE UMA PIONEIRA

(EDELVIRA MARQUES)



**A**o caminhar pelas ruas do centro de Imperatriz algo desperta os sentidos: a nomeação de cada logradouro com referência aos estados brasileiros pode parecer corriqueira, mas por trás desta escolha está a história de uma mulher que construiu sua trajetória na cidade e deixou sua contribuição nos nomes das ruas e também na literatura regional.

Seguindo o mapa do Brasil, a escritora Edelvira Marques de Moraes Barros, na função de vereadora em 1958, organizou, juntamente com seu pai, os nomes das ruas de Imperatriz tendo como inspiração a família, já que anos depois da nomeação dessas vias, ficamos sabendo que foram assim chamadas com o intuito de que, um dia, suas netas não se perdessem na cidade. Outro feito, além deste, não poderia resumir melhor a perfilada: escritora, política, mãe, avó e educadora.

Em 2007, devido a complicações médicas a autora veio a óbito e o que seria uma conversa extremamente enriquecedora com ela se transformou em uma viagem de sentimentos dos que conviveram com a nossa personagem e que, em igual importância, são aptos a contar essa história.

Ela, Edelvira Marques, uma das mais importantes figuras da história de Imperatriz, nasceu em 27 de agosto de 1930, cresceu junto e ajudou no desenvolvimento do município, atuando em diversos segmentos da sociedade: enquanto política atuou no cargo de vereadora, que na oportunidade deu nome a várias ruas da cidade, projetadas por seu pai, Raimundo de Moraes – popularmente conhecido com Mundico, que na época era prefeito; exerceu também a função de jornalista, funcionária pública, mas foi atuando como professora e escritora que melhor contribuiu para que a história da

cidade fosse preservada.

- MINHA MÃE CRESCER JUNTO COM A CIDADE, ELA VIVEU E PRESENCIOU VÁRIOS FATOS DE IMPERATRIZ. ELA FOI VEREADORA E JUNTO COM MEU AVÔ MAPEOU AS RUAS DA CIDADE, PARA ELA ISSO FOI UMA COISA MUITO GRATIFICANTE. (ANA LÍ-GIA BARROS, FILHA)

Mas a relação com a cidade vai muito além de nomear ruas, sua dedicação se estendeu às pessoas. O instinto acolhedor, que segundo os familiares é herança de seu pai, é na lembrança da filha e das netas uma das características mais marcantes da escritora e talvez a que mais está presente em seus textos, uma vez que sua escrita é de tão fácil entendimento que contempla vários públicos leitores.

Edelvira teve cinco filhos biológicos: quatro mulheres e um homem, que morreu com vinte dias de nascido, além dos muitos filhos acolhidos.

- EU SINTO QUE A PASSAGEM DELA PELA VIDA DESSAS PESSOAS FOI MARCANTE, ENTÃO EU ACREDITO QUE A COMPENSAÇÃO QUE ELA TINHA ERA ISSO, DA CAPACIDADE DE DIRECIONAR A VIDA DAS PESSOAS. (ALICE MARQUES, NETA)

A capacidade intensa de instruir, à frente de qualquer outra função, fez com a que a escritora compartilhasse seu conhecimento na realização de projetos: foi colaboradora na fundação do primeiro ginásio de Imperatriz, o Colégio Bernardo Sayão; do primeiro ginásio municipal na escola Dorgival Pinheiro de Sousa e fundou juntamente com seu



esposo, João Marques da Silva, a escola Cristo Rei, que funcionou durante 12 anos. Além disso, assuntos de cunho educacional eram ainda mais fortes na vida pessoal da autora, que trouxe da simplicidade o cuidado com a educação e orientação daqueles que viviam a sua volta.

A tranquilidade de Edelvira expressa nas palavras dos familiares nos leva a conhecer primeiramente uma mãe, educadora, acolhedora de causas sociais e escritora.

- COMO ESCRITORA ELA ESCREVIA PORQUE GOSTAVA, NÃO PORQUE QUERIA PUBLICAR UM LIVRO OU GANHAR DINHEIRO COM AQUILO, MAS PORQUE ACHAVA IMPORTANTE, E QUE NAQUELE MOMENTO NÃO PODIA SER IMPORTANTE, MAS QUANDO ELA PARTISSE SE TORNARIA. (ANA LÍGIA BARROS, FILHA)

Imperatrizense por nascimento, a filha de Zita de Moraes Barros e Raimundo de Moraes Barros (Mundico), é autora da primeira obra legitimamente imperatrizense, o livro *Eu Imperatriz*, publicado em 1972, que reúne textos que contam de forma explicativa o desenvolvimento de Imperatriz, considerado um marco na historiografia e na literatura da cidade.

À frente do seu tempo, Edelvira, sendo mulher em uma época de costumes machistas e patriarcais, destacou-se pelos feitos, e sua conquista se tornou fundamental para a região Tocantina e para igualdade de gênero.

- MEU AVÔ CONTRIBUIU PARA ISSO, PARA VOCÊ TER IDEIA, ELA FOI A PRIMEIRA MULHER QUE USOU BIQUÍNI DE DUAS PEÇAS AQUI EM IMPERATRIZ, TRAZIDO POR ELE DO RIO DE JANEIRO. ELA ERA À FRENTE DO TEMPO NÃO POR SER EXTROVERTIDA, MAS PORQUE ERA UMA MULHER INOVADORA, QUE NÃO FICAVA ESPERANDO AS COISAS ACONTECEREM. (ANA LÍGIA BARROS, FILHA)

Edelvira empenhou-se em pesquisar a história da cidade, a qual resultou nas suas três únicas obras publicadas: *Eu Imperatriz* (1972), *História da Fundação de Imperatriz* (1992) e *Imperatriz: Memória e registro* (1996); os dois últimos escritos como complemento do primeiro. As três obras carregam uma característica em comum: são livros didáticos, escritos com o propósito de levar para as escolas a história da cidade. Neles a autora relata a fundação das primeiras instituições de ensino e religiosas e recupera a memória de toda a projeção da cidade, que se deu a partir de 1950.

Das conversas com familiares é possível dizer que a maior de todas as riquezas que a autora tinha era o prazer em pesquisar e a sede por conhecimento. Era uma autodidata, que expandia essa característica também para o lado religioso. Edelvira era uma mulher de muita fé, e apesar de não ter sido ligada a nenhum grupo religioso, se apegava a Deus nos momentos difíceis e tinha no livro sagrado sua leitura mais importante.

Das heranças que ela deixou não se pode negar a influência enriquecedora e o pensamento de que a independência feminina está nos estudos.

– MINHA VÓ DEIXOU MUITO MARCADO NA GENTE O FATO DE NÃO TEMER O DESCONHECIDO. AS HISTÓRIAS INFANTIS QUE ELA FEZ TAMBÉM FOI MUITO MARCANTE NA NOSSA INFÂNCIA PORQUE ELA ERA UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS ANTES DE SER ESCRITORA. NÓS NOS REUNÍAMOS AO REDOR DELA PARA QUE ELA CONTASSE AS MUITAS HISTÓRIAS. (ALINE MARQUES, NETA)

Em seu nome Edelvira Barros tem três livros, mas após o nascimento das netas Alice Marques (31) e Aline Marques (33), escreveu uma única obra de cunho infantil a qual tinha o sonho de publicar. Trata-se das histórias de reinos encan-

tados, lendas e mitos, morte e fantasias que contava para as netas.

Em 21 de novembro de 2007 Imperatriz perdia a sua pioneira em publicação, que deixou como herança para os “velhos e novos imperatrizenses”, como assim a autora menciona no início do seu primeiro livro, sua contribuição para que a memória da cidade permaneça viva, desejando que todos *“transformem este amontoado de riqueza numa maravilhosa metrópole”*.

A professora, política e escritora recebeu em 1995, da prefeitura Municipal de Imperatriz, a Comenda Frei Manoel Procópio. Em sua homenagem foi inaugurada uma sala na Academia Imperatrizense de Letras, da qual era membro fundadora ocupante da cadeira de número 06, e em 2014, a professora foi homenageada pela prefeitura de Imperatriz, dando nome à Escola Municipal de Educação Infantil Edelvira Marques.

**Principais obras:** *Eu Imperatriz* (1972); *História da Fundação de Imperatriz* (1992) e *Imperatriz: Memória e registro* (1996).

## EU, IMPERATRIZ, 2012

Academia Imperatrizense de Letras, 2ª edição, 191 páginas.

O título *Eu, Imperatriz* não poderia ser mais adequado para dar nome à obra da escritora imperatrizense Edelvira Marques de Moraes Barros, já que a primeira personagem encontrada no livro narrando as dezenas de histórias é a própria cidade à margem do rio Tocantins. São ao todo 123 pequenos textos contando a trajetória de Imperatriz, cidade localizada ao Sul do Estado do Maranhão, desde as primeiras povoações, por volta de 1852, com a chegada de Frei Manoel Procópio, até os avanços conquistados poucos anos depois do primeiro centenário, na década de 1970.

O “feixe de pequenas crônicas”, como assim a autora denomina esta coletânea, traz registrados os principais fatos ocorridos na cidade: a construção da primeira igreja, o início das atividades comerciais, a chegada dos correios, etc.

Olhando para o conjunto de textos, há ali uma cronologia do nascimento e desenvolvimento da cidade, de 1852 a 1971. E embora não seja um livro histórico, mas literário, ele serve de pesquisa e, além disso, pode ser comparado a um álbum de família, pois vai narrando o amadurecer da cidade, do seu nascimento até o século passado.



A primeira edição da obra foi publicada em 1972 e é considerada pelos autores locais como o primeiro livro legitimamente imperatrizense, uma vez que foi escrito e publicado na cidade. Além dos pequenos textos, a edição da década de 1970 era composta por sugestões de atividades que eram destinadas aos professores para aplicação em sala de aula. Na reedição feita pela Academia Imperatrizense de Letras, em 2012, essas sugestões foram retiradas, mas em algumas partes dos textos ainda podemos identificar essas propostas, como o último trecho do texto *Guarda Nacional*, que convida o leitor a procurar outras formas de conhecer a história da cidade.



*“Atualmente, ainda existem aqui espadas usadas por alguns deles. Seria ótimo conhecê-las.” p.46*

A linguagem acessível e de fácil entendimento, além de dialogar com a proposta do gênero crônica, se justifica pelo fato de a obra ter o objetivo de ser fonte de informação, principalmente para professores, embora não seja um livro didático.

Talvez esteja envolvido ao desejo pessoal da escritora, que também foi professora, de levar conhecimento para os leitores sobre a história destas terras.

A cultura da sociedade rural e os mitos também fazem parte do livro. Destes destaca-se o texto *As feras*, que resgata a história contada pelos mais velhos sobre as feras que rodeavam os povoados aqui no interior do Maranhão.

*“Que fazer, meu Deus? Encontraram a solução. Cada família armou uma plataforma de pau bem alta, que alcançavam com longa escada a qual depois de servida era suspensa para o jirau. Todas as noites para ali subiam e dormiam amontoados e aterrorizados.” p.82*



Este não seria o único texto que abordaria a história da fera que amedrontava os moradores, em *Avalanche* é possível perceber que as pessoas se apegavam muito à fé para se livrarem dessa fera.

*“Os chegantes iam ficando chocados com aquela ignorância e respondiam: – “Terra de gente bruta; será que vocês não sabem que é isso “mando” do Padim Cícero?” –“Que isso é pra nos livrar da Beste-fera? “Os meninos ficavam na mesma e limitavam-se a sorrir.” p. 86*

Mas os fatos registrados nas 191 páginas falam mais de realidade que de mitos. O livro é dividido em duas partes: a primeira contando a história de Imperatriz e a segunda falando da Imperatriz de 1970, ou seja, das conquistas alcançadas. Há ainda os apêndices trazendo biografias de personalidades importantes para a cidade, como Simplício Alvez Moreira, ex-prefeito da cidade; Renato Cortez Moreira, ex-prefeito de Imperatriz, eleito em 1969; Dorgival Pinheiro de Sousa, lendário político, vice-prefeito do governo de Renato Cortez Moreira (1969), entre outros.

Edelvira registra ainda, de maneira sutil, a pobreza, a crença e as necessidades do povo. E, inclusive, é possível identificar em seus textos menções a situações pouco louváveis na história do município, como os casos de exploração de trabalhadores rurais, encontradas em *O castanheiro*.

*“Foi o tempo do “castanheiro”. Quem se iniciava nessa profissão, dificilmente se libertava. Havia o “patrão”. O trabalhador inscrevia-se na sua turma e era logo aviado. Recebia um pouco de dinheiro, que era deixado com a família. E na entrada da mata lhe era fornecido roupas e riscado, rede, mosquiteiro, cereais para sua alimentação e*



*remédios contra a insidiosa malária, tudo isso por preço exorbitante. No final da safra, no ajuste de contas, quase sempre ficava o castanheiro "devendo" ao patrão." p.67*



A realidade de uma cidade mostrada conforme a visão de uma legítima imperatrizense não deixaria passar as conquistas de cunho religioso, muito pelo fato de que toda a história da cidade tem uma forte ligação com a igreja católica. Quanto a isso, a autora registra os passos dados pelos freis e fiéis até a conclusão da reforma da igreja matriz de Santa Teresa.

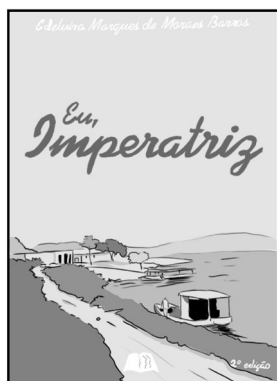
*"A nova igreja foi coberta, as obras internas foram concluídas, e o festejo de Santa Teresa iniciou-se brilhantemente no dia previsto (6 de outubro) de 1937." p.70*

Além dessas histórias, o livro traz ainda registros da abertura da Avenida Getúlio Vargas, sem data mencionada; da visita do presidente Juscelino Kubitschek, em 1960; de conflitos territoriais, como a discussão travada com o Porto Franco, hoje município, para tornar-se vila e ter a melhor localização para ser fronteira com Boa Vista, hoje a cidade de Tocantinópolis (TO), etc.

Na parte dois do livro, que tem o título de 'Imperatriz atual', a autora aborda questões políticas, avanços geográficos e educacionais. É mencionada a chegada da telefonia, em 1968; o crescimento do número de estabelecimentos comerciais, a abundância de recursos naturais, além das festas religiosas e os clubes famosos da época, como clube Tocantins e Juçara; cinemas Muiraquitã, Marabá, Brasil, Celimar e ainda o surgimento da imprensa, a vinda de companhias

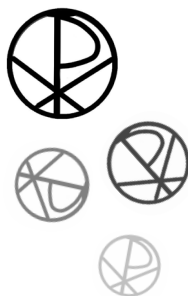
aéreas, como a Vasp e Varig; o surgimento dos sindicatos e, em 1971, o início das atividades da Central Elétrica do Maranhão (Cemar), hoje Companhia Energética do Maranhão.

Embora não tenha o peso de uma pesquisa histórica, o livro é uma das mais importantes obras de Imperatriz, abordando todo o contexto social, cultural, econômico, educacional e histórico. Nele a autora faz um apanhado dos acontecimentos de maior relevância para a cidade a partir de suas memórias.



O fato de ser escrito em primeira pessoa mostra que a obra não tem somente o compromisso com o registro de fatos históricos, o que é bastante positivo e agradável. É uma obra rica e pode ser uma fonte para quem busca um primeiro contato com a Imperatriz antiga.

**Onde encontrar:** Academia Imperatrizense de Letras.



# ILUSTRE CAXIENSE

(EDMILSON SANCHES)



Edmilson Sanches é alguém que se pode chamar de apaixonado pela escrita. Tanto que passa boa parte do seu tempo rodeado pelos seus mais de trinta mil livros e seis mil DVDs, uma coleção da qual ele sente imenso orgulho.

Natural de Caxias, no Maranhão, as primeiras lembranças do autor sobre seu contato com a literatura remetem a uma analogia que ele faz com o ato de na sua infância colecionar pilhas. Para ele, organizar estes objetos está relacionado à ação de ler, em que arranjamos as letras para formar sentidos.

– ESCREVER É COLOCAR EM ORDEM AS LETRAS, EXPRESSANDO DE FORMA GRÁFICA AQUILO QUE VOCÊ ESTÁ PENSANDO, SENTINDO, NÃO ERA UM ATO DE ESCRITA, MAS ERA UM ATO DE ORGANIZAÇÃO DO PENSAMENTO.

Seus primeiros livros foram adquiridos assim que conseguiu seu primeiro emprego em uma instituição financeira, aos 13 anos, por meio de um programa de jovens estagiários. A partir dali os exemplares só aumentavam e hoje Edmilson parece agradecer por sua mãe nunca ter-lhe impedido de buscar o conhecimento.

– EU TENHO UM CARINHO PELA CULTURA DA MINHA MÃE DE NÃO TER ME PROIBIDO DE COMPRAR COM UMA FREQUÊNCIA MUITO REGULAR, PELO REEMBOLSO POSTAL DAS EDITORAS DA ÉPOCA, ASSIM QUE RECEBI OS PRIMEIROS SALÁRIOS.

Mas além de ler muito, Edmilson escreve muito também. O autor divide seus dias exercendo as atividades como jornalista, professor, contador e radialista, e nos seus 58 anos tem publicado



mais de 50 obras, entre poesias, contos, crônicas, ensaios e pequenos romances, além de livros que abordam assuntos administrativos e de motivação profissional, a maioria publicada pela editora Ética, do amigo e também escritor Adalberto Franklin.

Academicamente o autor é dono de um currículo recheado. É graduado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão; especializado e pós-graduado em Administração pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC, Fortaleza), em Fortaleza; Administração Pública pela União Educacional de Brasília (UNEB, Brasília) e Comunicação e Desenvolvimento Regional pela Metodista de São Bernardo de Campo.

Ao longo de sua caminhada, Edmilson atuou de forma bastante expressiva em Imperatriz, tornando-se uma das figuras mais importantes da cidade quanto ao incentivo às práticas sociais e culturais para o desenvolvimento. Em 1991 fundou a Academia Imperatrizense de Letras (AIL). Mais tarde, na busca pelos seus ideais, iniciou uma caminhada no meio político tornando-se, no ano de 2008, o vereador mais votado em Imperatriz. Tem travado, ainda, uma luta antiga nesse meio para conquistar o cargo de prefeito, embora ainda não saiba ao certo se deseja, efetivamente, ocupar o cargo.

- NÃO GANHO A POLÍTICA COM OITO CAMPANHAS PORQUE NÃO QUERO ME PERDER E É MUITO RARO PARA O SISTEMA POLÍTICO QUE ESTÁ AÍ, NA FORMA DE FAZER POLÍTICA, GANHAR UMA ELEIÇÃO SEM SE PERDER.

Suas obras são contribuições essenciais para a história de Imperatriz, a qual não pode ser contada sem mencionar as parcerias com escritores como Livaldo Fregona, Ulisses Braga, José Geraldo, Tasso Assunção entre outros da AIL, que se debruçaram a escrever e defender causas da cidade.

Como resultado de longos anos na escrita, o autor recebeu em Caxias, sua cidade natal, o diploma de personalidade autêntica da literatura Maranhense. Como jornalista recebeu a menção honrosa pela reportagem *'No meio de Carolina tem*

*uma pedra'*, e o prêmio Jornalista que marcou época, em 2008, indicado por um conjunto de instituições de ensino de São Luís.

Enfim, Edmilson Sanches é um homem de muitas histórias e largos sorrisos, que se orgulha de ter ao redor de si os livros e a amada escrita, que são seus maiores bens.

**Principais obras:** *Comunicação Interna – Produtos e Processos, Meios e Mensagens para a Gestão de Seres* (1999); *Dez Pra Você – Textos de Sensibilização e Energização para a Vida Pessoal e Profissional* (1999); *Falando de Desenvolvimento – Questões, Respostas, Reflexões* (2004); *Enciclopédia de Imperatriz* (2002); *O Voo da Imaginação e o Caminho da Realização* (2001); *Manifesto por Imperatriz - Desenvolvimento, Ética na Política; Para Onde Caminha Imperatriz* (2008); *Desenvolvimento com Envolvimento: Teoria e Prática de Gestão Participativa* (2000); *Autopoiésis* (poesia) (2010); *Contos Órfãos* (2010); *Crônicas da Esperança Crônica* (2010); *Poemas de Amor e Carne* (2010); *Versus, Contra* (poesia) (2010); *Do Incontido Orgulho de Ser Caxiense* (2014).

## CONTOS ÓRFÃOS, 2010

Ética editora, 39 páginas.

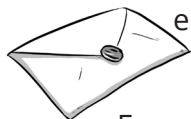
O livro *Contos órfãos*, do escritor caxiense Edmilson Sanches, tem como marca oficial a ambiguidade, pois as narrativas se constroem com duplo sentido. Os contos nele presentes provocam a imaginação do leitor em cada linha de texto que, por sua vez, não teriam outra palavra para descrevê-los senão impactantes: na medida em que cada conto é lido, uma ponta de suspense chama atenção para a próxima história.

No livro, composto por dez contos, o autor se mostra despedido de qualquer tabu, inclusive para debater assuntos como sexo. O primeiro conto, *A primeira vez*, é o que mais aguça a imaginação. Ele tem um tom erótico, que é ligeiramente interrompido pelo desfecho da história.

*"[...] Enfim, o jorro. O líquido. Farto. Lambuzando-lhe o rosto. Escorrendo-lhe pelas faces. Abraçam-se. Ela soluça. Ela chora.*

*Ele sorri. O salva vidas." p. 9*




Os desfechos inusitados são a segunda característica mais marcante na publicação. Um estilo comum em sátiras, em que há uma mudança tanto no texto quanto no pensamento construído pelo leitor sobre a narrativa.



Em suas páginas, no total 39, há sempre o envolvimento de um casal. São quatro contos curtos e seis maiores. Metade deles chama a atenção pelo fato de trazerem histórias com um tom entre o erótico e o romântico, como *Mil e uma vezes dentro de ti*.




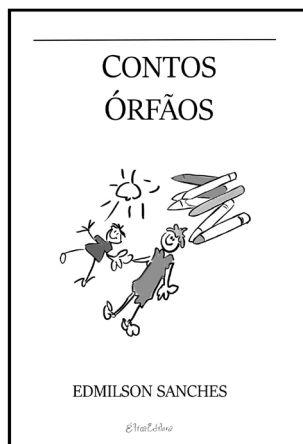
*"Milla...Esse teu corpo mil-flores que incenso, milfefoliu que desfolho, despetalo talho entalho e criminosamente retalho, te entalo, ingresso em teus lugares vazios espaços apertados até tu te sentires completa ocupada lotada. Lotação esgotada. Amar a mil. (kama sutra é prefácio perto de nós)." p. 28*

São textos que, embora tenham um apelo   erótico, também agregam elementos de humor, de maneira que é possível ler sem constrangimen- tos. Os demais contos abordam temas como sonhos e dramas, a exemplo o texto intitulado 6963, o mais trágico de todos. Ele é o relato de uma ligação entre um criminoso, ainda no apart-  
 tamento do homem que ele assassinou, e uma amiga da vítima. Como característica marcante já apontada, o final da ligação explica a posição de cada personagem.

*"Antes de atender o telefone, eu havia matado o Toni e estava terminando de esquarterjá-lo. Passe bem, senhorita." p. 15*

O desenrolar dos contos também debate questões sociais, como em *Infanticídio*, que aborda dificuldades na infância; o cuidado de uma mãe que é esquecida pelo filho que passa por problema de embriaguez, como em *Zé e Maria*; bem como sobre sentimentos depressivos que muitas vezes levam à morte, como é o caso do conto *O sonho da bailarina*.

*O candidato*, o último e mais longo dos contos, trata de um rapaz desempregado que pela pressão dos pais vai em busca de uma vaga para auxiliar um candidato a prefeito na sua campanha política. Norman, o nome do rapaz, que impressionou a todos com suas ideias, casou-se um dia depois da posse do seu candidato, com a mesma  moça que recolheu um dos seus papéis que caíra no chão enquanto começava seu discurso para ganhar a vaga.



Por fim, *Contos órfãos* é um livro com uma linguagem simples, mas que requer a atenção do leitor muito pelo fato de conter algumas referências de vida do próprio escritor. Nele é possível observar a diversidade de conhecimentos que marcam a carreira de Edmilson Sanches, que não se deixa prender a poucos assuntos.

**Onde encontrar:** Academia Imperatrizense de Letras



# SOBRE INFÂNCIA E A INTROVERSÃO

(GILMAR PEREIRA)



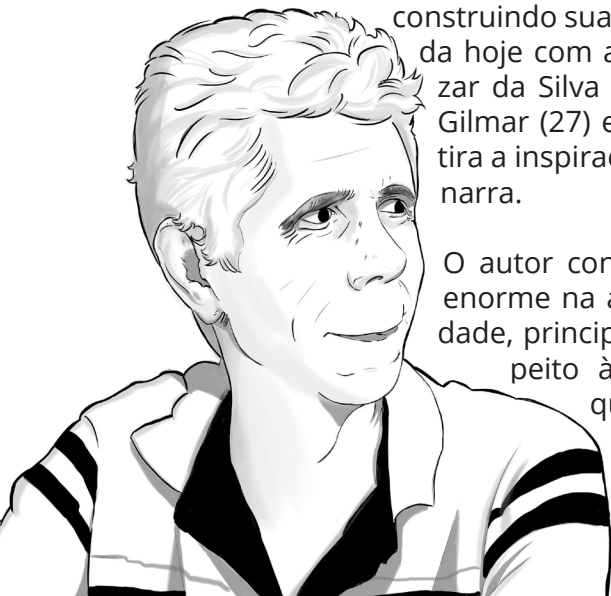
O Brasil só veio a receber a sua primeira obra infanto-juvenil legitimamente brasileira na década de 20 do século passado. Monteiro Lobato, tão famoso expoente deste segmento, apresentava a “Menina do Narizinho arrebitado”, de 1921, em um cenário de adaptações de contos clássicos europeus e releituras de grandes autores, como os irmãos Grimm.

É nesse panorama que há 33 anos um metalúrgico vindo de Xambioá, no estado do Tocantins, rompia com o segmento dos poetas, cronistas, romancistas de Imperatriz que se apegavam em escrever sobre amor, natureza e causos da cidade, para se tornar referência na literatura infanto-juvenil da região Tocantina.

Foi com o nascimento dos filhos, Gil Gilmar e Anna Sara, entre os anos de 1990 e 1993, que ele descobriu a vertente literária que faria sua fama: a literatura infanto-juvenil.

Gilmar Pereira da Silva veio para Imperatriz com um ano de idade, e nessas terras que conheceu ainda bebê vem construindo sua história. Aqui reside ainda hoje com a esposa Ana Lúcia Salazar da Silva (61) e os dois filhos: Gil Gilmar (27) e Anna Sara (24) e daqui tira a inspiração para as histórias que narra.

O autor conta que sentia um vazio enorme na atmosfera cultural da cidade, principalmente no que diz respeito à literatura, insatisfação que se amenizava com alguns pequenos avanços



que o segmento começava a demonstrar em 1983, quando, juntamente com alguns amigos literatos, fundou o Grupo Literário de Imperatriz (Gruli), com o intuito de apoiar os iniciantes que pretendiam explorar o universo da literatura.

Anos mais tarde, o até então estudante de Letras da Universidade Estadual do Maranhão era assíduo nas discussões sobre o campo da literatura em Imperatriz. Naquela época, ano 1990 para ser mais exato, Gilmar — ainda calouro — já era membro da Executiva dos Estudantes de Letras do Maranhão, ganhando notoriedade, a qual lhe rendeu o convite para concorrer a uma cadeira na Academia Imperatrizense de Letras. Gilmar foi eleito membro da AIL em 1993 e ocupa a cadeira de número 28 na instituição.

E se o amor pelos filhos foi fator de inspiração para suas obras, Gilmar não se sentiu assim na sua infância. Ele lembra que seus pais, João Pereira e Verônica Pereira — demonstrando vergonha ao falar — eram desgostosos com sua aptidão para leitura e pelo ato de escrever.

— EU ERA MUITO REPREENDIDO PORQUE GOSTAVA DE LER, PORQUE OS MEUS PAIS NÃO TINHAM NENHUMA CULTURA E NÃO FORAM EDUCADOS PARA ISSO. EU NÃO TIVE APOIO NENHUM.

O olhar tímido do autor durante a entrevista ganhava um tom de desaprovação para o que acabara de revelar, mas não impede que ele ratifique seu amor pelo ofício.

Mas as diferenças com a família não foram o único empecilho na trajetória do autor. É impossível não mencionar o alto grau de timidez presente até no tom da voz ao falar de si mesmo. E o que dizer de uma declaração de amor que a

timidez não permite? A família que o diga.

- EU AMO MINHA ESPOSA, MAS NÃO SOU CAPAZ DE DIZER: - “TE AMO!” AMO, IMENSAMENTE OS DOIS FILHOS EM PROPORÇÃO IGUAIS, PORQUE AMO DE VERDADE.

A introversão tem grande influência no estilo de vida do escritor que vive longe de qualquer evento que o coloque em destaque ou de falas em público. Inclusive, foi exatamente pelo fato de a literatura lhe permitir falar sem aparecer que se aventurou por este meio. Sua dedicação é tão vivaz que com o intuito de explorar novidades e conhecer novos escritores que trilham o mesmo caminho, aliado ao amor pela leitura, lê mais de cem exemplares de livros infanto-juvenis por ano, uma quantidade que ele faz questão de mencionar.

Tamanha dedicação só poderia resultar no reconhecimento do seu trabalho. Gilmar se tornou conhecido entre professores e alunos da rede pública de ensino ao participar do projeto Arte & Cidadania nas Escolas, promovido pela Fundação Cultural em 2016, no qual incentivou por meio de seus livros, a leitura de obras regionais. Antes disso, o autor conquistou, em 1988, o prêmio de melhor livro de poesia da região Tocantina com a sua primeira obra “*Os Frutos da Poesia*”, publicada no mesmo ano pelo jornal O progresso. Já em 2007, o autor recebeu o prêmio Gonçalves Dias de Literatura Infanto-juvenil, pela obra *O camaleão que queria ser gente e outras fábulas* (2009), concedido pela Secretaria de Estado da Cultura (Secma), e em 2013, recebeu o Prêmio Literário concedido anualmente pela Prefeitura com o livro *Bem perto é muito longe*, publicado pela editora Biblioteca 24 horas, em 2012.

Aos 70 anos o autor é dono de uma escrita simples, uma linguagem que contempla seu público e se estende para além da infância, pois busca principalmente abordar o cotidiano entre pais e filhos. Gilmar Pereira, imperatrizense por

amor, é autor de dez livros publicados e dono de um desejo de conquistar um dos mais importantes prêmios concedidos à literatura infantil e juvenil no Brasil, “Barco a vapor”, promovido pela Fundação SM, a qual foi originada por um grupo de religiosos da Sociedade de Maria, a qual visa a estimular a produção literária brasileira.

**Principais obras:** *Os Frutos da Poesia* (1977); *O Menino e a Lagosta e outras peripécias* (1999); *A Bela Amortecida e outras histórias* (2003); *Contos de menino e menina e de velhos também* (2005); *O camaleão que queria ser gente e outras fábulas* (2009); *Bem perto é muito longe – uma história de dois lados* (2012); *A jovem Joanelinha no mundo da tristeza* (2013); *O Burro Burraco* (2015); *Percurso insólito e outros percursos* (2005); *Canção para dormir e outros contos para viver* (2007).

## O MENINO E A LAGOSTA E OUTRAS PERIPÉCIAS, 1999

Ética editora, 73 páginas.

Dedicado aos filhos, o livro *O menino e a lagosta e outras peripécias* do escritor Gilmar Pereira da Silva é o que podemos chamar de casos da vida real vividos pela maioria das famílias mundo afora. Trata-se de uma coleção de 33 contos que têm o propósito de fazer os leitores pensarem sobre o comportamento das crianças.

No livro, Gilmar Pereira vai além de contar a rotina em família. Nas entrelinhas ele propõe uma reflexão sobre a relação entre pais e filhos, particularmente chamando atenção para a falta de tempo dos pais, que muitas vezes ignoram a curiosidade dos filhos e nem acompanham suas atividades escolares. Como em *Auxílio escolar*, em que a resposta mal pensada interfere na nota do filho.

*Seu objetivo é simplesmente, no momento, aquela curiosidade e nada mais:*

– *Só depois que eu souber por que o cabrito caga redondo?*

*O velho pensa em solucionar o problema com uma simples palavra?*

– *Porque ele tem o cu redondo! p.44*

Em quase todos os textos o autor faz uso de palavras da linguagem popular, dando-lhes um toque de humor. As narrativas terminam de forma quase que inesperadas, uma característica própria do estilo da categoria literária peripécia, sendo também





iniciadas por uma palavra-chave que insinua o sentido final dos textos, os quais são, na maioria das vezes, guiados pelos caprichos, travessuras ou ingenuidade das crianças.

No texto *O menino e lagosta*, que inicia e dá nome a segunda obra do autor, observa-se a preocupação dos pais, sem condições financeiras, em satisfazer o desejo do menino de comer a lagosta de que tanto ouvira falar.

*[...] A ideia de resolver o problema da obsessão do filho chega quando ele fisga um peixe graúdo, da família dos esteodermos. A saída. p.18*



Finais como estes são encontrados em todos os pequenos textos, cuja linguagem é de fácil compreensão. Uma característica que pode ser destacada na obra é que todos os contos nascem a partir do questionamento feito aos pais, que geralmente esboçam reações de surpresa, como em *Pai nu*.

*– Papai, eu quero ver o senhor pelado!*  
*O velho toma um susto. Dá dois passos para trás e acrescenta:*  
*– Quê conversa é essa, minha filha? p.58*

Além de falar dos momentos da vida familiar, os textos nos permitem traçar um panorama com duas visões: a dos pais e a dos filhos. Na primeira, observa-se que a cada dia os pais têm menos tempo para acompanhar os filhos no seu crescimento; já na segunda, são apresentadas situações que narram desejos e as fases em que a criança começa a inventar uma realidade diferente da que vive. Este último exemplo pode ser bem descrito no conto *De repente*.



*“Papai vai comprar uma fazenda! Papai vai comprar uma fazenda!*  
*O velho pega o filho, põe-no de castigo. Três minutos depois o menino confessa:*

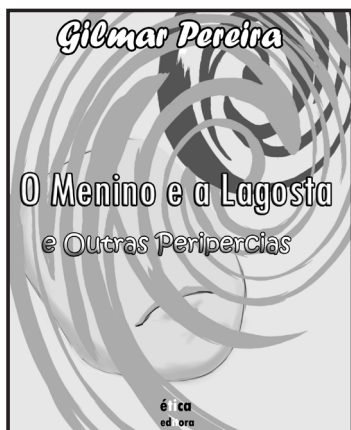
– *Estou dizendo para todo mundo que o senhor vai comprar uma fazenda é para ver se dá sorte e aí, quem sabe, de repente a gente sai dessa.” p.20*

Alguns dos textos descrevem crianças intransigentes e inconformadas com as respostas que têm sobre as coisas do dia a dia. Já na visão dos filhos, o autor faz um alerta sobre a importância de dar atenção aos pequenos, já que para eles os pais são a primeira fonte de informação a ser procurada.

Nesse cenário, o autor constrói as narrativas de forma simples e breves para que possa atingir seu público-alvo: crianças, adolescentes e adultos.



Traduzindo de forma mais simples, *O menino e a lagosta e outras peripécias* é um livro para a família, tanto para fazer os pais enxergarem seu papel com mais clareza e dando a devida importância, quanto para os filhos pensarem em como está sendo seu comportamento dentro e fora de casa. É um livro curto, essencial para quem gosta de textos breves. Quem o lê, além de se surpreender a cada conto, também poderá refletir sobre o papel dos pais na educação de uma juventude que, para o autor, está cada dia mais prematura.



Ainda que pareça um livro de entretenimento, sua importância cruzou os muros da universidade. A obra foi citada no trabalho acadêmico do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, Lúcio Lago Lopes, no seu estudo sobre o incentivo a literatura infantil no Maranhão.

Tal atenção não poderia ser mais justa: Gilmar Pereira é o único escritor de Imperatriz a se aventurar pela literatura infanto-juvenil.

**Onde encontrar:** Academia Imperatrizense de Letras.

# ITA PORTUGAL, UMA ESCRITORA EM CRISE

(ITA PORTUGAL)



Seria possível alguém com seus mais de 40 mil seguidores na internet, textos famosos entre os seus admiradores, livros vendidos no Brasil e no exterior estar em crise com sua escrita? Sim, a escritora imperatrizense, Itaneide Alves Bezerra, a Ita Portugal, está.

Não é uma crise de questões financeiras, nem de críticas literárias excessivas, mas uma tensão sobre seu próprio *ethos* de escritora.

– EU GOSTO DO QUE FAÇO, EMBORA EU NÃO SEJA ESSENCIALMENTE UMA ESCRITORA. SE TODO MUNDO GOSTAR DO QUE EU ESCREVO, ÓTIMO, EU VOU AMAR, VOU FICAR FELIZ, VOU SENTIR QUE ESTOU FAZENDO ALGO DE BOM PARA O OUTRO, AGORA SE ACONTECER DE NINGUÉM SE IDENTIFICAR, VOU CONTINUAR ESCRREVENDO DA MESMA FORMA. EU NÃO ESCREVO PARA SER UMA ESCRITORA, ESCREVO PARA ALIVIAR, FALAR COMIGO, POR ISSO QUE SOU CONHECIDA MAIS PELOS MEUS TEXTOS DO QUE PELA PESSOA.

Falar sobre a sua escrita não lhe é de bom agrado, pelo menos não nos próximos anos, como declarou no primeiro contato que culminaria em um encontro com a autora, mas que por causa desse momento conturbado não aconteceu.

Atitudes assim não são de todo estranhas no mundo literário: o paulista Raduan Nassar, autor do livro *Lavoura Arcaica*, por exemplo, sempre se mostrou tímido para entrevistas, raramente concedidas, mesmo quando era homenageado. Não esquecendo também do sul-mato-grossense Manoel de Barros e do paranaense Dalton Trevisan, conhecido como “O vampiro de Curitiba”, raramente nos circuitos das celebra-



des e insistentemente procurados pela imprensa. Entre as mulheres, o caso emblemático da escritora paulista Hilda Hilst, que vivia isolada numa chácara no interior do Estado e cercada de gatos.

A razão de todos e também de Ita, ao que parece, é um desejo profundo de ser reconhecida por seu trabalho, pelas histórias que contam, e não por sua vida pessoal. Nesse sentido, evitar os holofotes da mídia faz parte deste processo.

– PODE PARECER QUE SOU DIFÍCIL, OU PODE PARECER QUALQUER COISA ANTIPÁTICA, SOU SIMPLES E É POR ISSO QUE NÃO GOSTO DE FICAR FALANDO. SOU DIFERENTE DE MUITA GENTE QUE QUER RECONHECIMENTO, EU NÃO QUERO NADA.

Mas o reconhecimento veio mesmo sem ela querer. Ita talvez seja uma das escritoras imperatrizenses mais conhecidas fora da cidade, pois seus textos ultrapassam os limites territoriais, sendo compartilhados por fãs por todo o país. A disseminação de suas crônicas alimentam sites e blogs, levando mais lucidez, doçura e ânsia por liberdade às reflexões acerca dos relacionamentos humanos.

Os textos que faziam sucesso nas redes sociais mais tarde resultaram em seus dois livros, *Certas incertezas* e *Homens, Mulheres, Amores*, ambos publicados em 2013, pela editora Buqui, de Porto Alegre (RS). Suas obras estão disponíveis nas livrarias Saraiva e Cultura, dois grandes grupos nacionais de venda de livros, uma raridade entre os escritores regionais.

E já que não foi possível falar com nossa escritora mais famosa, por sorte existem outras formas de contar a história

dessa personagem enigmática. Nas poucas entrevistas concedidas é possível entender que sua escrita é algo muito pessoal, é uma forma de se sentir viva, assim como revela em uma conversa publicada no site Imperatriz Notícias em março de 2016, um veículo universitário, que por isso acabou sensibilizando a escritora a falar:

“EU ESCREVO PRA MIM, EU ESCREVO PORQUE EU PRECISO. FALAR AQUILO QUE EU SINTO E PENSO. SE ATINGE AS PESSOAS, SE TIVER APLAUSOS, MUITO BEM, ISSO SIGNIFICA QUE EU CONSEGUI ME COMUNICAR. SE NÃO EXISTIREM ESSES APLAUSOS, EU VOU REFLETIR E PROCURAR MELHORAR. EU ESCREVO PARA MARCAR MEU ESPAÇO NO MUNDO, PARA DECIFRAR MEUS SENTIMENTOS, PARA CONHECER O SER HUMANO, PARA TENTAR ENTENDER O OUTRO, EU ESCREVO PARA DIZER QUE EU ESTOU VIVA, ESCREVO PORQUE EU DESEJO, QUERO E NECESSITO.”

Quem a conhece sabe que essa personalidade vai ao encontro de sua obra, assim como diz a acadêmica de jornalismo Edmara Silva, que entrevistou a autora meses antes do primeiro contato para este perfil.

– DE PRIMEIRA MOSTROU A PESSOA GENTIL QUE HABITAVA OS TEXTOS QUE ESCREVIA, FUI RECEBIDA COM UM ABRAÇO E UM SORRISO EM MEIO À CORRERIA DO DIA ME LEVOU AO ESCRITÓRIO.

A impressão da acadêmica de jornalismo Leticia Holanda sobre contadora de histórias não é surpresa, já que a recusa é quase sempre o cartão de visita.

– TIVE UM POUCO DE BARREIRA PORQUE ELA NÃO QUERIA ME ATENDER NO INÍCIO, MAS FUI CONVERSANDO. ELA DISSE QUE NUNCA TINHA DADO ENTREVISTA E QUE ESTAVA ACEITANDO PORQUE EU NÃO ERA DA MÍDIA AINDA. EU POSSO DIZER QUE A

ITA É UMA ESCRITORA QUE TEM O SENTIDO MUITO APURADO, MAS ELA É UM POUCO REALISTA, ELA ESCRIVE MUITO MAIS DAS COISAS QUE ELA VÊ E SENTE AO REDOR DELA DO QUE DELA MESMO, MAS SEMPRE COM O OLHAR DE REALIDADE PARA AS COISAS.

Nascida em Mirador do Maranhão, a escritora que também é pedagoga, ganhou visibilidade e hoje é uma das mais citadas quando o assunto é literatura de Imperatriz, tanto reconhecimento que nem sempre é visto como positivo pela própria. Parece uma crise a longo prazo. Na segunda obra *Homens, Mulheres, Amores* (2013), a autora lança possíveis sinais de cansaço, de desagrado por sua escrita. Na crônica *Escuros em mim* ela expõe esse sentimento.

“NESSES PERÍODOS EU PENSO QUE É MELHOR JOGAR TUDO FORA. ESQUECER ESSA COISA DE ESCRIVER, QUE ISSO É PRA BOI DORMIR. DÁ TRABALHO FICAR INVENTANDO MIL HISTORINHAS COLORIDAS, CONTOS DOS DESENCONTROS AFETIVOS, DAS TAIS TENTATIVAS DE RECONCILIAÇÕES E OUTRAS COISAS SOBRE HOMENS, MULHERES E AMORES.”  
p.52

Se muito não é engano, seus livros são formas de conversar com ela mesma. De dizer o que deve fazer e o que nunca devia ter feito. E essa possível crise deve estar ligada a essa dúvida, fato é que suas crônicas ora concordam ora discordam de determinadas decisões tomadas.

Ita, em tentativas de talvez responder coisas que não competem a ela, esquece que o público leitor tem uma opinião importante na sua carreira como escritora, seus livros são resultados dessa importância.

Se debruçar sobre a escrita da autora é uma forma de conhecê-la no mais íntimo do seu pensamento. Ita demonstra ser uma mulher autêntica, mas assim como todas as pessoas

tem fases, e esta fase de reclusão, de estar olhando para si mesma pode ser um caminho para ela chegar ao melhor da sua literatura.

O caminho cheio de altos e baixos, de risos, conquistas, crises, erros e acertos fazem a vida mais humana e real, e isso faz com que seja possível abordar os relacionamentos de forma tão humana que consiga levar para dentro de sua obra a vida e os sentimentos de outras Itas Brasil afora.

**Principais obras:** *Certas incertezas* (2013); *Homens, Mulheres, Amores* (2013).



## HOMENS, MULHERES, AMORES, 2013

Editora Buqui, 204 páginas.

Com um estilo intimista, o livro de crônicas da escritora maranhense Ita Portugal é uma obra na qual a autora expõe experiências, observações do seu próprio dia a dia e debate sobre o comportamento humano com delicadeza poética, mas também com a acidez e a dureza de quem convive com as cicatrizes da vida. São textos reflexivos, muito semelhantes aos da escritora Martha Medeiros ou, quem sabe, Clarice Lispector, embora a autora não goste das comparações. Não porque não reconheça o talento das companheiras de labuta, mas por não sentir que pode igualar a profundidade e o talento de ambas. Gostando ou não o fato é que a comparação é quase inevitável, uma vez que seus textos alcançam sentimentos íntimos de cada pessoa, como no trecho da crônica *Quase verdade*.

*"A gente mente a dor que não dói. Mente o amor que não sente. Mente o equilíbrio que não tem. Mente a vontade de falar um palavão. Mente contando a história de que tudo vai passar. A bondade que não temos. A mágoa que ainda existe. não há quem escape das mentiras que aprendemos para viver. Mente o feio. Mente o bonito. Mente o mais ou menos. O quase, quem sabe, talvez. A verdade tirou folga. Está de férias ou foi demitida."* p.42



Num sentido mais pessoal, Ita escreve sobre as coisas que viu e viveu. Coisas que perpassam ora o real, ora o imaginário. Em muitas delas a autora exhibe pensamentos positivos sobre as relações



humanas, como em *A força das pequenas coisas*.

*"Os padrões convencionais dizem que os contornos imprecisos das pessoas causam estranheza e permitem o aparecimento dos conflitos. Conflitos são saudáveis. Embora ninguém goste tanto assim de conflitos."*p.26

Mas, às vezes, os desabafos negativos de uma decepção, quem sabe um erro, ou mesmo um amor mal acabado como em *Apetite para a realidade*.

*"Sem querer ser rançosa, a gente atende as demandas urgentes rabiscando qualquer bobagem, e na melhor das hipóteses somos considerados fenomenais. A gente tenta. Tenta inclusive esconder a pilha de carnês guardados, com prestações atrasadas [...]"*p.149

E não para por aí. Outras vezes a autora deixa de lado a alegria e a tristeza e aposta na indiferença, na frieza do coração e na racionalidade para expor seu ponto de vista. Esse sentimento de "tanto faz" é encontrado nas entrelinhas de *Sobras*:

*"Escrevi poemas. Reatei amores. Apaguei paixões. Comprei vestidos. Ajudei e esqueci que fiz. Presenteei. Perdoei. Briguei. Abaixei a cabeça. Levantei a crista achando que eu era boa. Estudei o que eu achei que devia e cheguei à conclusão de que deveria ter estudado mais. Exagerei na dose. Perdi paciência. Voltei atrás. Rompi e refiz os laços tantas vezes. Comprei brigas e o preço foi caro. Esqueci. Perdoei. Machuquei e fui machucada. Disse sim, não, talvez, espere um pouco, deixa pra lá."*p.152

As 204 páginas do livro *Homens, Mulheres, Amores* trazem 94 crônicas recheadas de pensamentos e declarações que envolvem amores do passado e do presente, além de reflexões a respeito da nossa própria existência. A crônica *Reconciliação* soa como uma voz libertadora de qualquer desamor que lhe tire a paz, que se joga no desconhecido, que se permite sair da mesmice.

*"Decidi fazer uma reconciliação. Decidi encontrar a chave dos*

*meus abraços e o aconchego da minha alma. Essa era a reconciliação. Cedi espaço, alertando que sou merecedora de desejo, afeto, bagunça, segurança e aventura.” p.35*

A intensidade da autora é visivelmente exposta nas primeiras linhas de *Tá na cara*, no qual declara as altas doses de sentimentalismo. Já a crônica *Escuros em mim* talvez seja a que mais denuncia uma autora cabisbaixa, que em todo o livro divide opinião sobre o que ela própria escreve, que parece duvidar da sua capacidade de tocar as pessoas com suas palavras, mas toca. É praticamente impossível ler a obra sem se achar em um dos trechos das crônicas ali reunidas. Quem nunca se deu uma pausa romântica, oferecendo-lhe mais tempo a si mesmo? São coisas íntimas comuns a quem se dispõe nas relações amorosas.

Os textos com relatos de mudanças aparentemente comuns de uma mulher que tenta agradar uma paixão, uma ilusão, alguém que aplaque a solidão é uma característica marcante em toda a obra, como em *Se você soubesse*, por exemplo. A todo o momento uma declaração mais intensa que a outra. Essa é a essência da obra. As crônicas, todas, fazem jus ao nome do livro.



Tecnicamente vale ressaltar que caberia dividir o livro em pequenos capítulos, se fosse possível, pois a disposição das crônicas sem qualquer pausa pode deixar a obra pesada demais para alguns, uma vez que se trata de sentimentos que exigem reflexão. É um livro para ler com calma, dia após dia, para assim absorver sua essência. A parte boa é que não precisa ler na ordem, pois os textos não são interligados, podendo ser lidos de qualquer parte do livro.

**Onde encontrar:** Livraria Saraiva, Livraria Cultura e livraria da Travessa.

# MULHER DAS PALAVRAS VERSADAS

(LÍLIA DINIZ )



O teatro, a música e a literatura são artes que correm nas veias da artista maranhense Lília Diniz pelo simples fato de que dos 120 anos dos quais pretende viver, todos seriam dedicados a elas.

Nascida em Tuntum, Maranhão, no povoado Creoli do Bina, a escritora, cantora e atriz tem seu apego com a escrita desde muito cedo. Alfabetizada com a literatura de cordel e todo o seu universo – os repentistas, as quebradeiras de coco, brincadeiras de roda e a cultura popular – a poetisa tem nos versos e prosas suas primeiras inspirações artísticas, além de também carregar sua própria realidade de ser uma mulher do interior do Maranhão com nove irmãos, pai lavrador e mãe quebradeira de coco para suas poesias.

Maria Lília Silvia Diniz chegou em Imperatriz aos sete anos e foi nas ruas do bairro Santa Rita, um dos maiores e mais conhecidos da cidade, que seu talento para a literatura começou a brotar.

— ERA EU QUEM ESCREVIA OS TEXTOS DE TEATRO, PRODUZIA NOS NOSSOS GRUPOS DE JOVENS E ADOLESCENTES, FAZIA PARÓDIAS, TUDO ERA EU QUEM ESCREVIA.

A autora de 44 anos é uma mulher engajada nos seus ideais políticos e defende a democratização da produção cultural. Sua caminhada por essa luta já era desenhada desde as peças de teatro que rea-



lizava na igreja, nas escolas que estudava e mais tarde na rua, onde a liberdade para levar às pessoas uma produção artística regional era maior. Por fim, isso também pôde ser ratificado nos seus textos e nas suas encenações profissionais nos teatros pelo Brasil afora.

Lília gosta de viver aproveitando a liberdade com alegria, tem o sorriso como sua marca oficial. Riso de quem superou com êxito três crises de depressão e protagoniza uma história regada de lutas. Entre projetos e experimentações culturais a escritora trouxe mais de 15 ações no âmbito da valorização e incentivo a práticas sociais de cultura para a região Tocantina.

Há mais de uma década de andanças pelo Brasil, irreverente, a artista tem interpretado canções famosas da música popular. Hoje reside em Brasília, mas mantém uma ponte com Imperatriz, onde parte da família ainda reside no mesmo bairro da sua infância.

E não é só nas artes que Lília se mune de conhecimento, a escritora é Licenciada em Educação Artística/Teatro pela Universidade de Brasília; pós-graduada em Gestão Cultural e é especialista em Metodologia do Ensino Superior.

A poesia sertaneja faz de Lília Diniz uma das mais reconhecidas artistas de Imperatriz, tanto reconhecimento e trabalho dedicado à arte foram sentidos no encontro com a escritora que ocorreu no intervalo entre uma entrevista para TV e a divulgação de uma de suas peças de sucesso *Cora dentro de mim - plantando roseiras e fazendo doce*, espetáculo assistido por mais de 10 mil pessoas ao longo dos 17 anos em que é apresentado e que lhe rendeu o prêmio Myrian Muniz pela Fundação Nacional de Artes — Funarte, em 2014.

Quem a vê, mesmo que não a conheça de fato, logo percebe que ali vive uma pessoa feliz. Não é à toa que ela diz não se reconhecer quando está triste. Mas os sentimentos

próprios do ser humano não fogem de suas poesias que expressam amor e tristeza.

— O LIVRO DA NOSSA VIDA É FEITO DE MOMENTOS ALEGRES, DE TRISTEZAS, CONQUISTAS, DERROTAS, E NÃO PODERIA SER DIFERENTE COM QUEM ESCREVE.

Se deixar vencer pelas angústias da vida não é alternativa para a escritora que tem como principais inspirações literárias as contribuições da poetisa e contista Cora Coralina e do poeta, cantor e compositor Patativa do Assarê.

— PARA MIM, DIZER QUE QUERO ESCREVER COMO ELES É PENSAR EM COMO FALAR DO RIO TOCANTINS, COM TANTA LEVEZA, COM TANTO AMOR E TAMBÉM COM A DOR, PORQUE O RIO RECEBE UMA CARGA DE SOFRIMENTO.

A influência de sua arte na região tocantina resultou em sua inclusão como membro da Academia Imperatrizense de Letras, onde ocupa a sexta cadeira desde 2007. Nas cinco obras publicadas podemos encontrar textos que falam da vida do seu povo, de dor e da beleza com a leveza e poesia daquela que cresceu, estudou e hoje leva a vida inteiramente ligada à arte.

**Principais obras:** *Babaçu, cedro e outras Poéticas em tramas* (2002); *Miolo de pote da cacimba de beber* (2006); *Ao que vai chegar* (2008); *Sertanejares* (2011); *Mula sem cabeça* (2012); *Mundo de Mundim* (2013).

## SERTANEJARES, 2011

Edições Lamparinas, 102 páginas.

“Sendo fia de roceiro e quebradeira de coco” a poetisa Lília Diniz deixou-se influenciar pelas suas raízes para compor a obra *Sertanejares*, publicada em 2011. O livro elaborado de forma artesanal, com colagens e amarrações, traz o forte estilo linguístico de quem vem do sertão.



Dividida em quatro partes: A, B, C e um palavreado típico da região, a obra reúne poesias que expressam a visão íntima da autora com a vida de quem, por vezes, tem que produzir o próprio alimento e quem trabalha duro na terra. Em alguns de seus versos podemos entrar no dia a dia das mulheres que sobrevivem da quebra do coco babaçu, as quebradeiras de coco do interior do Maranhão.



*“Meu babaçu  
que tanto quero liberto  
açáí e buriti nós iremos libertar  
pega o machado  
o macete pega o côfo  
menina segura o coco  
rumbora o coco quebrar”.*  
p.35

A influência da literatura de cordel entre outras questões do cotidiano do homem da roça são características vivas na obra. Não é possível ler um só verso sem imaginar a cena contada na poesia.



A primeira parte do livro é composta por 29 poesias que trazem relatos de uma vida que, mesmo sofrida, nunca perde a alegria de apreciar a natureza. Em *Cartilha Patativiana* a autora demonstra um teor político social, como quem dá um grito de “olhem para essa terra, cuidem dela”, em defesa dos bens da natureza.

*“Quando o povo tiver posse  
das letras, da educação  
da terra para produzir  
arroz, milho e feijão  
quando não houver miséria  
política for coisa séria  
e não houver mais grileiro  
trabalhador puder plantar  
vamos todos gritar  
viva o povo brasileiro!”  
p.27*



Na parte B, composta por quatro poesias, a homenagem à literatura de cordel é apresentada em “Causos do Sertão”, que evidenciam rimas fortes do povo interiorano, o que muito lembra a poesia de Patativa do Assaré — influenciador de Lília — poeta popular, improvisador e cantor brasileiro que dedicou a sua vida para valorizar a cultura oprimida dos nordestinos, assim como Lília Diniz trilha a sua história.

*“A poesia que trago  
é dura como o coco que eu quebro  
Dura  
pelo que eu trago nas mãos  
uma cuia de sonhos remendados  
um cofo de esperança sangrando  
um jacá de desejos peados”.  
p.11*

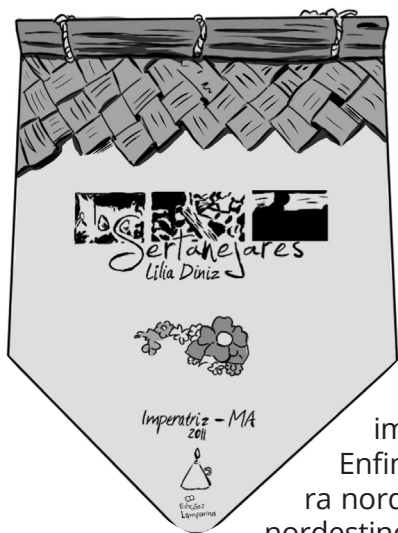


A parte C da obra é sobre o amor com que se vive a rotina no interior e de como essa vida, que às vezes enfrenta dificuldades, parece ter versos e prosas nas suas miudezas. Nesta parte são exatamente 26 textos.



Por último, a autora apresenta um palavreado da linguagem sertaneja, com mais de 170 palavras trazidas das influências da autora nas suas andanças pelo país e por influência do pai maranhense e da mãe nascida no Ceará. É um pequeno glossário explicativo das expressões usadas em seus textos.

Cada construção narrativa é simplesmente expressiva ao ponto de se complementar com o design da obra, que elaborado artesanalmente em formato de “abano” — utensílio feito de palha da palmeira do coco babaçu utilizado para auxiliar no acender do fogo — como o próprio palavreado da autora define, demonstra a valorização das raízes da escritora.



O trabalho artesanal de Lília Diniz já é tão elaborado e bem pensado desde *Miolo de pote da Cacimba de beber*, de 2006, quando estreou esse tipo de produção. Uma das melhores observações que podemos fazer sobre *Sertanejares* é a possibilidade de estar em contato com uma obra de arte brasileira em toda a sua concepção. Sua linguagem requer a atenção do leitor, pois em muitos casos as poesias são quase que cantadas, de forma que é impossível ler sem seguir o ritmo ligeiro.

Enfim, *Sertanejares* é, na essência, uma leitura nordestina sobre valorização de todos nós, nordestinos ou não.

**Onde encontrar:** Academia Imperatrizense de Letras.

# A PRAGMÁTICA DO SONHADOR

(LIVALDO FREGONA)



Ele é um senhor de cabelos brancos, que aparenta timidez e tranquilidade, mas não se engane não, esse suposto sinal de fragilidade não impede que ele tenha lá suas manias e que seja, muitas vezes, carrancudo. Talvez por isso, resultado desse traço marcante de sua personalidade, relute tanto em deixar que outros o ajudem na organização do seu dia a dia. Tanto que, nos seus 77 anos, é ele quem cuida dos mais de cem pés de açaí do seu pequeno pomar na cidade de Davinópolis, a cerca de 12 quilômetros de Imperatriz, além das outras árvores frutíferas que cultiva em casa.

— EU ADORO SERVIÇO MANUAL, MAS SOU TEIMOSO, EU ACHO QUE NINGUÉM FAZ CERTO, SÓ EU SEI FAZER.

O apaixonado pela terra, homem que diz ser “doentia-mente emotivo”, tem méritos para além do cuidado com as plantas. No âmbito da literatura encontra-se, efetivamente, seu plantio mais próspero. Como resultado disso, foi vencedor pelo conjunto de sua obra no ano de 1997 da láurea cultural “Stella Brasiliense”, prêmio concedido pelo Grupo Brasília de Comunicação, que premia iniciativas literárias pela revista Brasília do Distrito Federal.

Quem é ele? Referimo-nos a Livaldo Fre-gona, escritor natural da pequena vila de Marilândia, no interior do Espírito Santo, e que mora em Imperatriz desde 1981, onde construiu família e conquistou grandes amigos, entre eles Vito Milesi<sup>1</sup>, que é considerado um irmão, além de outros,

<sup>1</sup> Natural de Bérgamo, no norte da Itália, o escritor e professor foi o segundo presidente da Academia Imperatrizense de Letras, tendo sido eleito por quatro vezes seguidas, de 1991 a 1999.



boa parte membros da Academia Imperatrizense de Letras.

Livaldo Fregona, que encontrou na escrita seu maior talento, quase não aprendeu a ler e a escrever. Ele é uma exceção entre os filhos dos pais italianos Antônio Fregona e Maria Pupim, que sem muita instrução não foram a favor do ensino para os quatro filhos mais velhos. Por sorte, Fregona, um dos mais novos de sete irmãos, pôde ir à escola juntamente com Leide, hoje com 73, e Dolmino, hoje com 82 anos. Ele lembra que seu primeiro dia na escola foi aos sete anos e que dali em diante não pararia mais, concluindo o Ensino Médio (antigo Segundo Grau) aos 21 anos, quando foi para o seminário. E no pequeno povoado que não conhecia o desenvolvimento, ele começou a paixão pelo ato de escrever.

— A ESCOLA TINHA UMA PROFESSORINHA, A GENTE SENTAVA NO CAIXOTE, ELA NÃO ERA NEM FORMADA NEM NADA, DESSAS DO INTERIOR. ÉRAMOS QUATRO ALUNOS: TRÊS MENINAS E EU, NÓS FORMÁVAMOS A ESCOLA DE LÁ.

Dificuldades das quais não findaram o sonho do escritor que na infância dividia as linhas do caderno em duas para que durassem mais.

— EU SABIA O QUE ESTAVA ESCRITO, MAS NINGUÉM ENTENDIA, ATÉ HOJE TENHO ELES AQUI, E FOI ASSIM QUE COMEÇOU A MINHA VIDA.

Entre ter que sobreviver e viver seu sonho de escritor, Fregona percorreu antes o caminho que lhe traria a sobrevivência: se formou em Filosofia no Seminário Maior do Calafate, em Belo Horizonte; Prótese dentária, em Colatina; na Odontótica Capixaba e Contabilidade também no município de Colatina-ES, mas foi trabalhando como protista dentário e dando aulas de biologia e língua portuguesa nas escolas Nossa Senhora do Brasil e Estadual Conde de Linhares, ambos de Colatina, no Espírito Santo, que conseguia se manter, e mais

tarde trabalhando com o comércio de madeira, sem nunca abandonar sua escrita.

Ainda com as lembranças do seu tempo na roça bem vivas, ele fala de quando a família e vizinhos se reuniam no fim do dia para obterem as informações trazidas de fora; era o único momento em que eles viajavam para longe dali para ter qualquer tipo de informação.

— NAQUELE TEMPO NÃO TÍNHAMOS NOTÍCIAS NENHUMA, COM O TEMPO MEU PAI COMPROU UM RADINHO DE PILHA, QUE JUNTAVA TODO MUNDO PARA OUVIR 'JERÔNIMO: O HERÓI DO SERTÃO' E O 'REPÓRTER ESSO', MEU PAI ERA UM SONHADOR TAMBÉM.

Nesses momentos de compartilhar as novidades da cidade, ele também aproveitava para praticar seu talento para histórias. Não à toa, Fregona tem grandes inspirações de sua terra de origem, mas foi em Imperatriz que ele foi orientado por amigos a ir até Belém, capital do Pará, em busca da sua primeira publicação. A partir de então, usando sua velha máquina de escrever, uma Hamilton, ele datilografou sua primeira obra.

— O PIOR É QUE EU NÃO SABIA COMO QUE ERA, E QUANDO EU ERRAVA UMA PALAVRA, PARA EU NÃO MANDAR SUJO PRA ELE EU JOGAVA O PAPEL FORA E COMEÇAVA TUDO DE NOVO, MAS ESCREVI E ENVIET.

*Contos* foi lançado em 1983, pela editora paraense Falângola, no qual reúne histórias suas, da família e amigos. Foi seu primeiro livro, de 17 obras publicadas até então.

A conversa na sala do escritor rodeada pelos exemplares de quase todas as obras publicadas em Imperatriz aconteceu em um momento em que Fregona estava com pouco mais de um dia do término do que ele diz ser seu último livro *Marilândia: vale de sombras e de lágrimas*, escrito com muita dificulda-

de devido aos problemas na visão, que hoje é o maior vilão para exercer a escrita, que tanto ama.

Poderíamos definir Livaldo Fregona como um dos árdulos sonhadores que abriram mão de muitos momentos no anseio de ser um escritor, a exemplo de John Creasey, autor britânico muito popular pelos seus romances policiais, que rejeitado mais de 743 vezes antes de publicar sua primeira obra não desistiu e hoje assina mais de 500 livros. Embora Livaldo não tenha sido rejeitado, ele enfrentou desafios tão desanimadores quanto, sem nunca desistir do sonho de se tornar um escritor.

Nas estantes do seu escritório o autor ainda guarda seus primeiros escritos, são cadernos que se amarelaram com o tempo, mas que guardam histórias de um menino que retratava em detalhes a realidade que o rodeava.

Ainda que esteja de vistas cansadas ele se diz satisfeito com tudo que já realizou em sua vida. Livaldo Fregona é um dos maiores incentivadores da literatura da cidade. Ele é o responsável por alimentar a única página que reúne os escritores na internet e o espaço da Academia Imperatrizense de Letras no jornal *O Progresso*. Seu incentivo lhe rendeu o prêmio como autor mais atuante na região Tocantina no ano de 1997, criado pela prefeitura de Imperatriz e concedido pela AIL, da qual é membro fundador, ocupante da cadeira 13.

E para quem diz que a região é banhada de poetas, Livaldo Fregona, um romancista declarado, caminhou por esse lado da literatura em busca de contar histórias com mais afinco, tendo sido guiado pelo escritor, amigo e confidente Vito Milesi

Na riqueza de detalhes dos textos que o capixaba com alma de maranhense explora é ressaltada a essência da humanidade, unindo uma realidade nua e crua e uma sensibili-

dade instigante sobre as coisas da vida.

**Principais obras:** *Contos* (1983); *A procura* (1984); *Menino da roça* (1985); *Estranha passagem* (1986); *Jabino: o predestinado* (1987); *Abismos* (1988); *O caminho* (1990); *Os humildes* (1992); *Siriano* (1994); *Nuvens passageiras* (1996); *18 anos de Imperatriz* (1998); *A fama e a verdade de José Bonfim* (1999); *Ao lado do travesseiro* (2005); *O caçador* (2009); *Simba* (2010); *Causos e contos* (2012); *O maior mentiroso do mundo* (2015).





## ABISMOS, 2012

Editora Ética, 2ª edição, 287 páginas.

Em *Abismos, 2012*, a sexta obra do escritor Livaldo Fregona, que está na sua segunda edição, podemos encontrar nas 287 páginas uma narrativa às vezes dura, intrigante, mas cheia de reviravoltas com uma carga de mensagens nas muitas histórias de revés dos personagens.

É um livro de tempero forte, que mistura elementos comuns do regionalismo de Imperatriz, no Maranhão, e do estado do Espírito Santo, lugares percorridos pelo autor que também explora particularidades literárias, como o suspense, por exemplo, para criar uma obra provocante e que foge das fórmulas adotadas por outros autores da região tocantina, que na sua maioria produzem poesias e crônicas.

Nesse romance o autor criou uma narrativa envolta dos desejos e decepções de vários personagens, uma busca por afirmação de como a escolha individual tem grande influência — na sua maioria, negativa — na vida dos outros. O livro trata ainda da relação dessas pessoas com sua fé e seu relacionamento com Deus.

No centro dos acontecimentos, iniciados em 1946, dois jovens que se tornam órfãos por motivos trágicos. Orácio foi abandonado pela mãe enquanto ainda era recém-nascido, em uma família que o odiava e não o aceitava; já o jovem Neandro primeiro perde o pai em um sequestro e a mãe morre pela miséria, pelo abandono, por saudade do filho que some no mundo.

*“Não há nada perdido, mas o fim se aproxima. Sinto em mim*

*um prazer indizível perpassar-me o ser. Acho mesmo que estava certo quem disse que a lua só clareia depois que o sol se esconde. Agora que sinto o fim, dentro do limite máximo da miséria, meu coração se alegra. Alegro-me por tê-lo aqui pertinho, pedaço de mim, e poder dizer que o amo, e poder me despedir e estar certa de que um dia nos veremos outra vez". p.87*

E em meio a tantas fatalidades, uma grande amizade entre os dois jovens se inicia, resistindo até mesmo aos momentos mais funestos.

O livro se desenvolve ora explorando a maneira que esses dois amigos se envolvem no mundo do crime, e a busca do personagem Neandro por vingança pela morte do pai, ora contando a vida de outros personagens que servem como justificativa para seus atos de desespero.

Assim como a história da pedagoga Edna, que abandona o namorado Ubaldo, desampara o filho recém-nascido. Ela, que na juventude achava que seria o melhor para a criança, mas que com o passar do tempo e amadurecimento se torna uma andarilha em busca do filho desaparecido.

*"Abatida, mais velha e mais pobre, a professora deixara o ônibus e seguia por um caminho estreito e empoeirado. A cor parda da terra entranhava-se na pele suada, dando um aspecto de rugas inflamadas. Já haviam passados tantos anos [...] Perdera o prazer de viver; não parecia, psicicamente, sofrer com a miséria; não se lastimava. O filho, apenas o filho lhe interessava. Diante de seu estado deplorável, poucas pessoas paravam para ouvir seus problemas". p.157*

O livro traz ainda a história de uma paixão que, movida pelo sentimento e por mentiras, tem a capacidade de fazer até os mais des-



crentes acreditarem em uma força maior, que tem influência na vida de todos. O romance de Neandro com a personagem Marcélia busca demonstrar a fragilidade das relações e como o ser humano ainda pode ter esperança em meio às adversidades.



Um dos aspectos mais interessantes do livro é como o autor consegue fazer com que os personagens discutam todo tipo de assunto, desde militarismo no Brasil, os anos de pistolagem em Imperatriz, corrupção, política entre outros assuntos que permeiam a discussão na sociedade, sempre com um tom de crítica e sabedoria. As mazelas são debatidas pelos personagens que parecem ser menos instruídos, o que o autor explica por alegar que todo ser humano é sábio e pode ter consigo a retórica, sendo ele letrado ou não.



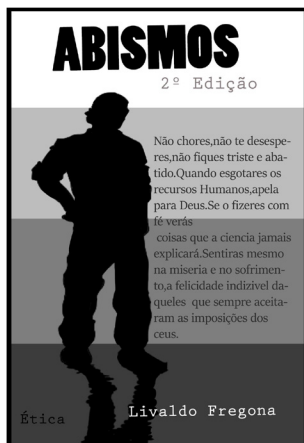
O livro tem potencial para mexer com os sentimentos mais íntimos de quem o lê, já que, na maioria de suas mensagens, podemos nos encontrar tristes, ávidos por uma drástica mudança, sedentos por dinheiro ou com medo das mais inescrupulosas situações, como o assalto do casal Ubaldo e sua namorada Poliana, que terminou no estupro da vítima, como demonstra o trecho.

*“Tomou-a animalescamente, machucando-a, mordendo-a, submetendo-a a todo desmando sexual humilhante de que sua índole perversa era capaz”. p.66*

Livaldo Fregona conseguiu criar uma história que surpreende em momentos que todas as amarras da narrativa pareciam esclarecidas.

Ao longo de 44 capítulos o autor percorre no romance uma de suas marcas como escritor, trazer histórias de homens simples, reais, que se assemelham à realidade da maioria das pessoas, o que deixa esta obra mais pessoal para

quem a ler. Livaldo Fregona que vem de origem simples conta histórias que também são suas.



Mas a leitura de *Abismos* deve ser gradual, pois como o livro se desenvolve a partir da vida de vários personagens, uma leitura mais atenta é essencial para que todos os acontecimentos sejam compreendidos em sua totalidade e as justificativas sejam entendidas. O livro nos faz julgar as ações desses personagens e ao mesmo tempo ao olharmos para nós mesmos, nos questionamos sobre o que é certo ou não.

**Onde encontrar:** As obras do autor estão disponíveis em [www.amazon.com.br](http://www.amazon.com.br).



# UM HOMEM DESCONSTRUÍDO

(MARCOS FÁBIO)



O encontro que permitiria apresentar um dos escritores mais populares de Imperatriz, com quase cinco mil amigos nas redes sociais, 22 livros publicados e três cargos muito bem exercidos, foi na Praça da Cultura. O lugar não poderia ser mais representativo, fica localizado em frente à Academia Imperatrizense de Letras, espaço que o mais novo membro entre os imortais sonhava ocupar desde 2006, quando chegou à cidade.

— PRA MIM QUE TRABALHO COM LITERATURA HÁ 25 ANOS É UM PROJETO PESSOAL FAZER PARTE DELA E É UMA FELICIDADE GRANDE PODER ESTAR ENTRE OS ACADÊMICOS.

O sonho que demorou um pouco mais de dez anos não diminuiu com o tempo e o dia inesquecível para Marcos Fábio Belo Matos foi legitimado em 17 de novembro de 2016, em sessão especial, na sede da instituição.

Mas como os sonhos desse escritor não são poucos, Marcos traz consigo uma forte bagagem no campo da literatura maranhense. Em 2001, aliado a um grupo de escritores, o autor fundou a Academia Bacabalense de Letras (ABL), na qual é membro ocupante da décima cadeira.

— EU VEJO ISSO MAIS COMO UM TÍTULO HONORÍFICO. NÃO TENHO MUITO APEGO A ESSE TÍTULO DE IMORTAL, RECEBO ELE COM MUITA TRANQUILIDADE E, PARA ALÉM DELE, ACHO O MAIS IMPORTANTE É PODER CONTRIBUIR COM A VIDA CULTURAL DA CIDADE.

Escritor, jornalista e professor universitário, nascido em Bacabal em 1972, iniciou sua caminhada pela literatura ainda muito jovem. Aos dezoito anos, com uma máquina de escre-

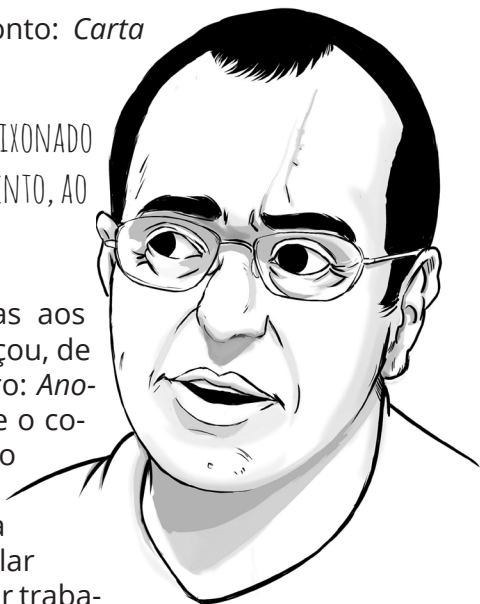
ver, datilografou seu primeiro conto: *Carta Fúnebre*.

— ERA A HISTÓRIA DE UM RAPAZ QUE ERA APAIXONADO POR UMA MENINA E POUCO ANTES DO CASAMENTO, AO ATRAVESSAR A RUA, É ATROPELADO.

No mesmo ano, 1990, graças aos esforços de amigos próximos, lançou, de forma artesanal, seu primeiro livro: *Anonimato*. A ebulição de ideias sobre o cotidiano marcava ali a caminhada do autor, de trato direto com uma literatura simples e uma maneira singular de escrever. Tão singular

que lhe rendeu o prêmio de melhor trabalho inédito no concurso literário “Cidade de São Luís” com sua dissertação de mestrado. Em 2006 foi o vencedor do primeiro edital do concurso BNB de cultura, no ano de 2015 o autor ganhou o edital da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão (Fapema) para a publicação da sua tese de doutorado e em 2016 pela mesma instituição foi o vencedor na categoria publicação, com o qual lançou, em 2017, sua primeira novela, “O 18º andar”.

Marcos é um daqueles escritores que se transfigura. Da máquina de datilografar ao *Facebook*, ele não se intimida na divulgação do seu trabalho. É acessível aos leitores e curiosos e se apresenta na figura de um escritor que tenta dialogar com o público de forma fácil. As postagens nas redes sociais são exemplos dessa simplicidade, mas algumas delas causam um estranhamento dos amigos virtuais, pois mostram que o autor não leva para as redes sociais toda a seriedade dos cargos exercidos por ele. E nesse amontoado de informações, *likes*, compartilhamentos e publicações mais ortodoxas, Marcos também tem tempo de usar as re-



des para exercer o cerne da sua vocação: ensinar. Entre os posts que compartilha estão dicas de português em pequenos e objetivos versos. Porque sim, a literatura o acompanha até mesmo nas funções mais corriqueiras.

— É UMA FORMA QUE EU ENCONTREI DE LEVAR MEUS ENSINAMENTOS MAIS LONGE. COMECEI BEM DEVAGAR E TIVE UMA ACEITAÇÃO. EU TENHO HOJE MUITA RELAÇÃO COM EX-ALUNOS, AMIGOS ETC., POR MEIO DAS DICAS DE REDAÇÃO. ELAS FUNCIONAM BEM, JÁ PASSEI MAIS DE 300 DICAS DE REDAÇÃO PELO INSTAGRAM, WHATSAPP, FACEBOOK E ATÉ TWITTER E ESPERO PODER FAZER MAIS COISAS NAS REDES. ACHO QUE É UMA GRANDE SALA DE AULA”.

O autor produz obras mescladas entre literatura acadêmica e literatura de ficção, caminhando entre a poesia, a crônica e principalmente o conto. Um exemplo de como sua escrita o revela pode ser visto no livro *Cotidiano Cinza*, 2014, que demonstra um autor maduro nas suas convicções literárias.

1.

— ATÉ JESUS TEVE MEDO.

FOI A ÚLTIMA FRASE DE SHEILA.

NA MANHÃ SEGUINTE, ELE FOI ENCONTRADO NUM MOTEL BARATO DO CENTRO, A PERUCA ARRANCADA, UM PÊNIS DE BORRACHA ENFIADO NA BOCA E UMA BALA NO PEITO.

2.

— SHEILA SE ARRISCAVA DEMAIS.

FOI TUDO O QUE SUAS AMIGAS DE PONTO DISSERAM AO DELEGADO.

E apesar do reconhecimento e de dividir a carreira de escritor com cargos como professor, colunista do jornal Correio



Popular, e de ter exercido o cargo de diretor da Universidade Federal do Maranhão, campus de Imperatriz, em 2013, ele se dá ao luxo de andar a pé e fazer escolhas que não envolvem bens materiais, como possuir carro ou casa própria. A questão é sobre não perder o apego com a sua essência.

O exercício diário de viver com simplicidade é uma tentativa do autor, de observar as pessoas e de se autoanalisar para que a sua obra converse com a realidade.

— TENHO BUSCADO AO LONGO DO TEMPO VIVER A VIDA MAIS SIMPLES POSSÍVEL, NA FORMA DE ESCREVER, DE TRATAR COM AS PESSOAS, DE PENSAR NA VIDA, OS VALORES QUE EU TENHO.

Dos muitos prêmios que o autor recebeu por suas 22 obras, a liberdade de expressar suas crenças talvez seja o maior. Marcos é um escritor verdadeiro.

**Principais obras:** *Anonimato* (1990); *O homem que derreteu e outros contos* (1997); *E o cinema invadiu Athenas: a história do cinema ambulante em São Luís (1898-1909)* (2001); *Coletânea da Academia Bacabalense de Letras* (2003); *Secretariado: mitos, falácias e verdades* (2004); *Comunicação: outros olhares* (2004); *Cotidiano cinza* (2004) (versão impressa); *Crônicas de menino*, (2006); *Entrevozes* (2008); *Comunicação, Jornalismo e fronteiras acadêmicas* (2011); *Coletânea 15 contos +, e-book* (2012); *Comunicação: práticas e reflexões, e-book* (2013); *15 curtos +, e-book* (2013); *Cotidiano cinza* (2014) (2ª edição, e-book); *Coletânea Maranhão em contos, e-book* (2014); *Contos cáusticos* (2015); *Ecos da modernidade: uma análise do discurso sobre o cinema ambulante em São Luís* (2016); *Jornalismo, Mídia e Sociedade: as experiências da região Tocantina* (2017); *Comunicação, Jornalismo e fronteiras acadêmicas II* (2017); *Entre discursos: memória, produção e circulação de sentidos* (2017); *18º andar* (2017).

## COTIDIANO CINZA

Helena Frenze Edições, 2ª edição, 43 páginas.

A ideia de cotidiano poderia, facilmente, remeter a algo absolutamente trivial, asséptico. Imagine, então, um cotidiano cinza. A alusão que essa imagem sugere nem de longe poderia ser tomada como atraente. Talvez por esse motivo exista a literatura e assim a vida seja romanceada.

E é nesse espaço, aparentemente sem ruídos e sem cor, que forma o ordinário do nosso dia a dia, que o escritor Marcos Fábio foi buscar inspiração para o livro *Cotidiano Cinza*, de 2014, uma obra que o autor toma para si como a mais representativa de sua escrita.

O livro foi publicado pelo site *Quintextos*<sup>1</sup>, que se dedica em reunir apaixonados pela literatura para desenvolverem trabalhos disponibilizados em plataformas abertas e gratuitas, para que cheguem com mais facilidade aos leitores.

Em *Cotidiano Cinza*, Marcos Fábio consegue contar histórias sobre a vida, sobre “idas, voltas, alegrias, tristezas, conquistas, perdas, sucessos, fracassos, sonhos, desencantos, ternura, agressividade, calma e agonia”, que são comuns aos personagens, ou seja, são pequenas histórias sobre os sentimentos humanos, sobre suas rotinas ora mais leve, ora mais pesadas, mas, substancialmente, ordinárias.

Ao todo são 17 histórias cujos enredos, muito provavelmente, o leitor já tenha vivido ou acompanhado entre seus próximos, afinal, trata de ações e sentimentos universais.

---

<sup>1</sup> Link do site: <http://quintextos.blogspot.com.br/>

Para ter uma ideia de como é a narrativa que compõe o livro, entre os textos está *Dor do mundo*, que trata da finitude do tempo.



*“Juntos, eles contemplam o infinito. Nada há. Nada mais há além do instante em que o infinito os atravessa com toda a sua enormidade”. p.10*

Os capítulos que seguem, segundo e terceiro, recebem o mesmo nome *Destino*, ainda que contenham histórias diferentes. O primeiro, *Destino I*, aposta numa narrativa sobre o casamento que terminou em traição. A história é sobre como pequenas atitudes podem ser determinantes em nossa vida. E sim, às vezes, agradecemos as reviravoltas que a vida oferece. Já *Destino II* é sobre um homem que liga para o amigo durante a noite. A tensão da conversa é o que move a história, cujo tema também é a infidelidade.

Acompanhar a ótica dos contos pelo olhar dos personagens é um dos acertos mais palpáveis de *Cotidiano Cinza*. Quem nunca se sentiu como Raimundo do capítulo quatro?

*“Raimundo explodia de pavor. Não conseguia articular nenhum pensamento, não tinha impulsos, estava bestificado. O seu único desejo era sair correndo daquele local, mas o pai o empurrara ali para tornar-se homem e ele tinha que ficar”. p.14*

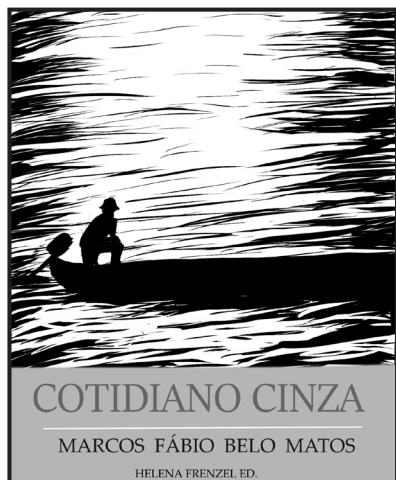
A situação pode não ser a mesma, é fato que, pouco deve acontecer de meninos ainda serem forçados a ter sua primeira noite com uma prostituta. Mas a sensação de desconforto, de angústia é real a nós em diferentes momentos nessa idade.



Enfim, *Cotidiano Cinza* é um livro que nos leva a todo o momento a procurar nas nossas próprias vidas os personagens ali retratados. Não dificilmente qual-



quer um que se debruçar sobre a leitura vai, em algum momento, se deparar com essa identificação. Seja nas memórias daquela pessoa da juventude que roubou nossas noites ou nos segredos dos amantes de outrora, enfim, nas metáforas que o cotidiano cria.



A única ressalva é que as narrativas são bem curtas, o que afinal é uma marca do autor, que usa da melhor maneira os aforismos e sabe, como poucos, ser objetivo e profundo na mesma medida. Vale salientar que ao ler se desprenda de finais óbvios e tão pouco de histórias enfadonhas: o livro é realmente para apreciar rapidamente e refletir depois minuciosamente.

**Onde encontrar:** [quintextos.blogspot.com.br](http://quintextos.blogspot.com.br)



ZECA, PAIXÕES,  
FRUSTRAÇÕES E  
INQUIETUDE ÀS  
MARGENS DO  
TOCANTINS

(ZECA TOCANTINS)





A cada dez minutos o barulho dos motores anuncia a chegada das balsas à margem do rio que corta os estados do Maranhão e do Tocantins. Seja pelo lado de Imperatriz ou da outra margem da Praia Doce, no município de Bela Vista, esse é o costume comum das pessoas que fazem dessa trajetória uma rotina. São Marias, Antônio, José e o Zeca. O José Bonifácio Cezar Ribeiro, de 59 anos, que de tanto ser chamado de Zeca

Tocantins às vezes esquece o nome de batismo.

— É BOM RELEMBRAR ISSO PORQUE DE VEZ EM QUANDO ESQUEÇO. JÁ ESTOU ACOSTUMADO COM ZECA TOCANTINS.

O apelido surgiu porque o artista, natural do Tocantins, desde o início da carreira, entre 1977 e 1980, quando começou no teatro e nos festivais de música ao se apresentar pelo Brasil afora, passou ser identificado como o artista daquela região.

E é com ele que essa conversa segue. Na beira do rio, num dia ensolarado, na casa onde escritor mora com a esposa Núbia Ângela, sua parceira também nos movimentos cul-

turais, e os dois filhos, Raicam (4) e Moara (28). O azul vivo da casa que fica de frente para o rio na comunidade de Bela Vista a destacava das outras.

— TEM UM RAPAZ AQUI QUE PINTA MUITO BEM, ENTÃO ELE É QUEM CUIDA DESSAS COISAS AQUI EM CASA, ELE QUE ESCOLHE A COR. ELE TEM UMA SACADA MUITO LEGAL E EU GOSTO DESSA COISA FOCADA NA ARTE E NA CRIAÇÃO. GOSTO DE AZUL, MAS GOSTO MESMO É DE MISTURA, SABE?

Zeca, no seu estilo mais despojado de ser, sem cerimônia ou qualquer preocupação em dar uma pausa nas suas atividades, nos recebeu no fundo da sua residência entre as muitas árvores frutíferas.

Cantor, compositor e poeta, ele nasceu na cidade de Xambioá-TO em 14 de maio de 1958. Aos cinco anos iniciou sua trajetória por Imperatriz, quando se mudou com sua família. A ligação com as expressões culturais da região tocantina fizeram com que o autor se tornasse um dos maiores nomes da literatura local.

Com 12 livros publicados, Zeca diz que nunca imaginou lançar nenhuma de suas obras, e que foi seduzido pela vontade do amigo e também escritor, Adalberto Franklin .

— EU TENHO 12 LIVROS EDITADOS, O ÚLTIMO LIVRO FOI O QUE DEDIQUEI PARA NENÉM BRAGANÇA . NUNCA PENSEI EM ESCREVER ESSE TANTO DE LIVRO NA MINHA VIDA. FUI UM DOS CARAS SEDUZIDOS PELO ADALBERTO, COMO TANTOS OUTROS. ELE TINHA UMA DINÂMICA LITERÁRIA.

Se não queria escrever tanto, o fato é que não lhe faltou inspiração. Na dúzia de publicações que levam seu nome estão referências ao rio Tocantins, aos moradores ribeirinhos, à natureza e aos aspectos culturais da região.

Mas as contribuições do homem do Tocantins para Imperatriz não se restringem aos seus escritos, estão nas pequenas e grandes atividades de valorização artística na região. Só para citar algumas: a organização do Festival de Música de Imperatriz (FMI), que está na sua oitava edição, que ao longo dos oito anos de existência trouxe compositores e intérpretes, como Deive Di Campos, Chico Nô, Santos Bahia, entre tantos outros que apresentaram composições inéditas e autorais; a criação da Associação Artística de Imperatriz (Assarti), em 1982, da qual foi fundador e presidente; bem como os oito anos em que atuou como coordenador da Fundação Cultural, quando promoveu ações, como visitas em mais de 100 escolas para doação de cerca de 10 mil livros e o mesmo número em discos, que visava incentivar o conhecimento dos alunos.

Zeca trabalhou ainda na área de Comunicação: rádio, jornal impresso e televisão. Atualmente ele tem buscado disposição e apoio para voltar aos trabalhos com a música e possivelmente com a escrita, área em que tem grande atuação. E são nessas áreas que ele se destaca. Zeca conta que participou de mais de cem festivais de música alternativa com composições próprias. Ele foi membro da Sociedade Brasileira de Autores (SBAT) e é um dos membros mais ativos da Academia Imperatrizense de Letras (AIL), onde ocupa a cadeira de número 29, e se aventurou a escrever em todos os estilos da literatura.

No ápice de um sentimento de decepção guardado garganta abaixo, muito pela falta de reconhecimento, a lamentação aparece vez ou outra durante a entrevista.

— DÓI MUITO SABER QUE ELES VÃO EMBORA PORQUE NÃO SÃO CONSUMIDOS AQUI. É PRECISO QUE SEJA CONSUMIDO, NÃO É SÓ PRODUZIR. COMO ESTÁ SENDO ACEITO ESSA PRODUÇÃO? O QUE A CIDADE FAZ POR ESSAS PESSOAS? FOI TODO MUNDO EMBORA.

Nessas experiências o autor diz que “acabou sendo um



monte de coisa sem ser nada". Ele é daqueles que ao ver a necessidade arregaça as mangas e faz de tudo um pouco.

— ESTIVE EM TODOS OS SETORES DA CULTURA... ILUMINAVA, FAZIA MAQUIAGEM, MAS ERA PELA NECESSIDADE DE TER COISA BONITA DA CIDADE, E AÍ TINHA QUE FAZER TUDO PORQUE NÃO TINHA PESSOAL.

O descontentamento nada modesto trazido nas palavras do autor insinua um cansaço, já que para ele seu ciclo como escritor parecia encerrado.

— ACHO QUE NINGUÉM PRECISA ESCREVER ISSO AÍ NÃO. ADALBERTO VIVIA ME CONVIDANDO PARA FAZER ESSE 13º, MAS JÁ DEI UMA FREADA E SE EU FOR FAZER ALGUMA COISA, EU VOU REEDITAR E INSERIR ALGUMAS COISAS NESSES 12.

O autor reforça que para voltar a ser um artista como antes, a reclusão e a oxigenação do seu ofício deveria ser um passo importante.

— EU PRECISO ME OXIGENAR, PRECISO ESTAR GOSTANDO DO QUE FAÇO, TENHO QUE FAZER AS COISAS COM PRAZER. TEM QUE TER DINHEIRO, MAS TEM QUE TER PRAZER E NÃO ENCONTRO ESSE FEEDBACK EM IMPERATRIZ.

Se ele diz que suas produções literárias não são mais necessárias, algumas opiniões contradizem seu posicionamento, já que um de seus trabalhos, o livro *Banzeiros* (2001), foi escolhido pelo cineasta brasileiro Fáuston da Silva, para virar filme, ainda sem data definida.

Em um misto de alegria pelo reconhecimento que vem de fora e de tristeza, o escritor lamenta por essa valorização não

partir da terra que ele mais estima.

— É DOLORIDO QUANDO VOCÊ PERCEBE QUE AS PESSOAS NÃO LEEM NOSSOS LIVROS.

Alegando que escrever é um ato natural, Zeca relata que sempre esteve ligado com a literatura, mas que sua trajetória por esse meio veio depois de muitas composições e que, ainda assim, se desfez de alguns de seus textos antes mesmo de eles saírem de baixo de suas asas.

— ALGUMAS PESSOAS QUE EU TENHO CERTA CONSIDERAÇÃO ME PERGUNTAVAM: RAPAZ TU RASGOU QUANTOS? RAPAZ, RASGUEI BEM UNS QUATRO E ELE, VIXE RASGOU POUCO DEMAIS! QUANDO VOCÊ ACHA QUE SEU MATERIAL NÃO ESTÁ NUM NÍVEL MUITO BOM JÁ É UM BOM CAMINHO, DE VOCÊ SER AUTOCRÍTICO. EU ESCREVI A VIDA TODA, AGORA IMPRIMIR FUI SEDUZIDO.

E foi dessa sedução que a literatura revelou um Zeca apaixonado pelo rio Tocantins, tanto que faz dele uma das maiores inspirações para suas obras. Em sua melhor definição, ele é um autor inquieto com o mundo a sua volta e comprometido com a cultura regional.

**Principais obras:** *Columbi* (1990); *Moinho* (1992); *Dez contos de Pulinário* (1994); *Gotas de sol* (1996); *Caminhos de nós* (1998); *Banzeiros* (2001); *Colhedor de manhãs* (2003); *Pequeno ensaio sobre cultura, criação e arte* (2006); *Dialética do silêncio* (2007); *O outro lado da ponte* (2010); *Curandeiras* (2012); *O último trem* (2015).

## CURANDEIRAS, 2012

Brasil Editora Comunicação Visual, 107 páginas.

As poesias presentes no livro *Curandeiras*, do escritor e compositor Zeca Tocantins, refletem a visão de quem observa bem a vida em todas as circunstâncias. E dessa observação, de histórias vividas ou compartilhadas entre as meninas de Bela Vista, a vila onde mora, às margens do rio Tocantins, às reviravoltas do seu próprio cotidiano, a obra é, efetivamente, a exaltação da simplicidade do poeta e das coisas do dia a dia.



O décimo primeiro livro do autor reúne 96 poesias curtas, boa parte delas não ultrapassam quatro versos, quantidade esta que não mede a profundidade do que aqui diz o poeta. Seus desabaços, suas indignações e sensibilidades estão fragmentadas na obra dedicada às curandeiras: “povo de sabedoria popular”, mulheres cheias de segredos, conhecidas por usarem a sabedoria dos seus ancestrais para curar quem as procura por meio de remédios naturais ou rezas.

O nome do livro nem sempre conversa com as poesias, mas a capa, que traz o colorido do amontoado de fitas com nomes de santos e santas e uma alusão às ervas e a terra ao seu redor, além do próprio conteúdo, são de todo revelador de uma crença e um conhecimento incontestável da vida, ou



pode revelar uma referência que o autor queira fazer de que poesias também podem ser remédio para dores da vida.

Em meio às páginas, as poesias ressaltam a pessoa do poeta. Nos versos de *Existência* conseguimos entender qual é a fonte de tanta inspiração.

*"Sou poeta  
Porque não sei  
ser outra coisa." p.36*

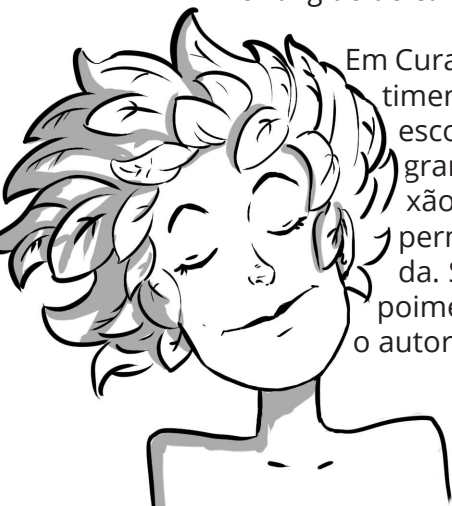


O livro nos leva, com facilidade, a olhar para dentro de nós mesmos e assumirmos nossa simplicidade e, por vezes, nossa natureza. Ele traz uma narrativa regionalizada, de forma que quem o lê possa imaginar cada uma das histórias nele mencionadas, como em *Maio maior*, em que a força da palavra salta à imaginação.

*"Debaixo de um chapéu  
Me escondia do Sol e das meninas  
que passavam para lavar roupas no rio.*

*O vento tocava a gente...*

*O fogo das caieiras  
Ainda estalam em minhas veias  
o rangido do carro de mão soa sofrido." p.12*



Em *Curandeiras*, o autor exibe seu forte sentimento de aversão por aqueles que se escondem da verdade e expressa sua grande admiração pela natureza e paixão pelo rio Tocantins. Os textos leves permitem uma leitura tranquila e rápida. São 107 páginas; em duas delas, depoimentos de dois amigos parabenizando o autor pela obra. Nas demais, poesias que

falam sobre as experiências nas águas do rio Tocantins, vida na comunidade, sobre seu contato com a natureza e opinião sobre os diversos campos da sociedade, como educação, política e religião.



Curandeiras é um daqueles livros que você sente os ideais do autor, que o verso e prosa caminham tão bem que parece uma das suas mais belas canções. A obra é sobre o conhecimento popular que resguarda e valoriza a cultura, principalmente do homem ribeirinho.

**Onde encontrar:** Academia Imperatrizense de Letras e com o próprio autor.



# CONHEÇA OUTROS ESCRITORES

Miniperfis

# ADRIANA MOULIN

Ainda que não exista uma receita padrão para saber escrever, é possível encontrar um caminho, e o melhor caminho para escrever bem, já diz a escritora Adriana Moulin de Alencar Picoli, 52, é ler muito. A recém empossada na Academia Imperatrizense de Letras (AIL) nasceu em Colatina no estado do Espírito Santo, e mora em Imperatriz desde 1990. Suas produções enlaçam poesias e contos. Ainda criança, Adriana Moulin escreveu sua primeira poesia que está na sua segunda obra, o livro *Nua como a Lua*, lançado em 2016, pela Editora Buqui do Rio Grande do Sul. Antes disso, a autora que também é médica formada pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), lançou *Para sempre o nosso Sol - Todos os pais são heróis* em 2008, pela Editora Ética - MA. Ainda que não tenha recebido nenhuma premiação física, Adriana se orgulha de ter "roubado" e tocado o coração das pessoas com os seus versos. A médica e escritora ocupa a décima oitava cadeira na AIL, na qual se tornou membro imortal desde novembro de 2016.

**Principal obra:** *Nua como a Lua* (2016); *Para sempre o nosso Sol: Todos os pais são heróis* (2008).

# ANDRÉ WALLYSON

Apaixonado pela vivência do jornalismo literário, o jornalista André Wallyson, 29 anos, têm nesse estilo sua marca como escritor. Sua primeira experiência como autor teve como recorte um espaço da cidade já consagrado: o bairro Mercadinho. A obra, *O que é que o mercadinho tem*, é um livro-reportagem desenvolvido em 2013, ainda na graduação do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão e foi inspirado por personalidades como Nelson Motta: escritor, jornalista e músico paulista. Atualmente, André se divide entre produção em uma TV local tem grande destaque nas áreas de atuação, *digital influencer* da área gastronômica e o desejo de levar para as pessoas de Imperatriz textos humanizados sobre locais típicos da cidade.

**Principal obra:** *O que é que o mercadinho tem* (2013).



# ANTÔNIO COUTINHO

Como consequência do ato da leitura, o professor e escritor piauiense Antônio Coutinho Soares Filho, 47 anos, teve sua primeira experiência com a escrita ao desenvolver uma atividade escolar aos 16 anos de idade e a partir de então não parou mais. Antônio Coutinho adotou para si os formatos conto e o romance, tendo como referências literárias autores como Clarice Lispector e Osman Lins. Ainda que não tenha recebido nenhuma premiação por suas obras, o autor carrega uma preocupação com uso da palavra literária e com um pensar profundo sobre a natureza humana, razão pela qual adotou o toque poético ao escrever suas três publicações.

**Principais obras:** *Osculário* (2004); *Lago* (2007) e *Osculário: la-crado* (2014).

# ARISTON DE FRANÇA

Nascido em João Lisboa (Ma), o professor e escritor Ariston Nogueira de França chegou a Imperatriz em 1977 e na década de 80 começou sua aventura pela escrita tendo fundamental participação na criação do Grupo Literário de Imperatriz (Gru-li), ligado a Associação Artística de Imperatriz (Assarti), da qual também foi membro fundador. Dos trabalhos realizados no município rendeu-lhe a Medalha de Mérito Legislativo Barão de Coroatá concedida pelo Poder Legislativo de Imperatriz. Ariston de França é autor de quatro obras, tanto literárias quanto socioeducativa. Ele é membro da Academia Imperatrizense de Letras, ocupante da 21ª cadeira e correspondente da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni, de Petrópolis, no Rio de Janeiro.

**Principais obras:** *Ato infracional e Medida Socioeducativa de Semiliberdade Fundo de Gaveta* (2004); *A ética na prática do Conselho Tutelar (em coautoria)* (2009); *Retalho de poesias* (reedição, 2009); *Fundo de Gaveta* (reedição, 2015).

# ARLENE AZEVEDO

Com vasta experiência na área pedagógica, a escritora e professora Antônio Arlene Azevedo, natural de Amarante, MA, começou sua trajetória no cenário da literatura ainda na adolescência. Fascinada por poesia, a escritora encorajou-se a escrever contos e metáforas sobre a cultura indígena, tema no qual chama grande atenção para sua região, devido a presença de tribos indígenas, em especial as tribos Gavião e Guajajara. Arlene Azevedo é formada em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão e é membro fundadora da Academia Imperatrizense de Letras, ocupante da 31ª cadeira.

**Principais publicações:** Textos publicados no jornal *O Progresso*.

# ARNALDO MONTEIRO

Ligado a literatura por amor e formação acadêmica, o professor e pesquisador Arnaldo Monteiro dos Santos enveredou pelo caminho das publicações desde 1970, quando atuou como colaborador e revisor do jornal O Progresso. O estilo literário se estende à crônica, ao conto, à poesia e à crítica literária. Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas Literaturas, o escritor agrega no currículo o título de imortal da Academia Imperatrizense de Letras como membro fundador da instituição, ocupante da cadeira de número 23. Arnaldo Monteiro é, atualmente, revisor da coluna “Espaço das Letras”, publicada pelos escritores da AIL aos domingos no jornal O Progresso.

**Principais obras:** *Manual de dificuldades da Língua Portuguesa* (1975); *A vida e seus percalços* (2001); *Textos do meu mundo* (2002); *Vidas tecendo textos* (2007) e *Reflexos de reflexões* (2012).

# AURELIANO NETO

Aliando a área jurídica à literária, o escritor Manoel Aureliano Ferreira Neto, de 70 anos, adotou a crônica para escrever as duas principais obras do estilo literário: *Crônicas e reflexões* (2008) e *Canções de uma vida* (2015). O autor ludovicense é formado em Direito na Faculdade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, em 1971. Chegou a Imperatriz em 1975 e desde então passou a ser colaborador em jornais da cidade, como O Progresso. Também exerceu a profissão de advogado e posteriormente assumiu a magistratura, tendo sido juiz de Direito nas comarcas de João Lisboa e Carolina, da 3ª Vara Criminal da Comarca de Imperatriz, entre outras cidades, além de ter desempenhado a função de professor do ensino superior passando por instituições como a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), atual Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul). Em 1998, Aureliano Neto recebeu a Comenda Frei Manoel Procópio concedido pelo Poder Executivo de Imperatriz pelos serviços prestados ao município. Ele é membro fundador da Academia Imperatrizense de Letras, tendo assumido a cadeira de número 26 na instituição.

**Principais obras:** *A aplicação dos princípios da proporcionalidade e da razoabilidade nas relações de consumo* (2008); *Crônicas e reflexões* (2008) e *Canções de uma vida* (2015).

# CARLOS OCIRAN

Inspirado pela própria história de amor, uma paixão da adolescência, Carlos Ociran Silva Nascimento, de 56 anos, escreveu seus primeiros poemas. Nascido em São Domingos do Maranhão, o homem que se diz apaixonado pelo ser humano é autor de sete obras, sendo a maioria poesias sobre a vida e os sentimentos que a alimentam. Seus três primeiros livros foram produzidos de forma artesanal, não chegando a ser publicado. Os quatro últimos foram publicados pela editora da cidade, a Ética editora. Carlos Ociran mora em Imperatriz há 26 anos e é ocupante da trigésima sexta cadeira na Academia Imperatrizense de Letras. Em sua caminhada o escritor teve vasta formação acadêmica na área de exatas: é especializado em Matemática Superior pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais PUC-MG; graduado em Aperfeiçoamento em Didática do Ensino Superior pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), tem mestrado em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e doutorado em Ciência e Engenharia de Materiais pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

**Principais obras:** *Sonhos de vidro* (1995); *Retrato* (1998); *Só letrando a vida* (2004); e *Em Tese* (2015).

# CARLOTA CARVALHO

Das informações mais verídicas que se tem sobre a professora e escritora Carlota Carvalho, não se pode negar, é que ela escreveu uma das obras mais importantes da historiografia sul-maranhense: *O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil*, publicada pela primeira vez em 1924, editada sob o patrocínio da Academia Brasileira de Letras (ABL) e da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), e reeditada quatro vezes, três pela Ética Editora a partir de 2000 com prefácio do professor e escritor João Renôr e comentários do escritor e editor Adalberto Franklin; e a última em 2012 pela Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU). Natural de Riachão (MA), a patrona da cadeira de número 22 da Academia Imperatrizense de Letras é um dos maiores nomes da literatura maranhense, tendo causado grandes polêmicas e discussões a respeito do conteúdo de seu livro, uma vez que entre outros assuntos relatava sobre a corrupção do governo da época, é o único publicado em seu nome.

**Principal obra:** *O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil* (1924).

# CÁSSIUS GUIMARÃES CHAI

Inspirado pela doutrina da fé cristã, o autor, magistrado e professor Cássius Guimarães Chai teve seu trabalho literário reconhecido academicamente em 2011, quando ingressou na Academia Imperatrizense de Letras, ocupando a cadeira de número 03. O autor nasceu em 1971, em São Luís, capital do Estado. Sua ligação com as letras é um presente de família herdado de sua mãe, Filomena das Graças Guimarães Chai (1948-1993), que em vida foi normalista e musicista. De sua formação literária resultou a obra *Fotopoética* lançada em 2011 durante sua posse na AIL, e mais de 30 publicações na área jurídica que refletem os caminhos percorridos por ele.

**Principais obras:** *Fotopoética* (2011); *Descumprimento de Preceito Fundamental: Identidade Constitucional e Vetos a Democracia* (2004).



# CÍCERO MARCELINO

Aliando os estudos religiosos ao gosto pela literatura, o escritor alagoense Cícero Marcelino de Melo se aventurou pelo mundo das poesias para falar da vida do homem e dos ideais políticos/sociais. Parte de sua trajetória é marcada por uma vida religiosa ativa nas paróquias do Maranhão. Foi seminarista em Carolina, MA, e em 1981 ordenado sacerdote. Em 1985 chegou o distrito de Imperatriz para coordenar uma paróquia em Cidelândia, cerca de 70 quilômetros de Imperatriz. Cícero Marcelino é autor de três livros publicados, tendo como principal destaque o livro de poesias *Becos da Vida* (1994). Ele é membro da Academia Imperatrizense de Letras, onde ocupa a décima cadeira.

**Principal obra:** *Becos da vida* (1994).

# CONCEIÇÃO FORMIGA

Aos 71 anos a escritora Maria da Conceição Medeiros Formiga, natural de Barra do Corda, MA, é colecionadora de grandes histórias. Ela é uma das maiores defensoras da presença das mulheres na história de Imperatriz, motivo que talvez a tenha levado a escrever boa parte de suas obras tendo as mulheres como tema principal. A autora tem o ano de 1968 como marca do início de sua experiência no mundo da escrita por influência do pai que a presenteou com um livro em branco para que ela o preenchesse. No mesmo ano a autora mudou-se para Imperatriz para exercer a função de professora. Nesta função orientou Edelvira Marques, autora da primeira obra publicada na cidade. Conceição Formiga é professora aposentada, presidente do Clube de Mães, – uma entidade sem fins lucrativos que reúne mulheres para discutir e refletir sobre temas de interesse social– e integrante da rede de combate a violência doméstica de Imperatriz.

**Principais obras:** *Clube das mães - 30 anos* (2001); *Imperatriz, Mulher, Mulheres* (2004); *Retalhos da nossa história: recordando o ginásio* (2004); *Presépios: mimos de Francisco* (2016) e *Eugenia: em memória* (2017).

# DOM AFFONSO FELIPPE GREGORY

A fé e a devoção à igreja católica levou Dom Affonso Felipe Gregory a ser designado o primeiro bispo da Diocese de Imperatriz em 1987, onde atuou como referência religiosa por 18 anos. Mas sua contribuição foi além da liderança religiosa, em sua passagem por Imperatriz Dom Affonso contribuiu de forma ativa na fundação da Academia Imperatrizense de Letras, onde ocupou a oitava cadeira. Em exercício, ele redigiu importantes documentos destinados ao clero e aos leigos, que resultaram em boa parte de suas obras, que por sua vez, marcam a trajetória do religioso na igreja Católica. Ele é uma das figuras religiosas mais importantes da região Tocantina, fato é que em homenagem foi dado seu nome à ponte que interliga as cidades de Imperatriz, MA, e São Miguel do Tocantins, TO.

**Principais obras:** *Comunidades Eclesiais de Base: utopia ou realidade* (1973); *Como conhecer melhor a paróquia* (1964); *A paróquia ontem, hoje e amanhã* (1967); *Pastoral de grandes cidades* (1967); *Comunidades eclesiais de base: utopia ou realidade?* (1973); *Formas de presença da Igreja em grandes cidades* (1975); *Chances e desafios das comunidades eclesiais de base* (1979); *Promovendo a justiça e a fraternidade* (1996); *Combati o bom combate* (2005).

# DOMINGOS CEZAR

O jornalista Domingos Izaías Cezar Ribeiro, intitulado cidadão imperatrizense, natural de Xambioá, TO, chegou à Imperatriz em dezembro de 1963 e começou sua aventura pelo mundo da escrita em 1977, quando era ator no grupo de teatro Príncipe Teatro de Imperatriz (PRITEI), primeiro grupo teatral nascido na década de 1970, tendo escrito a peça teatral *O Renascimento*, (1978). É graduado em Administração de Negócios pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), em 2003, e é autor de 12 obras publicadas, tendo com destaque o livro *Migrante* (1986), o qual foi premiado com o troféu do Grupo Literário de Imperatriz (GRULI) em 1987. Seus livros são relatos das coberturas jornalísticas que fez no mundo policial, envolvendo pistoleiros e latifundiários, no sul do Pará e em Açailândia. O romancista, articulista, cronista, contista e poeta cordelista é membro fundador da Academia Imperatrizense de Letras ocupante da cadeira de número 32 e é irmão do escritor, cantor e compositor e também acadêmico Zeca Tocantins. E ainda que tenha se considerado um imperatrizense desde muito cedo, ele só veio a receber o título de “Cidadão Imperatrizense” concedido pela Câmara Municipal de Imperatriz em 2011.

**Principais obras:** *Imperatriz após a Revolução* (1984); *Migrante* (1986; 2. ed.: 2005); *Viagem ao Tocantins e Araguaia* (1998); *Açailândia: uma fase de corrupção no poder* (2001); *Francisco Rodrigues de Sales, o nosso Chodó* (2001); *Maranhão do Sul* (2002); *Imperatriz: 150 anos* (coletânea da AIL, 2002); *O Velho Marujo* (2003); *Plano de Governo do PC do B* (2004); *Alerta, rio Tocantins* (2007) e *Ecologicamente pensando* (2009).

# EDMILSON FRANCO DA SILVA

Cantar o amor e o sertão é um sonho que nunca finda na prosa de Edmilson Franco da Silva, 64 anos, advogado formado pela Universidade Federal do Maranhão, em 1994, e cujas histórias tratam da vida e da rotina no interior. Nascido em Amarante no Maranhão, desde os treze anos diz ter uma relação íntima com o ato de escrever. Alma de poeta sim, não é à toa que herdou de uma de suas maiores inspirações - o autor Rogaciano Leite, como sua obra *Carne e Alma* - a reflexão do tema que deu vida à sua obra ainda em andamento que tem por título *Corpo e Alma*. Autor de 300 poemas e de crônicas publicadas no jornal *O progresso*, veículo no qual foi colaborador desde 1972, Edmilson Franco foi uma das primeiras personalidades de Imperatriz a receber o troféu Jurivê de Macedo, em 15 de julho de 2010, tendo sido homenageado como Homem do Direito. E embora não tenha nenhum livro publicado, o conjunto de sua obra, lida em jornais, tem lhe garantido o reconhecimento e o prestígio de um escritor de renome na cidade.

**Principais obras:** Poema *Apartamento*, publicado na coluna Extra da Academia Imperatrizense de Letras, no Jornal *O Progresso* em 15 de julho de (2007).

# EDNA VENTURA

Imperatrizense por natureza, a escritora Edna Fonseca dos Santos Ventura tomou conhecimento da literatura de cordel influenciada por seu pai Gonçalo Pereira dos Santos, com poesias lidas para a autora ainda na sua infância. Aos 18 anos, em 1979, escreveu seu primeiro conto, mais tarde, em 1980, passou a colaborar no jornal *O Progresso* publicando crônicas e poesias, mas só veio a publicar a primeira obra em 2001, mesmo ano em que foi eleita membro fundadora da Academia Imperatrizense de Letras, na qual ocupa a cadeira de número 33 e da qual foi presidente por dois mandatos consecutivos, de 2011 a 2015.

**Principais obras:** *Madrugada de Novembro* (2001) e *Ondas de Luz* (2004).

# ELSON ARAÚJO

Inspirado pela obra de Jorge Amado e de Nelson Rodrigues, o jornalista Elson Mesquita de Araújo, de 49 anos, enveredou pelo caminho da literatura motivado pelos livros que ganhava dos familiares e pelas rodas de leitura de cordel que presenciava desde os 11 anos. O autor é natural de Pio XII, MA, e mora em Imperatriz desde dezembro de 1977, onde exerce a função de assessor de imprensa desde 2000. Além de ter adotado a função de jornalista, Elson Araújo é formado em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e em Direito pela Unidade de Ensino Superior do Sul do Maranhão (Unisulma). Ainda que não tenha um estilo característico, sua produção literária está voltada principalmente para a poesia e para o conto, o que lhe possibilitou participar de três antologias poéticas, entre elas *Quintessência: antologia poética* (2015), produzidas por ele e mais cinco autores: Lua Serena Poetisa, Trajano Neto, Weliton Carvalho e Ribamar Silva, a qual foi vencedora do Prêmio Literário promovido pela Academia Imperatrizense de Letras em 2016. O autor ainda alimenta blog de literatura *Solidão das Letras* e faz publicações no jornal impresso *O Progresso*, de Imperatriz.

**Principais obras:** *Maranhão Reportagem - as dez melhores reportagens publicadas no Maranhão na década de 1990* (2000); *Antologia: contos, crônicas, poesias* (2010), e *Quintessência: antologia poética* (2015).

# FERNANDO CUNHA

O escritor Fernando Santos Cunha Filho, 55 anos, natural de Imperatriz, divide a vida de maquinista de trem com a paixão pela escrita. Nos poucos intervalos que tem entre uma atividade e outra o autor, com o auxílio de um aparelho celular, foi escrevendo os textos que deu vida a sua primeira e única obra: *As árvores da minha vida* (2017), lançada durante a 15ª edição do Salão do Livro de Imperatriz (Salimp). O texto reflete o cotidiano do autor que cresceu tendo as árvores como principal ponto de ligação das memórias que marcaram a infância, na década de 70.

**Principal obra:** *As árvores da minha vida* (2017).



# FRANCISCO ALDEBARAN

Nascido no Rio de Janeiro nos anos de 1980 do século passado, Francisco Pereira da Silva Júnior, popularmente conhecido como Francisco Aldebaran, enfrentou todos os tipos de adversidades para ter a chance de ser um escritor. Enfrentou o preconceito por sua cor e pela sua condição financeira no lançamento do seu primeiro livro, aumentando ainda mais a vontade do homem que com apenas 11 anos escreveu seu primeiro texto. O desejo pela liberdade sem restrições é algo visível sobre quem e como o autor leva sua vida, o que basicamente reflete na maneira que compõe seus textos, assim como suas grandes inspirações literárias Edgan Allan Poe, José Saramago entre outros. Funcionário público o autor já publicou três obras.

**Principais obras:** *O mistério da Tarântula* (2011); *Calâmitas, a odisseia da luxúria* (2012) e *Antologia do Descrêdo* em parceria com o escritor Paraibano F.P Andrade (2013).

# FRANCISCO ITAERÇO BEZERRA

Atento as mazelas culturais, o escritor Francisco Itaerço Bezerra expressa em seus discursos a defesa da valorização cultural para sustentar a ética do brasileiro diante das polêmicas no cenário político. O poeta, cronista e contista nasceu no estado da Paraíba e mora em Imperatriz desde 1962. Ele é autor de quatro obras literárias, é membro da Academia Açailandense de Letras, ocupante da cadeira de número 22 e da Academia Imperatrizense de Letras, onde ocupa a sétima cadeira.

**Principais obras:** *Cada poesia uma história* (2001); *Meias metades: histórias de vida contadas em pedaços* (2007); *Um punhado de poesia e uma mão cheia de prosa* (2014) e *Encontro entre poesias e contos* (2016).

# FRANCISCO LIMA

Sacerdote da igreja católica, o padre Francisco Lima Soares, de 53 anos, é membro da Academia Imperatrizense de Letras desde 2005, ocupante da cadeira de número 40. Em seu currículo acadêmico o autor coleciona diversos diplomas: cursou Teologia no Seminário Santo Antônio, em São Luís, capital do Estado; é graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); é mestre em Ciências Sociais e Econômicas pela Universitas Catholica Parisiensis, em Paris; e pós-graduado em Filosofia e Modernidade pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e em Mídia e Opinião pela Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo. Algumas de suas obras escritas revelam essa trajetória. O escritor religioso foi o primeiro padre ordenado pela Diocese de Imperatriz em 1990 e atualmente também cumpre a função de docente da Faculdade de Educação Santa Terezinha (FEST), em Imperatriz.

**Principais obras:** *Introdução ao pensamento filosófico* (1997); *Introdução à Sociologia* (2009) e *Introdução ao pensamento sociológico* (2016).

# HELENA VENTURA

A trajetória marcada pela vocação de ajudar ao próximo levou a escritora baiana Maria Helena Ventura Oliveira a dividir seu talento entre obras assistenciais e a literatura. Graduada em Assistência Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Helena Ventura é autora de crônicas e artigos, tendo publicações nos jornais diários *O Progresso*, em Imperatriz; e *Jornal Capital*, em São Luís. Ela chegou a Imperatriz em 1973, fortalecendo suas raízes ao receber o título de “Cidadã Imperatrizense”, da Câmara de Vereadores durante a gestão municipal de José de Ribamar Fiquene (de 1983 a 1988), como homenagem à sua dedicação nas causas sociais na cidade. Entre suas ações está o papel de organizadora da Associação de Pais de Alunos dos Excepcionais (APAE), entidade ligada ao amparo e orientação das crianças com necessidades especiais, entre outros. A escritora é membro da Academia Imperatrizense de Letras, onde ocupa assento 24 desde 2006 e foi uma das sete personalidades a receber do Poder Executivo de Imperatriz a Comenda Frei Manoel Procópio em 2009, referente aos serviços prestados ao município.

**Principais obras:** *Experiências de Vidas na Comunidade Pesqueira* (1966) e Textos publicados no jornal *O Progresso*.

# HYANA REIS

Hyana Reis, 25 anos, parte de um mundo de escritores que se debruça em histórias sobre a cidade às margens do rio Tocantins. Formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão ela tem seu nome vinculado a duas obras lançadas em Imperatriz. Na contra mão da rotina jornalística, que exaspera uma produção mais fria, a profissional em colaboração de amigos de redação lançou o livro *Vidas em Pauta*, lançado pela editora Ética, em 2015, que foi sua primeira caminhada como escritora; seguido de *Crônicas da Cidade*, pela mesma editora em 2016, que revelam um estilo pessoal ao contar causos da cidade. Inspirada no autor gaúcho Erico Veríssimo, a jornalista usa sua bagagem de vida para transmitir e dar voz ao outro. Não é incomum, por exemplo, que sua rotina e seus conhecidos ilustrem, ora ou outras, suas histórias. É o caso do dia em perdeu um brinco e este foi devolvido por um gari da cidade que mais tarde tornou-se fonte de uma das histórias do seu primeiro livro.

**Obras principais:** *Vidas em Pauta* (2015) e *Crônicas da Cidade* (2016).

# ITAMAR FERNANDES

Tendo residido em Imperatriz por mais de 30 anos, o médico pediatra e escritor Itamar Dias Fernandes, 68 anos, prestou um relevante papel no município, com maior destaque na área da saúde. Ele foi um dos primeiros médicos da cidade a promover discussões a cerca do aleitamento materno, assunto que foi tema de seus estudos científicos. Assumiu cargos como diretor do Centro de Saúde dos Três Poderes, em 1987, e subsecretário de Saúde da Região Tocantina de 1988 a 1992. Itamar Fernandes uniu a profissão de médico ao fascínio pela escrita: há mais de 30 anos o autor mantém ativa uma coluna literária no *Jornal da Associação Médica de Imperatriz*. Desde 1980 esse espaço traz textos que relatam as vivências profissionais, ideias filosóficas acerca da vida do autor. Em 2004 ele integrou a Academia Imperatrizense de Letras como membro ocupante da cadeira de número 35.

**Principais publicações:** Textos publicados no *Jornal da Associação Médica de Imperatriz*, (JAMI).

# IVAN LIMA

O pedagogo e psicanalista Ivan Lima de Azevedo, 49 anos, natural de Imperatriz, percebeu que poderia compartilhar seu conhecimento por meio da literatura e foi motivado por esse pensamento que desde 1988 vem escrevendo sobre o que mais gosta: orientações e formação de personalidade. O autor é membro da União Brasileira de Escritores desde 2008 e é vice-presidente da Academia de Letras de João de Lisboa, onde ocupa a cadeira de número 2 desde junho de 2017. Recebeu em 2012 da câmara de vereadores de Imperatriz a medalha por mérito Barão de Coroatá. A condecoração foi um reconhecimento pelo conjunto de seu trabalho. Intelectual, o autor ainda trabalha como apresentador do programa 'No divã', exibido na Rede TV em Imperatriz, que aborda sobre a vida e faz reflexões a cerca de situações cotidianas.

**Principais obras:** *A Menina que apanhava* (2005); *Pais Ausentes, Filhos Online* (2008); *Família emocionalmente saudável* (2010); *Lobo da colina* (2010); *Diário de um esquizofrênico* (2011) e *Mentes barulhentas* (2016).

# JAMES PIMENTEL

James Pimentel, 26 anos, é formado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão em 2013. Ele busca no cotidiano a possibilidade de falar sobre as relações humanas. Sua obra *Histórias de pescador: livro-reportagem sobre o cotidiano de quem sobrevive da pesca na Avenida Beira-rio*, publicada em 2013, traz essa marca. A produção é o resultado de seu Trabalho de Conclusão de Curso, na qual o autor envolve características de Imperatriz e dos trabalhadores ribeirinhos.

**Principais obras:** *Histórias de pescador: livro-reportagem sobre o cotidiano de quem sobrevive da pesca na Avenida Beira-Rio* (2013).



# JOÃO PAULO SANTANA MACIEL

O 'NÃO' categórico como resposta para o questionamento sobre ser escritor uma profissão rentável, mostra que é paixão o que move a produção do professor, compositor e escritor João Paulo Santana Maciel, 45. Ele iniciou sua aventura pela escrita em 1999, com poesias, mas foi a prosa, no estilo técnico dissertativo, que lhe rendeu frutos. É esse o modelo de narrativa que encontramos em *Guerrilha no Araguaia-Tocantins*, publicado pela Ética Editora, único livro oficial do autor. Paulo Maciel, como é conhecido, é natural de Tuntum-MA e está em Imperatriz desde 1989. Enraizado na segunda maior cidade do estado, o autor contribui com a memória social da cidade, seja por meio da literatura tradicional ou da música, uma vez que seu livro trata de um dos momentos históricos mais significativos da região Tocantina, ocorrido no auge da Ditadura Militar no Brasil.

**Principal obra:** *Guerrilha no Araguaia-Tocantins* (2014).

# JOÃO RENÔR

Tendo sua trajetória marcada principalmente pela profissão de professor, o escritor João Renôr Ferreira de Carvalho, natural de Fortaleza dos Nogueiras, MA, tornou-se um imortal da Academia Imperatrizense de Letras, onde ocupou a cadeira de número 34, atualmente ocupada pelo também professor e escritor Márcos Fábio Belo Matos. Ele também é membro da Academia de Letras, História e Ecologia da Região Integrada de Pastos Bons. João Renôr teve grande destaque enquanto pesquisador sobre os sertões maranhenses e a Amazônia brasileira do período colonial, assunto do qual resultou em suas mais de dez obras publicadas, na sua maioria pela editora Ética. O autor faleceu em março de 2016, na capital São Luís, MA.

**Principais obras:** *A política do marquês de Pombal na Amazônia* (1980); *Autos de devassa contra os índios Mura do rio Madeira no ano de 1739* (1984); *Aspectos do povoamento da Amazônia brasileira nos séculos XVII ao XIX* (1997); *Momentos de história da Amazônia* (1998); *As guerras justas e os autos da devassa contra os Índios da Amazônia Brasileira no Período Colonial* (2000); *Os índios Guêguê e Acaroá (Craô) do Piauí colonial no período de 1738 a 1774* (2002); *Ação e Presença dos Portugueses na Costa Norte do Brasil no Séc. XVII* (2004); *Resistência indígena no Piauí colonial: 1718-1774* (2005); *A Geopolítica lusitana do século XVIII no Piauí colonial* (2007); *O Maranhão na História: O Maranhão Português em Apreciação Histórica - Volume 1 e 2* (2010); *O Samuel Benchimol que eu conheci: um homem apaixonado pelo mundo amazônico. 1. ed.* (2011).

# JOAQUIM HAICKEL

Cineasta, empresário e político ludovicense, o escritor Joaquim Elias Nagib Pinto Haickel, de 57 anos, tem uma trajetória mista no campo das artes. Como cineasta lançou o filme *Pelo Ouvido* em 2008, o qual lhe rendeu onze prêmios em festivais nacionais e internacionais, entre os anos 2008 e 2009. O contista, cronista e poeta é autor de doze livros editados pela própria empresa, a Edições Guarnicê. Joaquim Haickel, que também é advogado formado pela Universidade Federal do Maranhão foi eleito deputado estadual em 1982, e logo em seguida eleito deputado federal constituinte. Entre 2011 e 2014 exerceu o cargo de secretário de esportes do Estado do Maranhão. Sua família foi responsável pela criação do Museu da Memória Audiovisual da Fundação Nagib Haickel, em 1998. O escritor é membro da Academia Imperatrizense de Letras desde 2006 e da Academia Maranhense de Letras desde 2009.

**Principal obra:** *A ponte* (1990).

# JOSÉ BREVES

Dedicando parte de sua vida ao estudo da leitura, escrita e ensino de língua materna, o escritor e pesquisador José de Souza Breves Filho é dono de uma vasta formação acadêmica: é graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 1982; e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), em 1994. Teve grande participação acadêmica durante os 10 anos que residiu em Imperatriz, sendo um dos 14 fundadores da Academia Imperatrizense de Letras, em 1991, da qual foi membro ocupante da cadeira de número 21. Mudou-se de Imperatriz para cursar Mestrado e Doutorado na Universidade Estadual Paulista (Unesp), em 1994. Pelas constantes viagens e por residir em outros estados no seu projeto de qualificação profissional, José Breves renunciou à condição de acadêmico, conforme o regimento interno da ALL.

**Principais obras:** *Pelos túneis do texto: tecendo uma proposta de leitura* (1996); *Uma leitura da literatura infantil na escola* (2004) e *A leitura e a análise de texto na educação superior* (2011).

# JOSÉ GERALDO DA COSTA

Natural de Pernambuco, o professor e colunista José Geraldo da Costa iniciou sua trajetória no cenário cultural ainda em Recife, sua cidade natal, como co-fundador do Movimento de Cultura Popular (MCP), cuidando do planejamento organizacional e das comunicações institucionais. Em 1982 veio a Imperatriz para coordenar o Campus-II da Universidade Federal do Maranhão, cargo que exerceu até 1985. José Geraldo escreveu inúmeros trabalhos científicos, sendo, porém, autor de uma única obra literária. Ele é membro da Academia Imperatrizense de Letras, ocupante da cadeira de número 16; e da Associação de Imprensa da Região Tocantina (AIRT), respondendo principalmente pelos assuntos ambientais. Foi colunista em diversos jornais da região, como *Jornal de Negócios*, *Sinais dos Tempos*, se estendendo ao jornal *O Estado do Maranhão*, da capital São Luís; e do *O Progresso*, de onde é colaborador por meio da coluna “Ecosofia”, que faz parte do ‘Espaço das Letras’, administrado pela AIL. Editou, imprimiu e distribuiu nos primeiros anos de fundação da AIL a publicação mensal folhAIL.

**Principal obra:** *Ais Caem* (2003).

# JOSÉ HERÊNIO

Natural de Marabá, PA, o advogado e escritor José Herênio de Souza chegou à Imperatriz em 1934, e aqui morou por nove anos. Depois deste tempo buscou novas experiências no Rio de Janeiro, cidade na qual reside atualmente. Em Imperatriz, influenciado pelos escritores e acadêmicos Ulisses de Azevedo Braga, Agostinho Noletto Soares e Waldir Braga ingressou na Academia Imperatrizense de Letras ocupando a cadeira de número 15, e sendo hoje o membro mais antigo de uma instituição. Ele escreveu três livros de cunho histórico, no estilo de crônica.

**Principais obras:** *Retratos Sem Retoques* (2003); *Topônimo Maranhão - Apagando a Mentira* (2005) e *Imperatriz! Nossa avozinha aos 100 anos de idade - Por que Sibéria Maranhense?* (2017).

# JOSÉ QUEIROZ

Influenciado pela mãe no hábito da leitura, o autodidata José Queiroz, agregando-se as funções de jornalista, antropólogo, político, pensador social e espiritualista, foi considerado pelos escritores, em especial Agostinho Noletto, como “agente ativo e eficiente das transformações sociais do Sul do Maranhão”. Natural de Carolina, MA, nascido em 1892, José Queiroz dedicou-se à educação e ao incentivo a leitura. Foi um dos fundadores da Casa Humberto de Campos, em 1939, instituição semelhante a uma academia de letras; da Biblioteca Cândido Mendes, em 1919. De 1913 a 1932 o escritor fez circular o primeiro jornal impresso da região Sul Maranhense, *O Tocantins*. Ele foi patrono da Academia Imperatrizense de Letras, ocupante da cadeira 25 e faleceu em outubro de 1976, aos 84 anos. Em memória foi dado seu nome a uma rua no bairro Vila Redenção e a uma escola na Vila Vitória, ambos em Imperatriz.

**Principais publicações:** Textos publicados no jornal *O Progresso*.

# JOSÉ RIBEIRO

Movido pela curiosidade, o escritor José Ribeiro de Oliveira descobriu o mundo das crônicas ainda criança e teve entre suas primeiras experiências literárias poemas escritos com inspiração de sua mãe. O autor maranhense nasceu no antigo município de Lago da Pedra, MA, e mora em Imperatriz desde 1998. Escreveu dez obras, entre literárias e da área jurídica, neste último com foco nos Direitos penal e público. No dinamismo literário destaca-se a obra *O menino bem-te-vi* (2011), que conta a história de uma criança com problemas na pronúncia das primeiras palavras e sem orientação dos pais cresceu com a dificuldade de comunicação. O escritor é membro da Academia Imperatrizense de Letras, onde ocupa da cadeira de número 12.

**Principais obras:** *Reforma agrária: começo, meio e fim* (Rio de Janeiro (1996); *Instituições da Polícia Civil* (1996); *O fantasma das drogas* (2002); *A corrupção entrava o Brasil* (2005); *Medicina Legal e Criminalística* (2007); *O Pacto da Floresta* (2010); *O menino bem-te-vi* (2011); *O estupro* (2012); *A aflição de um matador* (2014); *Crônicas e reflexões de amor e ódio* (2014).



# JUCELINO PEREIRA DA SILVA

A poesia e teatro são duas das artes para as quais Jucelino Pereira da Silva se dedicou. O imperatrizense de 56 anos começou a publicar suas peças poéticas no extinto diário imperatrizense *Jornal do Tocantins*, em 1980, quando teve grande participação no movimento literário de cidade. O autor foi membro do Grupo Literário de Imperatriz (Gruli), que era ligado informalmente à Associação Artística de Imperatriz (Assarti) e se dedicava à discussão e à produção literárias regionais. Jucelino Pereira é formado em Direito pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e membro da Academia Imperatrizense de Letras, ocupante da cadeira de número 01 na instituição. O escritor ingressou no jornalismo em 1981, profissão que ainda exerce, ainda que nunca tenha tido formação superior nesta área. Atualmente ele é redator do jornal *O Progresso*, único jornal impresso da cidade desde 1970.

**Principais obras:** *Insight (textos sacros) Imperatriz: 150 anos* (artigo; coletânea da AIL (2002).

# JURIVÊ DE MACEDO

Embora não tenha publicado nenhum livro, o jornalista e advogado Raimundo Jurivê Pereira de Macedo teve grande importância na imprensa imperatrizense e na Academia Imperatrizense Letras (AIL), instituição na qual ocupou a cadeira de número 11, como fundador. Ainda que não tenha formação superior, Jurivê de Macedo tomou para si as atividades da advocacia e do jornalismo, com este último teve grande destaque. Chegou à Imperatriz em 1967 e em 1970 fundou juntamente com o empresário José Matos Vieira o mais antigo jornal impresso em circulação na cidade *O Progresso*, e esteve à frente de sua redação até 1984 sendo responsável pela coluna “Comentando os fatos”, e logo em seguida foi para o jornal *O Estado do Maranhão*, onde deu continuidade à coluna até 2010. Ele recebeu pela Prefeitura de Imperatriz, em 1995, a Comenda Frei Manoel Procópio, e em 2004 recebeu da AIL o “Prêmio Literário Academia Imperatrizense de Letras” pelo compilado de crônicas publicadas em jornais e revistas. Seu texto é marcado pela sátira e humor explícito, característica que levou a AIL a publicar em sua homenagem a obra *Jurivê Macedo: mestre da crônica jornalística* (2012), uma coletânea de textos do jornalista; e a Prefeitura de Imperatriz a instituir a “Medalha Jurivê de Macedo”, concedida anualmente nas celebrações do aniversário da cidade aos jornalistas que se destacam em suas atividades.

**Principal obra:** *Jurivê Macedo: mestre da crônica jornalística*. (edição póstuma, 2012).

# KALINE CUNHA

Com um texto simples e objetivo, Kaline Ferreira Cunha, natural de Imperatriz escreveu sua única obra *Palco Iluminado: Histórias do Teatro em Imperatriz*, publicado pela editora Ética em 2014. Nela retrata a vida de artistas do teatro da cidade a partir da descrição típica do jornalismo literário. A obra é resultado de seu trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) produzido em 2010. Aos 34 anos, antes inspirada por Nelson Rodrigues, Cremilda Medina entre outros escritores, a autora viu crescer em si essa paixão pelo mundo da escrita. Atualmente ela é assessora de comunicação do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica das Redes Públicas Estadual e Municipal do Estado do Maranhão (Sinproesemma).

**Principal obra:** *Palco Iluminado: Histórias do Teatro em Imperatriz* (2014).

# LEONILDO ALVES

Natural de Pastos Bons, MA, o empresário e poeta Leonildo Alves de Sousa passou a fazer parte do cenário cultural de Imperatriz quando aqui chegou, em dezembro de 1978. Antes de iniciar as atividades no ramo empresarial, o autor agregou em seu currículo a função de editor literário do *Jornal do Tocantins*, em página publicada aos domingos, entre 1981 e 1982, mesma época em que foi vencedor na categoria poesia do 7º Festival de Poesia, Crônica e Conto de Imperatriz, promovido pelo Grupo Literário de Imperatriz (Gruli) e Associação Artística de Imperatriz (Assarti). O poeta é membro fundador da Academia Imperatrizense de Letras, ocupante da cadeira 27 desde 1994 e da Academia de Letras, História e Ecologia da região integrada de sua cidade natal, na qual ocupa a cadeira de número 06.

**Principais obras:** *Açoitando a filantropia humana* (1986); *Filosofia na paz poética* (1993); *O infinito espaço do ser* (2008) e *O contato inicial* (2009).

# LIRATELMA CERQUEIRA

Tendo iniciado na escrita pela necessidade de oferecer aos alunos do curso de Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul) material que não era disponível na Biblioteca da Universidade, a autora Liratelma Alves Cerqueira tem no conjunto de sua obra textos técnicos que exploram aspectos da linguagem (Comunicação, leitura, gerundismo, etc) e literários enraizados no estilo de contos e crônicas ficcionistas e não-ficcionistas que são publicados no Caderno Extra da página da AIL no jornal *O Progresso*. A autora nasceu em 1951, na cidade de São José de Piranhas, PB, e está em Imperatriz há 43 anos. Ela é membro ocupante da cadeira de número 39 na Academia Imperatrizense de Letras desde 2004, instituição na qual é vice-presidente.

**Principais obras:** *Contos reunidos - Academia Imperatrizense de Letras* (2011) e *Antologia - Academia Imperatrizense de Letras* (2014).

# LOURIVAL DE JESUS SEREJO

Com dedicação voltada para a área jurídica, aliada ao prazer pela literatura, o escritor, advogado e professor Lourival de Jesus Serejo, natural de Viana, MA, percorre esses distintos caminhos contribuindo de forma ativa na valorização da cultura da cidade de nascimento e posteriormente de Imperatriz, cidade que o acolheu. Lourival Serejo atua no campo literário e jurídico, com obras nas duas áreas, as quais foram pontos importantes para concorrer as cadeiras que hoje ocupa. Em 1981 o autor ingressou na magistratura no exercício da função de juiz de direito em várias comarcas, dentre as quais a Comarca de Imperatriz, período em que participou da fundação da Academia Imperatrizense de Letras, ocupante da quarta cadeira numerada pela instituição. Lourival Serejo também é membro da Academia Maranhense de Letras, onde ocupa 35ª cadeira, membro fundador da Academia Vianense de Letras, ocupando a cadeira de número 10; membro fundador da Academia Maranhense de Letras Jurídicas, com a cadeira de número 10. Ele também faz parte do Instituto Brasileiro de Direito de Família como membro fundador ocupante da cadeira de número quatro.

**Principais obras:** *O presépio queimado* (1991); *Rua do porto* (1997); *Do alto da Matriz* (2001); *O baile de São Gonçalo* (2002); *Na casa de Antônio Lobo* (2006); *Da aldeia de Maracu à Vila de Viana* (2007); *Entre Viana e Viena* (2011); *Aquele pé de goiaba-prata* (2012); *Pescador de memórias* (2013); *Casa blanca* (2016); *Contribuições ao estudo do Direito* (1998); *Direito Constitucional da Família* (2004); *Provas ilícitas no direito de família* (2004); *A família partida ao meio* (2007); *Formação do Juiz: anotações de uma experiência* (2010); *Comentários ao Código de Ética da Magistratura Nacional* (2013) e *Os novos diálogos do direito de família* (2014).

# LUIZ CARLOS PORTO

Imperatrizense por natureza, o escritor Luiz Carlos Porto, 60 anos, conhecido como Pastor Porto escreveu sete livros boa parte deles inspirados na sua trajetória repleta de andanças. O autor viajou pelo Brasil na busca por sua formação acadêmica: em Recife (PE), cursou bacharelou-se em Teologia, em 1985; em Londrina (PR), fez Mestrado e Doutorado em Teologia na Faculdade Teológica Sul Americana, além de ter participado de inúmeros congressos mundiais para líderes cristãos, entre eles, um em Amsterdã (Holanda, 1986) e outro em Seul (Coréia do Sul, 1995). Ele tem grande representatividade cristã tendo sido pastor em várias igrejas nos estados de Pernambuco e Minas Gerais, onde também exerceu a função de diretor-executivo da Associação Evangélica Brasileira daquele Estado. Em Imperatriz foi pastor missionário e secretário especial da Associação Evangélica Brasileira para o Nordeste e relações públicas da Associação dos Pastores da cidade. Atuou também na política tendo sido vice-governador do Estado, em 2006, ao lado de Jackson Lago. Luiz Carlos Porto é membro da Academia Imperatrizense de Letras, ocupante da cadeira de número 36. Em 2005 foi eleito a presidente da AIL, tendo se afastado da função na metade do mesmo ano para concorrer as eleições. Suas principais produções literárias são artigos no jornal *O Progresso* de 1979 a 2002, além dos seus livros que refletem a sua religiosidade e carreira profissional.

**Principais obras:** *Compaixão: síntese da missão integral da Igreja* (2000); *Cristianismo e cidadania. vol. 1.* (2001); *Cristianismo e cidadania. vol. 2.* (2002); *Debaixo do sol* (2003); *Imperatrizando* (2005); *Casa dividida: uma visão panorâmica da fragmentação, belezas, feiúras, potencialidades e fragilidades da Igreja Evangélica Brasileira* (2007).

# MAGNO URBANO

O professor e escritor Magno Urbano de Macedo descobriu a literatura na pré-adolescência inspirado pela série infantil e adulta de Monteiro Lobato. Mais tarde equilibrou sua descoberta com outra área, pela qual publicou o único livro que tem oficialmente em seu nome; *Química* (1999), livro didático publicado pela editora IBEP, com a qual tem desde 1980 um contrato de produção literária e compôs em parceria com o também escritor Tasso Assunção e com o professor José Luiz, o livro paradidático *Poesia Comentada*, em 1997. O escritor paulista é membro da Academia Imperatrizense de Letras, ocupante da cadeira número 17, e foi vencedor do Festival de Poesia, Crônica e Contos quatro anos seguidos, de 1988 a 1991.

**Principal obra:** *Química, coleção Horizontes* (1999).



# MÁRLON REIS

Motivado a escrever pelo compromisso com a ideia de eleições mais livre e justas no Brasil, o advogado e jurista Márlon Jacinto Reis, 48 anos, natural de Pedro Afonso, no estado do Tocantins, é conhecido nacionalmente por ser o idealizador da expressão do projeto de lei “ficha limpa”, que impede a eleição de candidatos condenados por órgãos colegiados a cargos políticos. O autor se define como livre pensador, e por ter construído uma história que lhe proporciona a liberdade literária que ele tem como objetivo coletivo construir um projeto de sociedade menos corrupta, mesmo que atinja diretamente grandes políticos. Seu livro *Nobre deputado*, 2014, é reflexo do que o autor acredita. O conteúdo da obra causou alvoroço na política nacional, o que rendeu a Márlon um processo por parte da Câmara dos Deputados, sendo absolvido ao fim do julgamento. Ainda que enfrente barreiras, o autor continua a se enveredar por uma literatura política, concisa e direta.

**Principais obras:** *Uso eleitoral da máquina administrativa e captação ilícita de sufrágio* (2006); *O gigante acordado* (2013); *Direito eleitoral brasileiro*, 1ª edição (2012); *O nobre deputado*, (2014) e *A república da propina* (2015).

# MIGUEL DALADIER

Autodefinido como um escritor-pesquisador, Miguel Daladier Barros, de 64 anos, usa da vontade de falar com o leitor para compor as obras, que por sua vez abordam temas como História do Direito, orientações na educação infantil, bem como orientações sobre sindicância. Natural de Parnamirim, RN, o autor mora em Imperatriz há 35 anos e só veio a se aventurar no mundo da escrita em 1999, quando escreveu seu primeiro livro: *Guia do Encarregado de Sindicância*, lançado pela Ética Editora. Daladier é advogado, professor universitário na Unidade de Ensino Superior do Sul do Maranhão (Unisulma) e Coronel da Reserva Remunerada do Exército Brasileiro. O autor tem ainda uma coluna na versão online do jornal *O progresso* com o título de sua obra: *Direitos & Deveres*.

**Principal obra:** *Guia do Encarregado de Sindicância* (1999); *Lei Orgânica do Município de Imperatriz* (2005); *Manual de Sindicância à luz do contraditório e da ampla defesa* (2006); *Educação Infantil (co-autoria)* (2007); *O Drama dos Refugiados Ambientais no Mundo Globalizado* (2011); *Magna Carta* (2015); *Inglaterra: 800 anos depois* (2015) e *Direitos & Deveres* (2016).

# NATÁLIA MENDES

Para a escritora paulista Natalia Mendes Teixeira, 26 anos, a sensibilidade, a percepção social e a filosófica fazem parte da receita para escrever e são características que estiveram presentes na composição de sua primeira obra: *Imperatriz, 'a terra da pistolagem': assassinatos, memórias, fatos, representações e lógicas sociais*, (2016), fruto de sua monografia. A autora escreve em cadernos pessoais desde 2004, mas foi na universidade que percebeu que poderia contribuir ainda mais aliando seu lado professora e pesquisadora à literatura. Essa percepção teria sido um divisor de águas na sua caminhada como escritora que busca resgatar a memória social com sua obra. A autora é graduada em Ciências Humanas – Sociologia, pela Universidade Federal do Maranhão e atualmente cumpre a função de Agente Legislativo na Câmara Municipal de Imperatriz. Exercendo a literatura, escreve a coluna "Do batom ao Infinito", todas as sextas feiras no jornal *Correio Popular*.

**Principal obra:** *Imperatriz, 'a terra da pistolagem': assassinatos, memórias, fatos, representações e lógicas sociais* (2016).

# NAYANE BRITO

Criar histórias e desenhar os personagens foi, por algum tempo, esquecido, mas o desejo de escrever levou a jornalista e historiadora Nayane Cristina Rodrigues de Brito, de 31 anos, a dar seus primeiros passos. O interesse em tornar histórias conhecidas a induziu por este caminho. Licenciada em História pela Universidade Estadual do Maranhão, atual Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul), em 2011 e graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) no mesmo ano. Ela é autora do livro *Ondas da Memória: a pioneira Rádio Imperatriz*, publicado em 2014 pela Halley S.A. Gráfica e Editora, fruto da produção do trabalho final como pré-requisito para a conclusão do curso de Jornalismo. Também fez parte da organização do e-book *Jornalismo, Mídia e Sociedade: as experiências da Região Tocantina*, em parceria com mais três autores, publicado pela editora EDUFMA, em 2016. É mestre em Jornalismo pela Universidade de Ponta Grossa, no Paraná e atualmente está cursando doutorado em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

**Principal obra:** *Ondas da Memória: a pioneira Rádio Imperatriz* (2014).

# NENECA MOTTA

Descende de portugueses, Sebastiana Vicentina da Motta Mello ou simplesmente Neneca Motta, nasceu em 20 de janeiro de 1930 em Minas Gerais no município de Passa Quatro. A autora tinha como sonho se tornar advogada e jornalista, mas foi impedida pelo pai, tornando-se aos 18 anos professora do primário. Sua vontade de estudar sempre foi cheia de barreiras, antes pelo pai autoritário e logo depois pelo marido que acreditava que ela poderia descuidar dos filhos e de casa. Nessa época Neneca tentava a graduação em Pedagogia. Só conseguiu ingressar na universidade aos 40 anos, quando cursou Letras Neolatinas na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC- Campinas). Seus escritos estão envoltos de questões femininas, e infantis em versos e prosas, tendo publicado seu primeiro livro em 1997, aos 67 anos. A autora chegou a Imperatriz em 1986 e trazendo a paixão pela escrita editou durante vários anos a página "Mulher & Cia." no jornal *O Progresso*. Neneca Motta fez parte do grupo de quatorze pessoas que eram ligadas ao mundo das letras e que foram responsáveis pela fundação da Academia Imperatrizense de Letras, ocupando na instituição a cadeira de número 18. A autora faleceu em abril de 2016 na cidade de Serra Negra (SP).

**Principal obra:** *A Casa da Esquina* (1997).

# PASTOR WILSON FILHO

Wilson Alves Moreira Filho é natural de Bacabal, MA, e reside em Imperatriz há 35 anos. Ele é pastor evangélico e sua vontade de escrever surgiu do interesse de divulgar a fé a partir das suas experiências em viagens que realizou ao longo da sua caminhada na igreja. Otimista, o autor diz que sua obra reflete a sua vivência e que as histórias que conta são um retrato das experiências vividas. Como resultado deste trabalho o autor pretende contribuir para o crescimento espiritual e ser agente no desenvolvimento sociológico e religioso na cidade de Imperatriz.

**Principal obra:** *Ganhando e discipulando através dos pequenos grupos* (2015).

# PHELIPPE DUARTE

Com a pretensão de deixar uma marca expressiva na publicidade e na literatura, o escritor imperatrizense Phelippe Duarte Santos, de 33 anos, enveredou pelo caminho da escrita ainda criança, publicou os livros *Sentimentos e Contradições* (2004) pela Gráfica *Styllus* e *Diário de um Coração* (2009) pela Ética editora. São obras que refletem o olhar introspectivo que tem sobre a escrita, a qual julga ser “uma forma de liberar qualquer tipo de sentimento”. Além de suas obras, o poeta e cronista tem publicações no caderno Extra do jornal *O Progresso* desde 2007.

**Principais obras:** *Sentimentos e Contradições* (2004) e *Diário de um Coração* (2009).

# RIBAMAR FIQUENE

Nascido em Itapecuru-Mirim, MA, o político, professor e escritor formado em Direito pela Faculdade de São Luís em 1957, José de Ribamar Fiquene colecionou diversas honrarias em sua trajetória: recebeu da Câmara Municipal de Imperatriz o título de "Cidadão Imperatrizense" pelos serviços prestados à cidade e a Comenda Frei Manoel Procópio concedida pelo Município em 1999. No cenário político foi prefeito de Imperatriz de 1983 a 1988, logo depois exerceu os cargos de vice-governador do Estado do Maranhão no mandato de Edison Lobão; e senador. Ribamar Fiquene teve ativa participação no movimento literário imperatrizense da década de 1980, ele é imortal, tendo participado da fundação da Academia Imperatrizense de Letras em 1991 na qual ocupou a cadeira de número 19. Foi também fundador da Academia Literária de Presidente Dutra. Durante sua trajetória, o autor publicou onze obras mescladas entre literárias e da área jurídica. No cenário cultural ele também foi o autor da letra e música do Hino de Imperatriz e da letra e música do Hino Oficial do 50º Batalhão de Infantaria de Selva (50º BIS), quartel militar da cidade.

**Principais obras:** *O Alvorecer* (1992); *Lampejos* (1994) e *Luzes do Amanhã* (2004).



# RIBAMAR SILVA

Natural de Presidente Dutra, MA, o professor e escritor José Ribamar Silva de Sousa, começou sua aventura pelo mundo da escrita fazendo antes a prática da leitura de romances de cordel. Autor de poemas, contos e crônicas, destaca-se principalmente por suas obras poéticas, tendo sido inspirado pela poesia marginal durante a Ditadura Militar e afirmando que “poesia não é apenas uma atividade, é um modo de ser, de viver”. Ribamar Silva integrou diversos movimentos sociais, sendo um dos fundadores da Associação Artística de Imperatriz (Assarti), do Grupo Literário de Imperatriz, do Clube de Leitura de Imperatriz e da Academia Imperatrizense de Letras, da qual foi eleito membro em 2017, e é ocupante da cadeira de número 20. Além de professor, ele exerce a função de assessor parlamentar na Câmara Municipal de Imperatriz, da qual recebeu, em novembro de 2017, o Título de Cidadão Imperatrizense. Auferiu ainda por dois anos consecutivos, 2016/2017, o Prêmio AIL pelas obras *Quintessência: antologia poética* e *Cantos da cidade: antologia*. Sua obra *Poemação* foi premiada como o Livro do Ano em Imperatriz em 1985.

**Principais obras:** *Fragmentos de Mim* (1979); *Rosas e Espinhos*, (1979); *Poemação* (1985); *Caminhos do Corpo* (1996); *Epitáfio de Sonhos* (1997); *Caminhos D'alma* (2000); *Canto da vida inteira*, (2009); *Cuidado e responsabilidade: reflexões sobre a ética da responsabilidade e do cuidado a partir do pensamento de Emmanuel Lévinas* (2010); *Encanto poético* (2016), e *Adalberto Franklin: Presente – Tributo* (2017) (Org. e Edição).

# SÁLVIO DE JESUS DE CASTRO E COSTA

Ainda que tenha o destino lhe levado a investir e formar carreira nas áreas do Direito e da Política, o escritor, advogado, jornalista e político Sálvio de Jesus de Castro e Costa, conhecido como Sálvio Dino, caminhou de forma significativa pelos estilos literários. Contos, crônicas e poemas estão entre suas produções de destaque na literatura regional. Natural da cidade de Grajaú, MA, Sálvio Dino é autor de 14 obras: quatro literárias e dez de cunho histórico e político e do gênero biografia. Atuou significativamente na política da região, tendo sido considerado pelo Centro Social Estudantil Maranhense como o melhor deputado no ano de 1977, foi eleito duas vezes seguidas a prefeito de João Lisboa, MA, e atuou também como presidente da Associação dos Municípios da Região Tocantina. O escritor é membro da Academia Imperatrizense de Letras, onde ocupa a cadeira de número 02 desde sua fundação em 1991, onde exerceu a função de vice-presidente nos anos de 1991 e 1992; também é membro das Academias Grajauense e Maranhense de Letras. Ele é formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela antiga Faculdade de Direito do Maranhão.

**Principais obras:** *Trilogia da emoção* (1964); *Raízes históricas do Grajaú* (1974); *Semeando manhãs* (1985); *Quem passar por João Lisboa* (1985); *Onde é Pará, onde é Maranhão?* (1990); *Luzia: quase uma lenda de amor* (1990); *O perfil histórico do Rio Tocantins* (1992); *A Faculdade de Direito do Maranhão* (1996); *Leões: um palácio de histórias, lendas, mitos & chefões* (1997); *Clarindo Santiago: o poeta desaparecido no rio Tocantins* (1997); *Verde, sertões e vidas* (1999); *Parsondas de Carvalho: um novo olhar sobre o sertão* (2011) e *Do Grajaú ao Cume da Intelectualidade* (2014).

# TASSO ASSUNÇÃO

Manifestando o gosto pela leitura desde a infância, Paulo de Tasso Oliveira Assunção enveredou pelo caminho da escrita sendo esta a sua única forma de trabalho, cujo leque se abre para além da literatura. Ele foi revisor do *Jornal de Imperatriz*, secretário de redação do *Jornal de Negócios*, repórter do *Jornal de Açailândia*, redator do jornal impresso *O Progresso*, correspondente do jornal *O Imparcial*, de São Luís, além de outras militâncias na imprensa regional. Tasso Assunção ocupa o assento de número 14 na Academia Imperatrizense de Letras, da qual é membro fundador. Das cinco obras publicadas destaca-se *Náusea* (2011), uma coletânea de artigos anteriormente divulgados na imprensa local sobre questões de cunho social, psicológico e religioso.

**Principais obras:** *Desconexos* (1986); *Sinergia* (nova edição de *Desconexos*) (2002); *Êxtase* (2006); *Náusea* (2011) e *Contos do aprendizado* (2014).

# TEREZA BOM-FIM

Acreditando que a leitura, a literatura e as artes podem ser vividas como experiências culturais para ampliar o raio de ação e reflexão do ser humano, a escritora e professora Maria Tereza Bom-fim Pereira tem no panorama literário de Imperatriz a missão de transmitir pelo seu trabalho a valorização cultural na cidade. Tereza Bom-fim é doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC); é professora Associada da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no curso de Pedagogia, ela é sucessora de Dom Affonso Felliipe Gregory na Academia Imperatrizense de Letras, ocupando a oitava cadeira. Suas obras são reflexo de um trabalho desenvolvido para contribuir com o melhor rendimento para educadores do Ensino Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

**Principais obras:** *O livro-de-imagem: um (pre)texto para contar histórias* (2000); *O livro-de-imagem: um (pre)texto para contar histórias — caderno de atividades* (2009); *Professor-leitor: de um olhar ingênuo a um olhar plural* (2008); e *Asas da imaginação: leituras sobre a criança que lê* (2013).

# THAYS ASSUNÇÃO

A aptidão para escrita presente desde muito cedo na vida da jornalista, historiadora e escritora Thays Assunção, de 28 anos, teve um grande salto quando ingressou no curso de Comunicação Social – Jornalismo, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em 2007, tendo sido, como ela diz, “lapidada na produção de sua primeira obra oficial”, o livro *História da Imprensa em Imperatriz (1932-2010)*, um trabalho feito durante a graduação que apresenta um “retrato” da trajetória dos jornais Imperatrizenses. A autora, que se auto define como autêntica e corajosa, leva para sua obra esta característica, uma vez que seu livro, antes de ser publicado foi premiado pela Associação de Pesquisadores em História da Mídia da Região Nordeste durante o congresso da Alcar Nordeste, em 2012. Thays Assunção é natural de Imperatriz, doutoranda em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2017, e tem entre seus objetivos contribuir com o desenvolvimento de mais pesquisas sobre Imperatriz.

**Principal obra:** *História da Imprensa em Imperatriz (1932-2010)* (2017).

# TRAJANO NETO

Participando desde muito cedo de saraus literários, o escritor Raimundo Trajano Neto enveredou pelos caminhos da poesia tendo a mãe como principal inspiração. O cronista e poeta natural de Vitorino Freire, MA, chegou à Imperatriz em 1975, onde atuou como vereador, eleito em 1997. É autor de quatro obras que abordam temas sobre amor, paz, família e fé. Ele é membro da Academia Imperatrizense de Letras, ocupante da cadeira de número 11, onde também cumpre a função de vice-presidente desde 2015.

**Principais obras:** *Translúcidos* (1999); *Entre tantos e outros* (2003); *Miscelâneas* (2009) e *A Pedra e outros poemas* (2014).

# ULISSES DE AZEVEDO BRAGA

Escritor, ambientalista, político e advogado poderiam simplesmente ser adjetivos capazes de descrever Ulisses de Azevedo Braga, mas não dariam conta de representar a imagem de idealista a qual é lembrado. Natural de Carolina , MA, o escritor ganhou fama ao liderar o movimento de tomada da Prefeitura de Imperatriz em janeiro de 1995, na qual afastou o então prefeito Salvador Rodrigues por descaso administrativo, fazendo com que fosse decretada a intervenção no município pela governadora da época, Roseana Sarney. Ulisses Braga é um dos membros fundadores da Academia Imperatrizense de Letras e ocupou a cadeira de número 03 na instituição até 2011. Sua obra se destaca seu posicionamento político e as atividades do serviço público.

**Principais obras:** *Neoliberalismo social: a revolução branca brasileira* (1989); *Carta urgente: da revolta cidadã à utopia Brasil* (1999) e *Celecino: se não estamos sós* ( 2007).

# VITO MILESI

Na década de 70 a união de distintas culturas começava a mudar o cenário literário de Imperatriz, quando o filósofo, teólogo, tradutor, professor e escritor italiano Vito Milesi, mudou-se para a cidade, em 1979, onde atuou como professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), do qual foi diretor. Vito Milesi integrou o grupo dos 14 fundadores da Academia Imperatrizense de Letras em 1991 e foi presidente da instituição em diversos mandatos, ocupante da cadeira de número nove. Ele é, provavelmente, um dos nomes mais respeitados pelos escritores de Imperatriz. De seus feitos podemos citar a tradução de várias obras do italiano para o português, entre elas *Amore e martirio nella foresta*, de Graziella Merlatti, publicado pela Ética Editora com o título *Amor e martírio em Alto Alegre* (2001). Em sua produção também estão colaborações em jornais em Imperatriz e região e de revistas nacionais e internacionais. Em sua homenagem seu nome foi dado ao campus da Universidade Aberta do Brasil (UAB), localizado na Praça da União e ao auditório da AIL.

**Principais obras:** *Da cidade grande ao sertão* (1983); *Descobrimento ou invasão?* (1992); *Um bispo feliz* (1997); *Pastor e amigo* (1999); *O carvalho do Tasso* (2001); *Toma e leia: fortalecendo a fé* (2002); *Leituras para contar* (2003) e *Leituras para pensar* (2004).



# WALDEMAR PEREIRA

Tendo exercido as funções de advogado, bancário, professor e escritor, Waldemar Gomes Pereira teve experiências capazes de inspirar poesias e crônicas. Ele é autor de pelo menos quatro obras que refletem o caminho por onde passou: de 1945 a 1948 o autor estudou o Ginásio, hoje o Ensino Médio, no Colégio Salesiano de Nossa Senhora do Carmo, em Belém, PA, e mais tarde formou-se em Direito pela Universidade Católica de Goiás. Natural de Porto Franco, MA, Waldemar Pereira dedicou-se a atividades culturais e religiosas, como a criação da Biblioteca Pública Antônio Pereira e da Escola de Música Sebastião Silveira, feita na condição de secretário de Cultura de Porto Franco entre os anos de 1993 a 2002. Suas ações o levaram a ser admitido como membro fundador da Academia Imperatrizense de Letras no dia 13 de novembro de 1997, ocupando a cadeira de número 34. O autor faleceu no dia 8 de março de 2002, em Imperatriz.

**Principais obras:** *Manual do secretário* (1978); *Meu pé de tarumã florido: um retrato de Porto Franco* (1997); *50 anos aos pés da Imaculada: jubileu de ouro da Paróquia da Imaculada Conceição – 1950-2000* (2000); *Retalhos d'alma* (2001).

# WALDIR BRAGA

Atuando na função de jornalista e escritor, Waldir Azevedo Braga, de 89 anos, acumulou experiências unindo as duas áreas. O maranhense, natural de Caxias, MA, colaborou no suplemento literário do jornal *Tribuna Popular*, do Rio de Janeiro, além de ter escrito comentários políticos e econômicos em outros jornais cariocas. Waldir Braga teve participação em jornais como *Jornal de Debates* e *Tribuna Popular*, RJ; *Tribuna de Carolina* e *O Progresso*, MA, por meio de crônicas, contos, comentários políticos e literários e poesias. Ele é membro da Academia Imperatrizense de Letras onde ocupa a cadeira de número 22. Pelo destaque na profissão de jornalista, recebeu o título de "Cidadão Tocantinense" em 2009. O escritor foi o pioneiro do jornalismo no sul do Maranhão, tendo fundado o jornal *Folha do Maranhão do Sul* em 1996, onde exerceu as funções de repórter, redator, articulista e editorialista. O jornal encerrou suas atividades em 2009.

**Principal obra:** *Os 20 anos que mudaram o Brasil* (2012).

# WELITON CARVALHO

Aventurando-se pelo caminho da poesia, o professor, escritor e juiz de Direito Weliton Sousa Carvalho lançou seu primeiro livro em 1999 e no mesmo ano foi efetivado membro na Academia Maranhense de Letras Jurídicas. Anos mais tarde, em 2006, veio para Imperatriz, exercendo aqui a função de docente em instituições superiores, como a Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O autor é membro da Academia Imperatrizense de Letras desde 2011 e ocupa o assento 19 na instituição, anteriormente pertencente a Ribamar Fiquene. Ele tem nove obras publicadas, grande parte lançadas pela editora Sotaque Norte, de São Luís. Em Imperatriz publicou a obra *Pés no chão, cabeça nas nuvens* (2011), pela Editora Ética, durante sua participação na 7ª edição do Salão do Livro de Imperatriz. Este é o primeiro livro infantil do autor.

**Principais obras:** *Travessia sem fim* (1999); *Descobrimento do explícito* (2000); *Sustos do silêncio* (2001); *Tempo em conserva* (2006); *Geomoetria do lúdico* (2008); *Pés no chão, cabeça nas nuvens* (2011); *Cabeça nas nuvens, pés no chão* (2012); *Escandalosa lírica* (2013); *Direitos Fundamentais: constituição e tratados internacionais* (2014).





**Aleilton Santos**, 23 anos, atua como assessor de comunicação e redator publicitário. O interesse por valorizar a cultura de Imperatriz vem desde o primeiro ano da graduação em jornalismo da Universidade Federal do Maranhão. Sonha em ser redator de cinema e divulgar a região Tocantina.

Filha de Maria Zilmar e Manoel dos Santos, **Leiliane de Araújo** ingressou no jornalismo por vontade própria, por identificar-se com o ato de contar e principalmente ouvir histórias. Aos 25 anos, afirma sua paixão pela profissão de jornalista ao mergulhar nesse mundo de pautas, leads e deadlines.



## ORIENTADORA

**Thaísa Bueno**, jornalista, doutora em Comunicação, mestre em Letras e professora no curso de Jornalismo da UFMA em Imperatriz. Amante da literatura.